

# FOLHA DO ARIETE

ANO XXI - NÚMERO ESPECIAL - Nº23 8.48 - EDIÇÃO 1.578 - VENÂNCIO AIRES, RS, QUARTA-FEIRA, 19 DE MAIO DE 1988 - DIRETOR: A. A. SILBERBORG

## A produção do sujeito negro: uma analítica das verdades que circulam em Venâncio Aires - RS.

Viviane Inês Weschenfelder



Generoso tornou-se o maior líder negro de Venâncio Aires



Matriz São Sebastião Mártir



Venâncio Aires, vivência comunitária



ENSINO: As primeiras escolas, como esta em Linha Brasil (na década de 20), eram mantidas pela comunidade

Venâncio Aires nasceu contando uma característica que até hoje é inconfundivelmente cultivada: a vivência comunitária. Alçado de encontro comunitário, de troca de experiências, de busca de soluções pelo melhor caminho, e programas voltados para a melhoria da qualidade de vida, a população identificou-se e organizou-se em torno de sua vivência comunitária. Esta mesma realidade do povo até hoje encontra na educação um espaço para a construção de um futuro melhor. O povo de Venâncio Aires sempre se organizou em torno de sua vivência comunitária e sempre se organizou em torno de sua vivência comunitária.

Respeito às tradições que são a matriz do povo. Centro legado dos pioneiros que foi incorporado ao povo venâncio-aires. As tradições, vivências e heranças. A cultura, memória e identidade. Os costumes, incrustados e fortalecidos. Tudo isso constitui a base de Venâncio Aires, um município com características especialmente próprias. Uma forte impressão da vida do povo, e sua história, todos os momentos de vida, desde o município recém-criado. Tradições que são as raízes de um povo que acredita em si e em sua terra. E por acreditar, uma presença, no cotidiano e no futuro, a sua história.

Amor à terra que nos impulsionou a sair para buscar o futuro. Amor e orgulho pela terra que nos trouxe para aqui, e a disposição para que, através de nossa oportunidade e de raízes para nossa vivência. Características que se misturam nos sentimentos familiares e que transformam Venâncio Aires numa realidade única de seu povo, incorporado ao seu ser. Amor e orgulho que se misturam em todos os momentos de nossa vivência comunitária. Sentimentos que moldaram profundamente a personalidade de um povo que acredita em si. Legado e herança, também dos pioneiros que acreditaram nesta terra.



**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS  
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
NÍVEL MESTRADO**

VIVIANE INÊS WESCHENFELDER

**A PRODUÇÃO DO SUJEITO NEGRO: UMA ANALÍTICA DAS VERDADES  
QUE CIRCULAM EM VENÂNCIO AIRES - RS**

SÃO LEOPOLDO

2012

Viviane Inês Weschenfelder

**A PRODUÇÃO DO SUJEITO NEGRO: UMA ANALÍTICA DAS VERDADES  
QUE CIRCULAM EM VENÂNCIO AIRES - RS**

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre, pelo Programa de Pós-Graduação em Educação – Mestrado da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Eli Henn Fabris

São Leopoldo

2012

### FICHA CATALOGRÁFICA

W511p Weschenfelder, Viviane Inês.

A produção do sujeito negro : uma analítica das verdades que circulam em Venâncio Aires, RS / Viviane Inês Weschenfelder. – 2012.

170 f. : il. ; 30 cm.

Dissertação (mestrado) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2012.

"Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Eli Henn Fabris."

1. Negros – Venâncio Aires (RS). 2. Negros – Educação. 3. Relações étnico-raciais. 4. Tolerância 5. Comunidade. I. Título.

CDU 37

Viviane Inês Weschenfelder

**A PRODUÇÃO DO SUJEITO NEGRO: UMA ANALÍTICA DAS VERDADES  
QUE CIRCULAM EM VENÂNCIO AIRES - RS**

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre, pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS.

Aprovado em 17 de fevereiro de 2012.

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dr. Mozart Linhares da Silva – Universidade de Santa Cruz do Sul

---

Profa. Dra. Maura Corcini Lopes – Universidade do Vale do Rio dos Sinos

---

Profa. Dra. Elí Terezinha Henn Fabris – Universidade do Vale do Rio dos Sinos

*À Deise Cristina, com imensurável amor.*

## **AGRADECIMENTOS**

Gostaria de agradecer a todas as pessoas e instituições que contribuíram para que esta dissertação de mestrado fosse produzida.

Agradeço à Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, especialmente ao Programa de Pós-Graduação em Educação, pela qualidade e pelo acolhimento com que fui recebida nestes dois anos do Curso de Mestrado.

Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES pela viabilização financeira deste estudo através de bolsa.

Agradeço à professora Eli Terezinha Henn Fabris, minha orientadora, pela acolhida, pelo rigor, comprometimento e afeto que me dedicaste neste período. Agradeço também pela sua disponibilidade, dedicação e exemplo.

Agradeço ao professor Mozart Linhares da Silva, pelo incentivo e pelo conhecimento construído ao longo destes anos, desde a graduação. Agradeço por ter aceitado fazer parte desta banca e pelas importantes contribuições fornecidas durante esta etapa.

Agradeço à professora Maura Corcini Lopes, pelo conhecimento adquirido durante estes dois anos, especialmente durante suas instigantes aulas. De forma singular, agradeço por sua participação nesta banca e pelas excelentes sugestões.

Agradeço aos demais professores do Programa de Pós-Graduação, que me proporcionaram importantes momentos de estudo. Agradeço também às secretárias do Programa, Loinir e Saionara, pela seriedade e competência dedicadas durante o período em que fui aluna do Curso.

Agradeço à turma do mestrado em educação 2010, pelo crescimento pessoal e acadêmico, pelo apoio e pelo companheirismo durante nosso tempo juntos. De forma especial, agradeço à Juliana e à Paula, amigas queridas que sempre estiveram de braços abertos para me acolher.

Agradeço ao grupo de pesquisa e orientação da Professora Eli, pelos encontros de estudo, pelas discussões e pela leitura atenta de meus escritos.

Agradeço à Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC, pelo conhecimento fornecido durante a graduação e por disponibilizar sua biblioteca para que eu pudesse escrever esta dissertação.

Agradeço à escola João Carlos Rech, por ter permitido que eu me ausentasse em alguns momentos deste Curso, sendo sempre compreensivos com meus compromissos acadêmicos. Agradeço ao Everton, à Rosana, ao Juliano, à Cintia, ao Jorge e à Lucrécia, colegas muito queridos.

Agradeço à família Weschenfelder, especialmente meus pais e minha irmã, pelo amor incondicional, pelo apoio durante toda a minha vida e por sempre acreditarem no meu potencial. Sem eles nada disso seria possível.

Agradeço aos meus colegas historiadores, que durante estes anos sempre estiveram presente na minha vida pessoal e acadêmica, torcendo para que este momento chegasse, especialmente à Carla e ao Brito.

Agradeço aos meus amigos, pessoas imprescindíveis na minha vida, por estarem comigo nos momentos de conquista e nas horas difíceis. À Carol, à Vivi, ao Mateus, à Janete, ao Maiquel, à Silvana e, de forma especial, ao Fagner, pelo carinho e pela companhia durante este processo de leitura e escrita.

Agradeço, também, à Denise, pela produção da capa desta dissertação.

*E é isso que importa: não produzir algo de verdadeiro, no sentido de definitivo, absoluto, peremptório, mas dar 'peças' ou 'bocados', verdades modestas, novos relances, estranhos, [...] mas que sejam utilizáveis por outros, como as chaves das caixas de ferramentas (Ewald, 2000).*

## **RESUMO**

Esta dissertação de mestrado teve como objetivo entender como se constitui o sujeito negro em Venâncio Aires - RS, a partir da análise das relações de poder e dos discursos que são colocados em circulação neste município pelo jornal Folha do Mate, de 1970 até 2010. Elementos como a visibilidade do afro-descendente e a política cultural desenvolvida por alguns sujeitos negros serviram como mobilizadores para problematizar os efeitos das verdades que vão além dos sujeitos deste espaço. Orientada pela perspectiva Pós-Estruturalista e as teorizações propostas por Michel Foucault, essa pesquisa utilizou o Jornal Folha do Mate como materialidade investigativa. Depois de realizar as análises do jornal, foi possível identificar três discursos que são tomados como verdades, a citar: o discurso da comunidade, o discurso politicamente correto e o discurso da diversidade étnico-racial. Assim, concluiu-se que o regime de verdades que circula em Venâncio Aires toma a diferença como necessária e a materializa por meio da valorização da diversidade e do exercício da tolerância. Em outras palavras, concede espaços de visibilidade ao negro e celebra a sua diferença, mas dificulta ou impede que se desenvolvam práticas interculturais no município, especialmente na Educação.

**PALAVRAS-CHAVE:** sujeito negro – diferença – comunidade – tolerância-  
relações étnico-raciais.

## **ABSTRACT**

This master's degree dissertation had the purpose to understand how the black subject is composed in Venâncio Aires city – RS, based in the analysis of power relation and the speeches brought out by the local newspaper Folha do Mate, from 1970 to 2010. Traces such as the visibility of the African descendant and the cultural guidelines wrote by a few black subjects supplied persuasion to question the effects of the truths that go beyond of the people from this space. Headed for the poststructuralist perspective and theorizing proposed by Michel Foucault, this research took as a palpable investigative data the newspaper called Folha do Mate. After making the analysis of the data it was possible to identify three discourses that are taken as truths, quoted here: the community discourse, the politically correct discourse and the ethnic and racial diversity discourse. Therefore, it is said that the regime of truths that goes around in Venâncio Aires takes the difference as necessary and emerges it through the value given to diversity and the exercise of tolerance. In other words, it concedes places of visibility to the black people and celebrates their difference, but breaks or stops the development of intercultural practices in the Venâncio Aires, especially in Education.

**KEY WORDS:** black subject – difference – community – tolerance - ethno-racial relations.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1 - Bandeira de Venâncio Aires.....	63
Imagem 2 – Pórtico de entrada da cidade de Venâncio Aires.....	64
Imagem 3 – Soberanas da FENACHIM 2010.....	65
Imagem 4 – Candidatas a corte da 1ª FENACHIM.....	66
Imagem 5 - Dados da população de Venâncio Aires por cor/raça.....	78
Imagem 6 - Dados da população de Venâncio Aires por cor/raça.....	78
Imagem 7 – Variação da população residente em Venâncio Aires por cor/raça entre 2000 e 2010.....	79
Imagem 8 – Igreja São Sebastião Mártir.....	84
Imagem 9 – Procissão de São Sebastião Mártir.....	85
Imagem 10 – Procissão em devoção a São Sebastião Mártir.....	86
Imagem 11 – Rainha do Négo.....	98
Imagem 12 – Apresentação da escola de samba do Négo no carnaval.....	98
Imagem 13 – Destaque para as mulatas e os passistas do Négo.....	99
Imagem 14 – Confraternização de futebol.....	104
Imagem 15 – Time de futebol do Clube Gaúcho.....	106
Imagem 16 – Time de futebol Seminário São João Batista.....	106
Imagem 17 – Mulata Café Regional.....	108
Imagem 18 – Princesa do Samba.....	109
Imagem 19 – Capa do encarte de aniversário do município.....	119
Imagem 20 – Anúncio de jogo entre brancos e negros.....	127
Imagem 21 – Reportagem sobre João Generoso dos Santos.....	128
Imagem 22 – Cia Afro-Cena.....	156
Imagem 23 – Festa dos Trabalhadores.....	161

## SUMÁRIO

<b>1 PRIMEIRAS PÁGINAS: uma introdução</b> .....	14
<b>2 TECITURA DAS TRAMAS DA INVESTIGAÇÃO</b> .....	21
2.1 Aproximações com a temática da pesquisa.....	22
2.2 Uma forma de olhar para as coisas deste mundo.....	29
2.2.1 O sujeito negro.....	39
2.3 O jornal Folha do Mate como superfície investigativa.....	48
<b>3 VENÂNCIO AIRES - RS: CONDIÇÕES PARA OUTRA HISTORIA</b> .....	56
3.1 A Capital Nacional do Chimarrão (e suas tramas culturais).....	60
3.2 O negro em Venâncio Aires: história(s) de (in)visibilidade.....	71
<b>4 A CELEBRAÇÃO DA DIFERENÇA: ESPAÇOS CONCENDIDOS AO NEGRO</b> .....	81
4.1 Festa e procissão: a devoção ao padroeiro São Sebastião Mártir.....	83
4.2 “Olha o Négo aí gente!” Sobre carnavais e organização social.....	94
4.3 Onde o negro é mais: esporte e beleza.....	102
<b>5 DAS VERDADES QUE PRODUZEM O SUJEITO NEGRO</b> .....	111
5.1 Modos de ser e viver: o discurso da comunidade.....	112
5.2 O negro como moreno: O discurso politicamente correto.....	124
5.3 O discurso da diversidade étnico-racial: governando os sujeitos venâncio-airesenses.....	130
<b>6 MISCIGENAÇÃO CULTURAL EM VENÂNCIO AIRES: ESPAÇOS DE NEGOCIAÇÃO, TOLERÂNCIA E RESISTÊNCIA</b> .....	141
6.1 Zonas de contato e fronteiras culturais: é possível a interculturalidade?.....	144
6.2 No palco, a Cia Afro-Cena: movimentos de contraconduta?.....	152

<b>7 ÚLTIMAS PÁGINAS: para pensar de outros modos o sujeito negro e a educação.....</b>	<b>159</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>165</b>

## **1 PRIMEIRAS PÁGINAS: uma introdução**

*Afirmamos o multiculturalismo e o respeito à diversidade e dormimos em paz com nossa consciência burguesa (GALLO, 2009, p. 7).*

Pensar a Educação e a cultura na Contemporaneidade implica em pensar a diferença. Utilizo esta provocação de Silvio Gallo para iniciar esta dissertação porque, na maioria das vezes, o discurso da diferença está atrelado à valorização da diversidade, o que acaba por satisfazer uma lógica globalizante e multicultural, mas não enfrenta o cerne das questões que envolvem a diferença. Além disso, meu interesse em desenvolver um estudo da diferença com outro olhar propõe que ela seja pensada não apenas como o oposto da identidade, mas problematizada com a complexidade que ela merece. Na maioria das vezes, os estudos que abordam a diferença acabam por fixá-la na identidade, reduzindo-a ao âmbito da representação e da definição nós/eles. Embora não seja possível desvincular identidade e diferença, olhar para os marcadores identitários que posicionam o negro no município de Venâncio Aires permitirá problematizar os discursos que o constituiu como sujeito no decorrer do tempo.

Ao tomar a Educação como um campo fortemente marcado pelas relações de poder, que produz e é produzido pela cultura, é importante pensá-la como um espaço de luta por significações que não se realiza apenas na escola. Se não existe uma fronteira estabelecida, outras instâncias também são capazes de educar, de governar os indivíduos. Assim, os efeitos da Educação, aqui pensados para além da escola, se constroem em outros espaços da sociedade, como as instituições e os meios de comunicação. A partir dos ensinamentos de autores como Stuart Hall (1997), podemos dizer que a Educação é um espaço amplo de regulação da cultura e pela cultura e que, de acordo com os diferentes tempos e lugares em que se constitui, assume complexas configurações, pois funciona no interior e a partir de intensos jogos e relações de poder. Se a diferença é uma marca de todas as culturas e a educação pode ser entendida como um espaço de regulação,

temos um forte campo para nossos estudos: olhar para a diferença nos espaços educativos.

Esta dissertação, intitulada “*A produção do sujeito negro: uma analítica das verdades que circulam em Venâncio Aires – RS*” teve como objetivo entender como se constitui o sujeito negro em Venâncio Aires - RS, a partir da análise das relações de poder e dos discursos que são colocados em circulação neste município pelo jornal Folha do Mate. Entendo o termo sujeito, neste caso, buscando o mesmo sentido que Foucault utiliza em suas teorizações. Para o filósofo,

Há dois significados para a palavra sujeito: sujeito a alguém pelo controle e dependência, e preso à sua própria identidade por uma consciência ou autoconhecimento. Ambos sugerem uma forma de poder que subjuga e torna sujeito a (FOUCAULT, 1995, p. 235).

No caso desta investigação, a perspectiva Pós-Estruturalista ou Pós-Metafísica<sup>1</sup>, aliada às teorizações propostas por Michel Foucault ajudaram-me a pensar como se constitui o sujeito afro-descendente<sup>2</sup> em um espaço cultural específico, mas que a partir do entendimento das relações de poder e dos discursos que produzem o negro, levaram-me a problematizar os efeitos das verdades que vão além dos sujeitos deste espaço. Embora mobilizem não apenas as relações de poder que atravessam os sujeitos deste espaço, estes efeitos de verdade são materializações de uma mentalidade que se fortaleceu em um determinado tempo e lugar, mediante algumas condições de possibilidades específicas.

Para desenvolver esta pesquisa, utilizei como material de investigação o jornal Folha do Mate, mídia impressa de maior alcance no município de Venâncio Aires. Ao fazer uso de algumas ferramentas analíticas de Foucault, especialmente enunciado, discurso, verdade e governamentalidade, meu

---

<sup>1</sup> Apesar de haver inúmeras discussões sobre as possíveis diferenças entre estas duas nomenclaturas, aqui elas serão tomadas como sinônimas. Explico melhor o que entendo por estas teorizações a seguir, no item que chamo de “Uma forma de olhar para as coisas deste mundo”.

<sup>2</sup> Gostaria de deixar claro que, nesta dissertação, optei por utilizar os termos ‘negro’, ‘afro-descendente’ ou ainda ‘afro-brasileiro’ com o mesmo sentido. Uma análise destes usos encontra-se no capítulo 1, onde explicito, também, porque optei por manter o termo “afro-descendente” com hífen.

interesse foi, num primeiro momento, olhar para as (in)visibilidades<sup>3</sup> do negro no jornal e, posteriormente, desenvolver uma analítica das verdades que circulam neste espaço de investigação. Assim, como forte instrumento de produção de enunciados, o jornal constitui (mas também é constituído) e coloca em circulação alguns discursos que são tomados pelos venâncio-aireses como verdades. Utilizando as palavras do filósofo (2002, p. 13), “por verdade não quero dizer “o conjunto das coisas verdadeiras a descobrir ou a fazer aceitar”, mas “o conjunto das regras segundo as quais se distingue o verdadeiro do falso e se atribui ao verdadeiro efeitos específicos de poder”.

Apesar de diversos trabalhos no âmbito acadêmico terem se preocupado em olhar para as relações de poder e seus efeitos na produção dos sujeitos, sobretudo com relação às identidades, as possibilidades investigativas estão longe de se esgotar. Em primeiro lugar porque é no exercício de problematização que novas perguntas e novas pesquisas vão surgindo. Em segundo lugar, porque as teorizações deixadas por Foucault nos permitem pensar de outros modos alguns acontecimentos e práticas sociais da Contemporaneidade. Em terceiro lugar, porque um estudo sobre o sujeito negro em Venâncio Aires, com o uso das ferramentas analíticas que utilizei, ainda não havia sido produzido até o momento. Além disso, as pesquisas que tratam de temáticas como a etnicidade, o preconceito étnico-racial e as relações étnico-culturais na Educação, estão sendo amplamente discutidas nos últimos anos e carecem de estudos regionais. Isto porque as investigações de cunho mais local não deixam de considerar as questões mais amplas, nos possibilitando ainda, entender as tramas em que se constituem os sujeitos, diferentes em decorrência de sua história.

Ao produzir esta dissertação, meu interesse foi de que ela pudesse circular não apenas no campo da Educação, mas também da História<sup>4</sup>.

---

<sup>3</sup> A invisibilidade do negro aqui é entendida como a ausência de visibilidade social e cultural. Embora o afro-descendente esteja presente nos dados populacionais, muitas vezes ele é culturalmente invisível na sociedade. Esta ainda é uma realidade que se potencializa em diversas pesquisas que apontam a desigualdade de raça/etnia, especialmente em regiões de colonização alemã e italiana, como no Rio Grande do Sul.

<sup>4</sup> No decorrer desta dissertação, utilizo em alguns momentos História com letra maiúscula e história(s) com letra minúscula. O emprego da palavra com letra maiúscula remete à área de conhecimento.

Tendo presente a minha trajetória como professora e historiadora, preocupei-me também em tencionar esta área do conhecimento, especialmente a historiografia regional e os estudos étnico-raciais. O que proponho, nesta pesquisa, é outro jeito de produzir história(s), pensada como condição de possibilidade para a emergência das verdades que circulam no presente. Já no que se refere à Educação, gostaria de marcar dois aspectos importantes: a relevância da mídia na interpelação dos sujeitos e o papel da legislação nas instâncias educadoras, especialmente a Lei 11.645 de 2008, que inclui a temática das relações étnico-raciais no currículo das escolas. Embora esta pesquisa não tenha se realizado especificamente dentro da instituição escolar, acredito que ela permite avançar nesta discussão, pois ainda estamos carentes de estudos que pensem a Educação para além dos muros da escola, como a constituição de sujeitos, que se intensifica com e no processo educacional de todos os espaços sociais.

O município de Venâncio Aires, situado na região do Vale do Rio Pardo, se constitui como um local interessante para uma analítica das verdades que produzem o afro-descendente. Embora seja uma região marcada pela colonização alemã, algumas práticas culturais são diferentes de outros locais com esta característica. Elementos como a visibilidade do afro-descendente e a política cultural desenvolvida por alguns sujeitos negros neste município serviram como mobilizadores para esta investigação. Depois de realizar as análises junto ao jornal Folha do Mate, foi possível concluir que Venâncio Aires é, como pressupunha, um local que se diferencia culturalmente dos demais municípios da sua região, especialmente pela sua formação histórica e cultural. Após ter identificado os discursos que são tomados como verdades que marcam os venâncio-airesenses, é possível dizer que a forma com que Venâncio Aires opera com a diferença se materializa também, como em muitos outros locais, através da valorização da diversidade e da existência de um discurso étnico-racial, que passa a ser marcante no final da década de 80. O que problematizo, nesse caso, é essa valorização do outro (no caso, o negro) a partir de um espaço que é concedido, mas que se constitui através da tolerância. Em outras

palavras, este processo parece marcar a fuga da concessão e trazer alguns benefícios e espaços de convívio harmonioso, mas tendo como fundamento a tolerância e não a diferença, acaba cristalizando as posições de desigualdade nas posições sociais mais disputadas.

Tendo discorrido brevemente sobre a temática, os objetivos e algumas conclusões a que chego nesta pesquisa, passo agora a apresentar a estruturação desta dissertação, que está dividida em cinco capítulos. No primeiro capítulo apresento os passos que, ao longo do curso do mestrado, possibilitaram-me construir as tramas que deram corpo a esta investigação, seja através de minha trajetória acadêmica, seja através dos posicionamentos teóricos que fui fazendo para desenvolver este estudo. Ao problematizar o conhecimento produzido sobre minha temática, vou tecendo as tramas que me possibilitaram chegar à definição do problema desta investigação. No item sobre a metodologia, justifico a escolha do Jornal Folha do Mate como materialidade investigativa e mostro como foram meus contatos com os textos e imagens e como produzi os quadros analíticos do material.

No segundo capítulo desta dissertação, intitulado “Venâncio Aires: condições para uma outra história”, procuro situar o leitor no espaço onde esta pesquisa foi realizada. Interessada nas questões étnico-culturais deste município, procurei mostrar como ocorreu a construção histórica e cultural deste local conhecido como “Capital Nacional do Chimarrão”. Em seguida, atenta para aquilo que foi dito sobre o sujeito negro no jornal Folha do Mate, procurei problematizar sua história em Venâncio Aires. Ao colocar em xeque as verdades que circulam na Terra do Chimarrão, problematizei também a forma como a História vem sido narrada no decorrer do tempo. Meu objetivo aqui foi produzir uma história do presente. Procurei mostrar, desta forma, que deslocando o olhar e mudando o sentido das perguntas que fazemos, produzir outra história de Venâncio Aires é possível.

No terceiro capítulo, meu interesse foi evidenciar as visibilidades do sujeito negro no município de Venâncio Aires. Dividido em três itens, procurei abordar a religiosidade, o carnaval, e o esporte e a beleza, para mostrar como se potencializa a celebração da diferença neste local. Ao trazer

para este capítulo textos e imagens publicados no jornal, vou tecendo histórias da participação do negro venâncio-airense, muitas delas semelhantes às histórias que se produziram no restante do país. Embora o negro seja visibilizado nestes locais, um olhar atento às enunciações me permitiu concluir que este festejo nada mais é que um espaço concedido ao afro-descendente, visto que ele se evidencia em alguns momentos específicos sem, no entanto, macular a organização comunitária característica da cultura germânica do município.

No capítulo 4, que nomeei como “das verdades que produzem o sujeito negro”, identifiquei três discursos que são marcantes no município. O primeiro é o discurso comunitário, caracterizado por uma valorização muito forte de elementos como o associativismo, a religiosidade, o culto às tradições rio-grandenses e o amor a Terra, condições estas para o pertencimento à comunidade. O segundo discurso é o politicamente correto, que estará presente no jornal por um longo período. Para mostrar como ele opera e como sua lógica pode ser perversa, fiz uma análise do uso do termo “moreno” como forma de contornar a diferença. O terceiro discurso, por sua vez, é o discurso étnico-racial, que dá lugar ao discurso politicamente correto especialmente a partir de 1988, ano do centenário da abolição. O que podemos ver neste deslocamento discursivo é o governo operando nos indivíduos através do controle da cultura, por meio da valorização da diferença. Aos poucos, mostro como estas tramas se constituem como verdades que operam na produção do sujeito negro venâncio-airense.

O quinto e último capítulo desta dissertação aponta para os inúmeros movimentos que se desencadeiam sempre que pensamos o quanto a etnicidade e as relações de poder estão imbricadas nos processos culturais. Tendo como título “miscigenação cultural em Venâncio Aires: espaços de negociação, tolerância e resistência”, procurei dar fôlego aos questionamentos que o material de pesquisa me permitiu construir no decorrer do estudo. Utilizei o termo “miscigenação cultural” para falar das zonas de contato, regiões de fronteira entre as culturas germânica e negra. Em algumas localidades o negro é aquele que borra a ideia de pureza e de comunidade. Mesmo com o discurso de valorização da diferença, alguns

espaços são extremamente racistas. Por outro lado, existem algumas visibilidades no município que podem ser pensadas como movimentos de contraconduta, especialmente o trabalho desenvolvido por um grupo de negros chamado Cia Afrocena. Complexidades estas que vão nos mostrando o quanto pesquisas com este caráter são contingentes e passíveis de transformação.

Ao finalizar esta dissertação, procuro mostrar um pouco de minha trajetória nesta pesquisa sobre o negro em Venâncio Aires. Das inquietações que me moveram desde os primeiros contatos com o material, até as conclusões que chego depois de realizar as análises e os estudos junto aos autores, especialmente Michel Foucault, reflito sobre os efeitos das verdades que constituem o sujeito negro no município. Importa pensar estes efeitos para a educação, como possibilidade também de olhar para os espaços educativos de outros modos. Apresento, também, algumas inquietações que permanecem e que encaminham para novas investigações, especialmente com relação à subjetivação do sujeito negro. Parafraseando Silvio Gallo, citado no início desta introdução, não podemos dormir em paz com nossa consciência burguesa. Em outras palavras, não devemos aceitar que a suposta valorização da diferença mantenha as estruturas de uma sociedade que se afirma multicultural, mas que permanece legitimando as fronteiras entre “nós” e “eles”, o outro como alguém a tolerar.

## 2 TECITURA DAS TRAMAS DA INVESTIGAÇÃO

*Tecer, como narrar, é relacionar, pôr em contato, entrelaçar linhas de diferentes cores, eventos de diferentes características, para que se tenha um desenho bem ordenado no final. Este trabalho de tecitura é, no entanto, obra da mão de quem tece, da imaginação e da habilidade de quem narra (ALBUQUERQUE JR., 2007, p. 31).*

Escolhi as palavras do historiador Durval Muniz de Albuquerque Jr. para iniciar o primeiro capítulo desta dissertação porque pretendo explicitar quais os fios, que ao longo de minha caminhada acadêmica, foram dando *corpus* a esta investigação. Tecitura esta que não se produz somente com as escolhas pessoais que fazemos, mas também com os autores que estudamos, com as pessoas que convivemos durante o Curso, especialmente colegas e professores. Enfim, um emaranhado de fios que se cruzam e formam belas tramas, que resultam em produções repletas de cores e de vida. Gostaria de narrar, a partir de agora, como se constituiu a trama desta pesquisa.

Recorro não só ao exercício metodológico de olhar para o passado para responder minhas inquietações do presente, mas também das teorizações fornecidas por historiadores que concebem a história como movimento, como narrativa, como atividade intelectual, enfim, como da ordem da vida. É por essa condição que ela pode ser considerada uma invenção. Inventamo-nos e inventamos o outro a todo o momento, e essa forma de olhar para a história também apresenta certa ruptura no modo tradicional de pensar. Nas palavras de Albuquerque Jr (2007, p. 20), “o uso do termo invenção remete para uma abordagem do evento histórico que enfatiza a descontinuidade, a ruptura, a diferença, a singularidade, além de que afirma o caráter subjetivo da produção histórica”.

Feitas estas considerações iniciais, passo para o primeiro item deste capítulo. Em um primeiro momento, falo brevemente de minha trajetória acadêmica, mostrando como algumas escolhas que fiz no decorrer de minha formação foram constituindo as balizas para a realização desta pesquisa. Em um segundo momento, procuro tencionar a área do conhecimento em que se insere esta dissertação, com o objetivo de argumentar sobre a relevância da realização desta pesquisa e a definição de sua problemática central.

## **2.1 Aproximações com a temática da pesquisa**

Para tratar das aproximações entre minha caminhada acadêmica e esta investigação, considero importante falar brevemente de minha escolha pelo campo da Educação. Depois de concluir o Magistério, decidi cursar Licenciatura em História. Desde o primeiro ano da graduação, atuava como professora, e minha experiência e meu interesse pela área motivaram-me a vir a ser bolsista de pesquisa junto ao Departamento de Educação da Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC. Durante três anos, trabalhei com pesquisas sobre o financiamento da Educação e a aplicabilidade dos recursos nas escolas públicas.

Foi através desta experiência que, em agosto de 2008, ingressei no projeto de pesquisa “Identidade Cultural, Etnicidade e Educação no Vale do Rio Pardo” como bolsista PIBIC/CNPq, sob orientação do professor Mozart Linhares da Silva. Como estava concluindo o curso, optei por produzir minha monografia dentro da mesma temática, desenvolvendo um subprojeto de pesquisa, que vinculado à investigação maior, permitiu-me realizar uma investigação de autoria própria, apoiado pelo grupo de pesquisa. Esta escolha possibilitou minha aproximação com as teorizações de Foucault, dos Estudos Culturais e os estudos do Currículo.

Foram com estas aproximações que tive o primeiro contato com produções acadêmicas acerca do sujeito afro-descendente e sua relação com a Educação. A realização do trabalho de conclusão de curso foi determinante para o estudo sobre a (in)visibilidade do negro e as histórias de in/exclusão presentes em locais marcados pela colonização alemã. Com o título “Sujeitos falhos: o discurso pedagógico-curricular na construção da identidade afro-descendente de Santa Cruz do Sul – RS”, este trabalho pode ser considerado a porta de entrada para a pós-graduação, pois foi o conhecimento adquirido neste ano que me permitiu ingressar no mestrado em Educação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS, especificadamente na Linha de Pesquisa “Formação de Professores, Currículo e Práticas Pedagógicas”.

Durante a produção de minha monografia, realizando os primeiros movimentos analíticos com a análise de discurso proposta por Foucault, percebi nas falas das professoras que algumas verdades fazem parte de um discurso pedagógico muito presente naqueles que ensinam, e que vai além do sujeito que está falando. Entendendo que as verdades são invenções humanas e, por isso, não estiveram desde sempre neste mundo, considero importante problematizar como elas produzem os indivíduos e como se engendram em complexas relações de poder. Segundo Foucault (1995, p. 232), “enquanto o sujeito humano é colocado em relações de produção e de significação, é igualmente colocado em relações de poder muito complexas”. Ao colocar em jogo as relações entre os indivíduos, não seria adequado pensar o que são estas relações, mas sim como elas operam e quais os efeitos que elas produzem.

Com este breve relato de minha vida acadêmica, meu objetivo foi mostrar que esta dissertação tem um caráter de continuidade e que meu interesse pela temática não ocorreu por acaso, mas foi o resultado de um amadurecimento teórico e investigativo daquilo que já me chamava a atenção durante a graduação. Em nossas discussões do grupo de pesquisa, ainda na UNISC, diversas vezes comentávamos que no município de Venâncio Aires algumas questões pareciam ser diferentes de Santa Cruz do Sul, especialmente com relação à visibilidade dos afro-descendentes.

As pesquisas realizadas no Vale do Rio Pardo, em especial no município de Santa Cruz do Sul<sup>5</sup> apontaram, sem desconsiderar suas especificidades, que o discurso triunfalista do alemão, visto como pioneiro e responsável pelo desenvolvimento regional, acaba por promover narrativas que tendem a homogeneizar as diferenças étnicas da região. Estas narrativas identitárias, que segundo Neumann (2006, p. 7), “são construções imagéticas e discursivas homogeneizadoras que implicam a construção do imaginário da identidade étnica e cultural de determinado grupo”, acabam por legitimar a invisibilidade dos grupos não-brancos, especialmente os afro-descendentes. Esta forma de exclusão se faz presente também na Educação,

---

<sup>5</sup> Pesquisas desenvolvidas por Marinês Teresinha Neumann (2006), Mozart Linhares da Silva (2007) e Mateus Silva Skolaude (2008).

como pude comprovar em estudo realizado nas escolas de Santa Cruz do Sul.<sup>6</sup>

Tendo este diagnóstico sobre algumas questões que envolvem o afro-descendente e a educação de Santa Cruz do Sul, me interessava saber o que em Venâncio Aires era diferente. Mais do que isso, entender como se constituía o sujeito negro em um município que pertence à mesma região, mas que apresenta algumas especificidades que ainda não sabíamos, naquele momento, dizer quais eram. Para ter clareza da viabilidade desta pesquisa que começava a se tramar, então, fui buscar junto às produções acadêmicas da área de Educação e de História o que havia sido produzido sobre o sujeito negro até o momento. Por mais que minha investigação fosse de cunho regional, meu objetivo foi, desde o início, desenvolver um estudo que pudesse tensionar aquilo que foi produzido até então, levantar outros problemas, pensar em um contexto mais amplo, especialmente que fosse de relevância para o campo da Educação.

Os movimentos de busca consistiram em identificar as teses e dissertações no sítio da CAPES e no Banco Digital de Teses e Dissertações – BDTD, no site do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – INEP e as publicações da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação - ANPED. Para definir o período a ser pesquisado, utilizei como base o ano de 2003, por ser tratar do ano em que foi promulgada a Lei nº. 10.639, que regulamentou a inclusão do ensino da história e da cultura africana e afro-brasileira no currículo de todas as instituições de ensino no país. Esta medida por parte do Ministério da Educação e da Cultura – MEC possibilitou a abertura e a ampliação do debate sobre a desigualdade e o preconceito racial, bem como as possíveis formas de cumprir as diretrizes para a aplicabilidade desta Lei, que tem como princípio profundas alterações curriculares. Interessante registrar que as produções sobre o afro-descendente no campo da Educação aumentam significativamente após o ano de 2003, especialmente em 2005, tempo hábil

---

<sup>6</sup> Como citei anteriormente, esta pesquisa foi realizada no ano de 2009, como bolsista PIBIC/CNPQ, resultando na monografia de conclusão de curso, intitulada “Sujeitos falhos: a influência do discurso pedagógico-curricular na construção da identidade afro-descendente de Santa Cruz do Sul – RS”, defendida na Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC.

necessário para a defesa das primeiras dissertações que abordam esta temática. O mesmo ocorre quando o termo de busca no banco de dados foi a “etnicidade”.

Existem algumas justificativas para explicar o espantoso crescimento do número de pesquisadores envolvidos neste tema, especialmente por acreditar que muitas delas compartilham os mesmos motivos que eu. Em primeiro lugar, o momento histórico que vivemos, com um novo (talvez nem tão novo assim) olhar acerca das questões como cultura, identidade e diferença, que se posicionam na ordem do discurso contemporâneo. Percebemos com mais nitidez os movimentos pela dinamização e a ressignificação das relações sociais e também étnicas, aliado à busca pelos direitos da sociedade civil. Nosso país vive pela primeira vez a experiência de mais de duas décadas de democracia, o que favorece espaços para a organização e o fortalecimento dos movimentos sociais.

Em segundo lugar, está o fato deste tema envolver os pesquisadores através de um compromisso político em prol da melhoria da qualidade de ensino, da diminuição pela desigualdade social e da luta contra as diversas formas de preconceito, em especial o racismo. Muitos estudiosos das Ciências Sociais e Humanas que atentam para estas temáticas são também militantes que atuam em outros espaços da sociedade, além do acadêmico. Esta realidade nos mostra o quanto a Educação se constitui como um campo atravessado pelas relações de poder e repleto de significações.

Sobre as pesquisas realizadas que abordam a mídia e o afro-descendente, encontrei diversas dissertações de mestrado, a maioria delas sobre a imprensa negra. Existem também trabalhos publicados sobre produções cinematográficas, telenovelas, revistas e jornais, mas poucos destes relacionados à Educação. O que pude perceber, nessa revisão bibliográfica, é que a maior parte destas pesquisas trabalha com as identidades e as representações. Sem a intenção de criticar estes estudos, ou ainda de questionar a relevância destas pesquisas, gostaria de problematizar o uso da identidade e também a noção de representação, colocando-as sob suspeita.

Ao falarmos de identidade, estamos sempre afirmando o que somos, aquilo que nos define. Em outras palavras, tratar de identidade é aprisionar algo que nos escapa a todo o momento, é procurar definir uma estrutura que está constantemente em mutação e permeada pelas relações de poder. O uso do termo identidade remete sempre ao binarismo, aquilo que é ou não é, tentando sempre privilegiar aquilo que me fixa como tal. Segundo Tomaz Tadeu da Silva (2000, p. 91),

A identidade e a diferença são estreitamente dependentes da representação. É por meio da representação, assim compreendida, que a identidade e a diferença adquirem sentido. [...] Representar significa, neste caso, dizer: “essa é a identidade”, “a identidade é isso”.

Em outras palavras, os estudos que analisam a identidade e a representação não apenas capturam formas de ser e viver dos sujeitos, como também não permitem pensar a diferença sem que ela esteja ligada a identidade, como aquilo que é o oposto. De acordo com Gilles Deleuze (2005), pensar a diferença em si mesma, desvinculando-a da comum dependência da identidade, implica em libertá-la da representação. Ao passar despercebida, a diferença deixa de ser entendida como uma marca que constitui os indivíduos, que subjetiva os sujeitos. No bojo desta discussão, Eladio C. P. Craia (2005, p. 57) nos diz que “a grande luta de Deleuze, aquela cujo único objetivo é extrair a diferença do registro da representação e libertar a sua força como potência primeira, como princípio plástico e não-fundacional de tudo que “é””.

Se o princípio geral da identidade é a representação (CRAIA, 2005), e ela tem como função capturar a identidade para defini-la, a representação não pode estar vinculada à diferença, pois é impossível conceituá-la. A diferença é aquilo que nos escapa, nunca é possível de ser alcançada. Desta forma, ao desvincular a diferença da identidade e da representação, é preciso olhar de outras formas para aquilo que está dito. Por mais que seja difícil (ou até impossível) definir as diferenças (diversos autores nos incitam a utilizá-la no plural), sabemos que elas existem, se configuram e se estruturam nas tramas dos discursos. Em outras palavras, ao problematizarmos uma

identidade específica, neste caso, a negra, não podemos fugir dela, mas temos como tencioná-la, mostrando as tramas discursivas que posicionam alguns sujeitos de algumas formas e não de outras.

A revisão bibliográfica permitiu-me perceber, também, que as pesquisas que tratam da representação não trazem mais avanços para o campo, pois a maioria delas resulta nas mesmas conclusões. Meu interesse era tentar romper com esta lógica, olhar de outra forma para o sujeito negro em Venâncio Aires. Como iria dar conta de minha problemática central que consistia em compreender como se produz o afro-descendente neste município? Ao optar por trabalhar com posições de sujeito, procurei problematizar aquilo que se encontra não apenas entre nós/eles, incluídos/excluídos, mas pensar na complexidade que estas posições se colocam em relação às verdades que nos constituem.

Na História do Rio Grande do Sul, a presença dos afro-descendentes por muito tempo foi considerada inexpressiva no conjunto das populações do Estado, herança remanescente de uma historiografia tradicional que praticamente negou a existência dos escravos negros no território. Não obstante, o desenvolvimento e o progresso no Sul do país foram delegados ao sucesso da imigração alemã e italiana, o que contribuiu para uma história que desmereceu outros grupos étnicos. Desta forma, o arranjo étnico-racial a partir do qual é entendida a formação populacional torna-se um espaço produtivo para a realização de estudos que abordam os processos de in/exclusão, bem como problematizar a constituição dos sujeitos neste processo. Justifico desta forma, a relevância desta pesquisa para tencionar a historiografia regional. A maioria dos municípios permanece fazendo uso dos tradicionais relatos históricos, que narram a participação de alguns grupos na formação da região e invisibilizam outros. Aos portugueses e imigrantes europeus, toda a responsabilidade pelo desenvolvimento regional. Aos negros e indígenas, aqueles que apenas estavam no local, como indigentes, infames. No dizer de Lilia Ferreira Lobo (2008, p. 17),

Os invisíveis da história, no entanto, sempre estiveram lá, nas poucas inscrições em que foi registrada a rápida passagem de suas existências por alguém que muito apressadamente se ocupou deles; dos feitos sem glória dessa gente sem fama, malposta, maldita e sempre malfalada.

A história de Venâncio Aires configura-se desta forma. Até o ano de 2004, quando foi publicado o livro “Abrindo o Baú de Memórias: O Museu de Venâncio Aires conta a história do município” organizado por Olgário Paulo Vogt, o conhecimento histórico de Venâncio Aires basicamente se restringia às reportagens do jornal Folha do Mate. Na maioria das vezes, os negros e indígenas nem chegavam a ser citados. O que não podemos esquecer são os efeitos dessa invisibilidade para a educação do município. As escolas, até recentemente, praticamente não tinham material que contemplasse a história da sua região, e se tinham, não constava nele os afro-descendentes e indígenas, exceto pela lenda da erva-mate. Estas são algumas questões que me moveram a pensar sobre a necessidade de uma investigação que pudesse pensar a história da população negra venâncio-airense, que tratarei com mais afinco no capítulo dois desta dissertação.

Por fim, se inúmeras pesquisas já apontaram que os diferentes espaços educativos reproduzem as práticas culturais de modo a desmerecerem a população afro-descendente, precisamos encontrar caminhos para pensar como estas práticas preconceituosas se constituem. Se o preconceito étnico-racial e a invisibilidade do afro-descendente se evidenciam em todos os segmentos da sociedade, na instituição escolar isso não é diferente. Algumas ações de enfrentamento a essas práticas vêm se manifestando através da luta por um currículo intercultural, que seja capaz de promover o entendimento da diferença como algo importante que deve ocupar um espaço tanto na escola quanto na sociedade. Este espaço, no entanto, não pode significar apenas momentos de festejo e discurso inclusivo, mas sim um enfrentamento em forma de política intercultural que resulte em outras relações.

Olhar para a constituição do sujeito afro-descendente na Educação de Venâncio Aires possibilitou-me concluir que o negro está inserido em complexas tramas discursivas, repletas de significação e atravessado pelas

relações de poder. Acredito que investigações como esta são um exercício permanente que nos coloca frente a frente com os marcadores culturais que precisam ser (re)pensados e discutidos na educação étnico-racial. Ao traçar uma análise das enunciações presentes no jornal Folha do Mate, foi possível entender quais as verdades que circulam nesta comunidade e como elas operam na constituição dos sujeitos. No decorrer desta dissertação, a principal pergunta que orientou meus estudos foi:

*Como se constitui o sujeito negro no município de Venâncio Aires?*

Esta pergunta se desdobrou nas seguintes questões:

▶ *O que o jornal Folha do Mate enuncia em relação ao sujeito negro? Quais as condições de possibilidade que levaram à emergência destas enunciações?*

▶ *Quais são as verdades que circulam neste espaço cultural? Quais os efeitos destas verdades para a constituição do sujeito negro?*

No próximo item, apresento algumas considerações teóricas que foram fundamentais para orientar minha forma de olhar para as coisas deste mundo, em especial, para os sujeitos de minha pesquisa. Defendo, juntamente com os autores, que é possível não só pensar a Educação de outros modos, como é possível produzir uma outra história dos afro-descendentes. Posiciono então, as “bandeiras” epistemológicas que dão *corpus* a esta pesquisa, bem como alguns conceitos que orientam a perspectiva teórica que assumo, a vertente Pós-Estruturalista.

## **2.2 Uma forma de olhar para as coisas deste mundo**

*São os olhares que botamos sobre as coisas que criam os problemas do mundo (VEIGA-NETO, 2002, p. 30).*

Considero os esclarecimentos que faço nesta seção importantes, na medida em que me ajudam a olhar para o sujeito negro e as tramas que constituem esta pesquisa. Da mesma forma, são relevantes para os leitores desta dissertação, pois marcam os espaços e colocam as balizas que esclarecem porque fiz estas perguntas e não outras. Assim, pretendo falar brevemente de algumas ferramentas que considero importantes para o estudo que aqui se inicia. Temas como Modernidade, História, sujeito,

cultura e Educação devem ser entendidos como o conjunto de fios que, juntos, possibilitaram tecer esta trama investigativa, já que é esse entendimento que me possibilitou seguir adiante, em busca das respostas.

A temática da cultura vem ocupando um importante espaço em todas as instâncias da sociedade nos últimos anos, e prova disso são as inúmeras produções e eventos científicos que tratam deste tema, especialmente na Educação. Percebemos também a presença de assuntos que envolvem as culturas na política e na mídia, esta última profundamente poderosa, na medida em que pode ser entendida como um dispositivo que produz sentidos e participa na constituição dos sujeitos (FISCHER, 2002). Douglas Kellner, ao tratar deste assunto em sua obra “A cultura da mídia” afirma o seguinte:

A cultura da mídia também fornece o material com que muitas pessoas constroem o seu senso de classe, de etnia e de raça, de nacionalidade, de sexualidade, de “nós” e “eles”. Ajuda a modelar a visão prevalecente de mundo e os valores mais profundos: define o que é considerado bom ou mau, positivo ou negativo, moral ou imoral (KELLNER, 2001, p. 9).

Assim, a centralidade que a cultura tem assumido nestes debates serve tanto para explicar as práticas neoliberais da Contemporaneidade, quando nos damos conta do esmaecimento das fronteiras políticas, sociais e culturais, quanto para justificar o discurso da diversidade e do multiculturalismo. Mas, na contramão disso, serve também para romper com as estruturas historicamente construídas que elencavam aquelas culturas que eram dominantes, e por isso, consideradas mais importantes do que aquelas que mereciam ser dominadas. Segundo Hall (1997, p. 25), é uma

abordagem da análise social contemporânea que passou a ver a cultura como uma condição constitutiva da vida social, ao invés de uma variável dependente, provocando, assim, nos últimos anos, uma mudança de paradigma nas ciências sociais e nas humanidades que passou a ser conhecida como a “virada cultural”.

Esta mudança de paradigma encaminha para a tomada de algumas atitudes em relação à cultura e à linguagem, especialmente porque as culturas não devem e nem podem ser hierarquizadas, pois não são fixas nem

imutáveis, mas resultam de intensos processos de negociação, por estarem nas tramas das relações de poder. Nas palavras de Alfredo Veiga-Neto (2004, p. 53),

Hoje se prefere falar em culturas, para designar qualquer “lugar social” onde não apenas se dão constantes lutas pela imposição de significados, valores e modos de vida, como, também, se constituem subjetividades e se dão poderosos processos de regulação social. Grafar culturas — no plural e com inicial em letra minúscula — evoca o caráter não hierarquizante/elitista da palavra. Não se deve esquecer que esse novo entendimento de culturas aponta para a atuação de relações de poder no estabelecimento até mesmo de seu próprio sentido.

No campo filosófico, o predomínio da linguagem sobre o pensamento ficou conhecida como “virada linguística” ou “giro linguístico” (GHIRALDELLI JR, 2008). Diferente das demais concepções da Filosofia, a virada linguística procura dar outros sentidos aos problemas do mundo, libertando-se do transcendentalismo e do determinismo. Característico da Contemporaneidade, ela valoriza os deslocamentos, a instabilidade da linguagem, o caráter pragmatista dos acontecimentos. Sua relação com a(s) cultura(s), desta forma, é produtiva na medida em que permite que as discussões neste campo permaneçam sempre abertas, para que sejamos capazes de compreender a cultura do outro, buscar a racionalidade de tudo que é dito. A diferença, neste caso, “não passa de um estado de mundo” (VEIGA-NETO, LOPES, 2007, p. 29), tão variável e contingente quanto aquilo que se acreditava como verdade.

Neste sentido, o estudo das relações de poder que envolve a constituição dos sujeitos não perde sua complexidade, mas abre possibilidades para seu entendimento na medida em que é uma postura, uma forma de olhar para as práticas cotidianas que nos leva a perguntar como ocorrem estas relações de poder/saber, e de que forma elas produzem/constroem as verdades. Ao apresentar a obra chamada “Do governo dos vivos”, Nildo Avelino nos diz, a partir das aulas ministradas pelo filósofo Michel Foucault (1979-1980), que esta postura pode ser chamada de anarqueológica. Em suas palavras,

A postura anarqueológica consiste na inversão da posição clássica da filosofia. É preciso não mais partir da ligação voluntária com a verdade, mas colocar como problema inicial o questionamento do poder; quer dizer, partir da atitude de questionamento do poder para perguntar (AVELINO, 2010, p. 23).

Assumir uma perspectiva teórica não só é importante, como é preciso que seja feita ainda no início da investigação, pois como esclarece Alfredo Veiga-Neto (2007), as perguntas não estão soltas no mundo, necessitando de respostas. São as minhas formas de olhar para os acontecimentos que dão vazão àquilo que chamamos de problema de pesquisa. Isso explica a necessidade de uma teorização, pois é a partir dela que estabelecemos o que pesquisar. Esclarece, também, a conexão entre teoria e prática, que são indissociáveis. Pois “se os enunciados e as palavras que constituem uma teoria só têm significado na corrente do pensamento e da vida, não há como separar teoria e prática” (VEIGA-NETO, 2007, p. 20). Por entender que teoria e prática são inseparáveis, gostaria de deixar claro que, nesta dissertação, procurei não desenvolver um capítulo especificamente teórico, mas apresentar, aos bocados, as ferramentas que me ajudaram a pensar esta pesquisa. Todavia, considero importante esclarecer a esta altura da escrita o que entendo por Modernidade, Pós-Modernidade, Estruturalismo, Pós-Estruturalismo.

Alguns autores me instigam a olhar para a Modernidade como sendo muito mais do que apenas um período da História, datado com fatos específicos. É na Modernidade que o Homem passou a ser pensado e colocado no centro do universo, como responsável pelas atitudes e capaz de conduzir o mundo, graças a sua racionalidade. Segundo Veiga-Neto e Lopes (2010, p. 152), “fazer do Homem o alfa e ômega do mundo significava romper com a transcendência e com as representações divinas que o pensamento medieval havia construído em torno do humano”. Baseados nas contribuições de Foucault, estes autores mostram aquilo que para o filósofo seria a maneira moderna de pensar, de agir e de conduzir os indivíduos. Mostra disso é a forma como Foucault olhou para a Modernidade quando realizou suas investigações. Em nenhum momento ele preocupou-se em

estabelecer uma datação única para este período, mas buscou na história as condições de possibilidade para a emergência dos acontecimentos que ele estava analisando. Esta desvinculação de uma temporalidade mais rígida nos indica que a Modernidade pode ser pensada como uma forma de vida e não unicamente como período histórico.

David Harvey, em sua obra intitulada “Condição Pós-Moderna” (1992), nos apresenta as condições que possibilitam a passagem da Modernidade à Pós-Modernidade na cultura contemporânea. Ao olhar para alguns acontecimentos no mundo e para as diferentes expressões artísticas e culturais, Harvey nos mostra que é nos anos 70 do século passado que se anuncia uma ruptura no modo de ser, estar e viver das pessoas, indicando o início daquilo que ele chama de pós-modernismo<sup>7</sup>. Para entender como este processo ocorre, no entanto, é necessário que saibamos como operou a Modernidade, um período marcado por um conjunto de acontecimentos que colocou o homem no centro do universo. Correntes de pensamento como o Iluminismo e o Positivismo, acontecimentos como a Revolução Industrial e Francesa, o Imperialismo Europeu, o desenvolvimento das tecnologias, a reprodutibilidade das artes, o movimento da classe trabalhadora e o movimento socialista, entre muitos outros elementos, podem ser entendidos como característicos da Modernidade.

Assim, o Modernismo pode ser caracterizado pela ideia de totalidade, por termos como linear, monótono e universal, pela crença nas metanarrativas e no sujeito como essência (HARVEY, 1992). Estas metanarrativas são estendidas como as grandes explicações de mundo, que carregariam a verdade na sua essência e que, por crer nestas verdades, seriam capazes de dar conta de todo o conhecimento da humanidade. Nesse sentido, Tomaz Tadeu da Silva (1995, p. 247) nos mostra que “a ciência e a razão são instrumentos de progresso, o sujeito moderno é aquele que está imbuído destes mesmos propósitos e impulsos e a Educação institucionalizada é quem está encarregada de produzi-lo”. Ao tratar daquilo que chama de projeto educacional moderno, Silva nos leva a pensar o

---

<sup>7</sup> Nesta dissertação, faço do emprego dos termos como Modernidade, Pós-Modernidade, Contemporaneidade, todos com letra maiúscula. Neste caso, e em outros que seguem no texto, o uso do termo com letra minúscula é opção do autor.

quanto a Educação foi importante para o êxito do projeto de Modernidade, que se materializou no século XVIII. No bojo deste projeto, estava o surgimento da escola. Ainda segundo Veiga-Neto e Lopes (2010, p. 156),

A escola foi pensada e montada como a instituição capaz de mais efetivamente executar o projeto de instaurar uma nova ordem social e de proceder à produção deste novo personagem [o sujeito moderno], carregado de racionalidade e cada vez mais responsável por si mesmo.

Desta forma, as relações entre a Modernidade e a Educação são de interdependência, já que uma não teria surgido sem a outra. “A escola se confunde, assim, com o próprio projeto da modernidade. É a instituição moderna por excelência” (SILVA, 1995, p. 245). Em outras palavras,

A escola está no centro dos ideais de justiça, igualdade e distributividade do projeto moderno de sociedade e política. Ela não apenas resume estes princípios, propósitos e impulsos; ela é a instituição encarregada de transmiti-los, de torná-los generalizá-los, de fazer com que se tornem parte do senso comum e da sensibilidade popular (SILVA, 1995, p. 245).

Tendo discorrido brevemente por aquilo que entendo por Modernidade, considero importante mostrar quais são as práticas que, nos últimos anos, têm incentivado os estudiosos a pensarem na existência de uma Pós-Modernidade. Segundo Harvey (1992), ela significa descontinuidade, contraste, morte das metanarrativas, passa a dar centralidade às diferentes culturas, valorizando a heterogeneidade e a diferença. Segundo o sociólogo, há um conjunto de modificações e inovações nas formas de vida, que podem ser vistas no planejamento urbano, nas artes, na literatura, na filosofia e na religiosidade (HARVEY, 1992).

Como se constitui o sujeito neste processo de descontinuidade e de fragmentação da sociedade moderna? Alguns autores entendem este tempo presente como um momento de crise de identidade, sofrida não apenas pelo indivíduo, mas também pelos Estados-Nação modernos, que agora passam por um momento de ressignificação de suas fronteiras. Segundo Hall, vivemos um tipo de mudança estrutural que desloca nosso lugar na

sociedade, desmembrando as identidades e abalando até mesmo o sentido de unidade. Nas suas palavras,

esta perda de um sentido de si estável é chamada, de deslocamento ou descentração do sujeito. Esse duplo deslocamento – descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos – constitui uma “crise de identidade” para o indivíduo (HALL, 2005, p. 9)

Esta ideia de crise pode e deve também ser pensada na Educação. Se a escola foi a instituição que se estruturou de forma a atender o projeto da Modernidade, atingindo os sujeitos na sua acreditada essência, ela agora é aquela que está sendo cobrada para dar conta deste duplo deslocamento. O apagamento das fronteiras coloca em xeque a sociedade disciplinar, e a escola como organização moderna e disciplinar por excelência, sofre intensas críticas de todos os envolvidos no processo (SILVA, 1995). Frente a esta situação são criadas algumas estratégias para normalizar a população, e uma delas é o controle. Segundo Veiga-Neto (2008, p. 47), “*controlar* passou, então, a significar fiscalizar, submeter ao exame, conferir, comparar, exercer ação restritiva ou de contenção”. Sem aprofundar esta discussão aqui, gostaria apenas de mostrar que nenhuma instância da sociedade, especialmente a educação, está alheia aos deslocamentos decorrentes da chamada Pós-Modernidade.

Se este termo pode significar tanto um período histórico quanto uma postura epistemológica no modo de ver as coisas, o Pós-Estruturalismo e a Pós-Metafísica apresentam apenas esta segunda característica. Existem muitas semelhanças nestas nomeações, por isso muitos estudos a tomam como sinônimos. O Estruturalismo é uma corrente que se difundiu durante a Modernidade, assim como a Teoria Crítica e a Metafísica. Teve seu êxito na França durante as décadas de 50 e 60, chegando a ser chamado inclusive de “trunfo do paradigma estruturalista”. Conforme François Dosse, ao introduzir o volume 1 da História do Estruturalismo, ele

se apresentou como um método rigoroso que podia trazer esperanças a respeito de certos progressos decisivos no rumo da ciência; mas também, simultaneamente, e de um modo mais fundamental, porque o estruturalismo constitui um

momento particular da história do pensamento suscetível de ser qualificado como o tempo forte da consciência crítica (DOSSE, 2007, p. 21).

O Pós-Estruturalismo, assim como as demais condições, não necessariamente vem depois do Estruturalismo, mas se caracteriza por um deslocamento e uma ruptura nas formas de interpretar os acontecimentos, ou seja, é uma outra forma de ver as coisas deste mundo. Assim, o objeto de estudo destas correntes que chamo aqui de pós-modernas continua sendo a Modernidade. O que muda é a maneira de conceber os acontecimentos, não mais como uma forma de alcançar, superar, transcender, mas de olhar para as práticas cotidianas, para aquilo que é dito, para as verdades que estão neste mundo e entender como este sujeito moderno se constituiu. Veiga-Neto (1995, p. 14) explicita melhor:

Ao fazer este deslocamento, o pós-moderno não filosofa *sobre* o mundo concreto, isso é, não parte do pensamento para entender o mundo. O que ele tenta fazer, então, é edificar um pensamento *a partir do* mundo ou daquilo que entendemos como sendo o mundo.

Importa dizer que Foucault foi um filósofo que, mesmo não definindo suas teorizações como pós-estruturalistas, operou através destes deslocamentos, dando “ênfase na descontinuidade e na diferença na história e a primazia dada por ele a correlações polimorfias em vez da casualidade simples ou complexa” (HARVEY, 1992, p. 19). No clássico texto de Veyne chamado “Foucault Revoluciona a História”, o autor afirma:

Foucault é o historiador acabado, o remate da história. Esse filósofo é um dos grandes historiadores de nossa época, e ninguém duvida disso, mas poderia, também, ser o autor da grande revolução científica atrás da qual andavam todos os historiadores (VEYNE, 1995, p. 151).

Veyne (1995) afirma que Foucault foi um historiador pela sua forma de olhar para a história. Motivado a entender como, na história, os seres humanos se tornaram sujeitos, o filósofo visita o passado de forma interessada, buscando responder as perguntas que lhe inquietam no presente. A história, assim, é o único *a priori* das investigações de Foucault.

Segundo ele, “temos que conhecer as condições históricas que motivam nossa conceituação. Necessitamos de uma consciência histórica da situação presente” (FOUCAULT, 1995, p. 232). Ao partir do pressuposto de que o real é uma construção discursiva, “para ele a fonte histórica é sempre tomada como um monumento, ou seja, uma construção histórica e discursiva” (ALBUQUERQUE JR, 2007, p. 103).

Estas características que descrevo, a partir de Veyne, relacionam-se à genealogia de Foucault. Quando o filósofo passa a se interessar pelas formas como as relações de poder se engendram e se relacionam com o saberes, construindo uma trama que nos constitui como sujeitos, ele estava produzindo um novo tipo de história. Ao escutar o que dizem os acontecimentos do passado, Foucault pode entender como determinados sujeitos foram subjetivados ao longo do tempo. Segundo o filósofo,

É preciso se livrar do sujeito constituinte, livrando-se do próprio sujeito, isto é, chegar a uma análise que possa dar conta da constituição do sujeito na trama histórica. É isto que eu chamaria de genealogia, isto é, uma forma de história que dê conta da constituição dos saberes, dos discursos, dos domínios de objeto, etc., sem ter que se referir a um sujeito, seja ele transcendente com relação ao campo de acontecimentos, seja perseguindo sua identidade vazia ao longo da história (FOUCAULT, 1979, p. 7).

Da mesma forma, Foucault mostrou como as tramas discursivas produzem novas relações de saber e as verdades, essas, tão importantes para a manutenção do projeto da Modernidade e para a fabricação do sujeito moderno. Tomando a escola como uma construção própria da Modernidade, é possível dimensionar as contribuições de Foucault para pensar a Educação. “É no estudo da obra do filósofo que se pode buscar algumas maneiras produtivas de pensar o presente, bem como novas e poderosas ferramentas para tentar mudar o que se considera ser preciso mudar” (VEIGA-NETO, 2007, p. 16).

Para Foucault, as relações de poder/saber operam mediante tecnologias que colocam os regimes de verdade em circulação. Nesse caso, não seria interessante perguntar o que é o poder e o saber, nem adequado perguntar o que é a verdade, mas sim como se constituem e se relacionam,

buscando entender seus efeitos. No excerto a seguir, o filósofo esclarece o sentido que dá para regimes de verdade:

[...] a verdade não existe fora do poder ou sem poder. A verdade é deste mundo; ela é produzida nele graças a múltiplas coerções e nele produz efeitos regulamentados de poder. Cada sociedade tem seus regimes de verdade, sua “política geral” de verdade: isto é, os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros dos falsos, a maneira como se sanciona uns e outros; as técnicas e os procedimentos que são valorizados para a obtenção da verdade; o estatuto daqueles que tem o encargo de dizer o que funciona como verdadeiro (FOUCAULT, 1979, p. 12).

Colocar sob suspeita as verdades que circulam nas tramas enunciativas, desta forma, não significa necessariamente ir contra elas, mas posicionar-se de modo que possamos problematizá-las, buscar na história as condições que possibilitaram a emergência destas verdades e olhar para os efeitos que elas causam nos sujeitos sociais. Assim, “a questão não é ir atrás de um princípio fundamental e geral em que se assentaria o poder, mas examinar os agenciamentos em que se cruzam as práticas’ (VEIGA-NETO, 2006, p. 24). No caso desta dissertação, justamente este exercício analítico que procurei desenvolver: compreender quais são e como se produzem as verdades que operam na constituição do sujeito negro e de que forma o jornal Folha do Mate as enuncia, desnudando as tramas das relações de poder para entender como se estruturaram.

Ao mesmo tempo em que colocamos nosso objeto de estudo sob suspeita, devemos questionar nossas próprias atitudes e nossa forma de olhar para os acontecimentos, bem como nossas próprias verdades. Como sujeito que sou, as posições que assumo também são produzidas pelas tramas do poder, e por isso, devem estar sob permanente questionamento. Assumir esta postura implica em nunca pisar sobre chão firme, nem esperar que tenha ganchos no céu onde possamos nos enganchar. Este exercício vem sendo chamado de hiper crítica, que no dizer de Veiga-Neto,

É um tipo de desconstrucionismo que faz da crítica uma prática permanente e intransigente até consigo mesma, de

modo a estranhar e desfamiliarizar o que parecia tranqüilo e acordado entre todos [...]. A hipercrítica vai buscar no mundo concreto – das práticas discursivas e não-discursivas – as origens destas mesmas práticas e analisar as transformações que elas sofrem. (VEIGA-NETO, 2006, p. 15).

Por fim, ao afirmar que esta pesquisa se desloca pelo tenso território das teorizações Pós-Estruturalistas, importa dizer que foram estas aproximações, aliadas aos estudos realizados por Foucault, que me permitiram pensar em outros modos de produzir uma pesquisa sobre o sujeito negro. Pensar de outros modos não apenas na prática de pesquisa, mas também em minha vida profissional, no meu exercício cotidiano como professora. “O “pensar de outro modo” se move a partir de uma atitude de suspeita frente a tudo aquilo que é dado e que parece óbvio e natural” (VEIGA NETO e LOPES, 2010, p. 150). Em outras palavras, tudo em nossa vida é passível de ser revisitado, modificado, questionado.

É partindo destas considerações, e desta forma de ver as coisas deste mundo, que passo agora a descrever como olho para o sujeito negro, centralidade desta investigação. Na medida em que apresento meus posicionamentos, procuro discutir, de forma ampla, o que vem sendo dito acerca da temática étnico-racial no Brasil e quais as escolhas que faço para pensar a dramática do afro-descendente em Venâncio Aires.

### **2.2.1 O sujeito negro**

*Não temos, nunca, compreendido o outro. O temos, sim, massacrado, assimilado, ignorado, excluído e incluído, e, por isso, para negar a nossa invenção do outro, preferimos hoje afirmar que estamos frente a frente com um novo sujeito. Mas, é preciso dizer: com um novo sujeito da mesmice. (SKLIAR, 2003, p. 39).*

Escolho a citação de Carlos Skliar para falar do sujeito negro com o objetivo de provocar algumas inquietações. Acredito que uma pesquisa se inicia quando desconfiamos das verdades e de alguns discursos que circulam com intensidade em diversos locais. Desta forma, na medida em que apresento os principais marcadores teóricos que posicionam minha forma de olhar para o afro-descendente, vou problematizando algumas discussões que vêm sendo travadas nesse campo. Embora seja impossível

falar de todas as coisas que considero importantes, neste momento pretendo mostrar o quanto este tema é complexo em termos de significações e relações de poder. Mais ainda porque está na ordem do discurso falar em diversidade, diferença e inclusão, e o sujeito, especialmente aquele que historicamente foi excluído, está no centro deste processo.

Dados do “Retrato das desigualdades de gênero e raça” do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – IPEA do ano de 2010 apontam para as disparidades existentes em diversos aspectos sociais, como habitação, chefia de família, mercado de trabalho, saúde e educação. Em que pese os indicadores apontarem melhoria nas condições e diminuição do abismo entre brancos e negros no Brasil, a Educação se constitui como uma esfera marcada por fortíssimas desigualdades no acesso e na permanência dos indivíduos dos diferentes grupos educacionais. Um exemplo disso são os dados de frequência nos cursos de ensino superior, que no ano de 2008 era de 35,8% para brancos e de 16,4% para não-brancos. (IPEA, 2010). Fica visível, deste modo, que quanto mais altos os níveis de ensino, maiores são as diferenças raciais que configuram a Educação brasileira.

Trago estas informações para comprovar o quanto vivemos em um país marcado pela desigualdade social. A população negra foi historicamente constituída de forma negativa, assumindo a posição de objeto, “coisificado” em nome de um regime que estava na ordem econômica da Modernidade. Como vimos, não faltam dados estatísticos para mostrar que existem profundas disparidades entre brancos e negros, e que para estes as condições de educação, saúde e moradia são mais difíceis de conquistar do que para os brancos. Esta é apenas uma das consequências do preconceito racial, pois como aponta Nilma Lino Gomes, “a classificação e a hierarquização racial hoje existentes [...] passaram a regular as ações entre negros e brancos como mais uma lógica desenvolvida no interior da sociedade” (2003, p. 76). Em outras palavras, as diferenças são construídas nos indivíduos através da cultura por um imenso campo de significações.

Sendo a linguagem constitutiva de nosso pensamento, ela só tem significado quando presentes em nossas práticas cotidianas e nas formas como vemos as coisas (VEIGA-NETO, 2007). Assim, apresento brevemente

como eu olho para alguns termos que utilizo quando me refiro às questões étnico-raciais. Problematizo, desta forma, os posicionamentos que alguns autores vêm utilizando e as implicações destes conceitos para pensar o sujeito negro de Venâncio Aires. Gostaria de deixar claro que minha forma de olhar para cada um dos temas pode ser provisória e que, por apresentar diversas significações, estes termos se constituem sob rasura.

O termo negro foi historicamente utilizado pelos povos europeus para designar os homens de pele escura, com quem tinham contato há vários séculos devido às migrações dos povos e às transações comerciais. No Ocidente Cristão, a cor preta sempre esteve relacionada a elementos negativos, e esta mentalidade corroborou para alimentar a crença de inferioridade dos negros africanos em relação aos brancos. Além disso, as formas de olhar para o “outro” sempre estiveram carregadas de sentidos e implicações que apontam para o preconceito e a discriminação. Prova disso é que, para muitos povos africanos que não conheciam os europeus, era a cor branca aquela que trazia sentimentos de apreensão e inferioridade. Como as práticas escravistas faziam parte dos europeus com mais intensidade, o uso da palavra negro e as diferenças de cor serviram também para justificar a própria escravidão, que se disseminou pelo Ocidente constituindo esta mentalidade (GUIMARÃES, 2008).

No Brasil, o termo negro também foi amplamente utilizado, inclusive para nomear os indígenas que eram chamados, num primeiro momento, de “negros da terra”. Mais tarde, no século XIX, passaram a chamar de “crioulo” os escravos nascidos em solo brasileiro. Desta forma, quando o cientificismo passou a dar centralidade para as teorias racialistas, os estudiosos já tinham a base social para explicar as classificações de cor. Segundo Antônio Sérgio Guimarães (2008), o que estas teorias fizeram foi tentar disseminar nomenclaturas que tornavam científicas estas classificações. De acordo com Mozart Linhares da Silva (2009, p. 16),

O estudo da espécie humana e das “raças” a ela atribuídas não nasce num vazio histórico e sim como desdobramento de estereótipos e estigmatizações postadas na hierarquização das diferenças empiricamente percebidas entre os homens desde sempre.

Atualmente, o uso do termo “negro” possui um valor positivo, pois significa um pertencimento identitário que remete a uma origem, a africana. Este movimento de ressignificação do termo ocorreu durante o século XX, em especial a partir da terceira década, com a valorização da cultura brasileira. Fortaleceu-se, porém, com a organização do Movimento Negro nos anos 70, sendo uma das principais bandeiras de luta. Segundo Livio Sansone (2004, p. 73), “atualmente, negro é uma categoria sociopolítica de conotação positiva e constitui, por assim dizer, o termo politicamente correto”.

O termo é utilizado pelo Movimento Negro para abarcar todos os sujeitos que se autodefinem como pardos e pretos, o que muitas vezes acaba por ocultar diferenças profundas que estão no bojo da própria autodefinição. Da mesma forma, muitos estudos vêm fazendo uso das categorias “branco” e “não-branco”, colocando para este último a soma de todos aqueles que não se autodefiniram como brancos. O uso do termo “negro”, desta forma, consome as inúmeras diferenças étnicas e culturais e as transforma em apenas uma coisa, subsumindo até mesmo com a mestiçagem da população brasileira (SILVA, 2007). Esta lógica binária acaba por contornar uma discussão que está longe de ser esgotada e coloca num lugar mais cômodo justamente aquilo que merece ser problematizado, pois não dá conta da complexidade que as relações sociais e culturais no Brasil possuem. Sansone nos ajuda a pensar sobre esta questão quando esclarece que

Não é apenas no terreno da cultura que a rotulação de grupos e práticas como negros traz o perigo de essencializar a diferença e tornar estático aquilo que, na verdade, constitui um processo. As categorias dos negros e da negritude são constructos culturais que refletem e distorcem a posição dos negros na sociedade e no sistema local de relações raciais (SANSONE, 2004, p. 25).

Durante o século XIX, quando se desenvolveu o conceito científico de “raça”, “não demorou muito para que a tese da superioridade da “raça” branca fosse proclamada cientificamente” (SILVA, 2007, p. 25) para justificar tanto as ações imperialistas das potências europeias, quanto a inferioridade de alguns grupos étnicos, especialmente da Ásia e da África. O pensamento

Moderno se encarregou de disseminar o perigo destes povos considerados inferiores para o progresso da humanidade. Um dos maiores perigos, segundo alguns pensadores do período, como o famoso conde de Gobineau, seria a mestiçagem<sup>8</sup>. Ao citar este cientista, Éder Silveira nos esclarece um pouco o pensamento da época, afirmando que “a causa maior de toda a degradação humana, segundo Gobineau, estava na *mélange*, na mistura, na mestiçagem destes grupos que, uma vez mestiçados, acabavam com a virtuosa elaboração racial” (2005, p. 46).

Pouco tempo depois, a miscigenação passou a ser vista como uma alternativa para alcançar o branqueamento da população. Silvio Romero defendia “a mestiçagem como a saída para a construção do brasileiro como um povo fortalecido étnica e culturalmente” (SILVEIRA, 2005, p. 67). Ele acreditava que o mulato estaria em uma posição intermediária e que, portanto, seria superior ao negro, ainda que inferior ao branco. Estas são algumas teorias racistas sobre o povo brasileiro que marcaram sua identidade enquanto Estado-Nação. Um exemplo disso é a famosa frase de Antonil: “O Brasil é um inferno para os negros, um purgatório para os brancos e um paraíso para os mulatos” (DAMATTA, 1997, p. 37).

No Brasil, ao mesmo tempo em que a mestiçagem hoje é festejada por alguns segmentos da sociedade como o símbolo da brasilidade, grupos políticos como o Movimento Negro a encaram como um problema. Está claro que o mestiço embaralha uma lógica que valoriza as polarizações, pois o mestiço não pode ser nem preto<sup>9</sup>, nem branco. Entretanto, colocar todos os pardos na categoria dos pretos, considerando-os negros, tampouco resolve o problema. Não basta estar contemplado na soma para que o sujeito se considere negro, vivencie e valorize a cultura negra. Neste sentido, concordo com Sansone (2004, p. 287) quando ele sustenta que “a etnicidade deve ser considerada um componente extremamente importante da etnicidade brasileira”. A mestiçagem merece ser discutida com mais atenção por parte

---

<sup>8</sup> Uma abordagem mais detalhada sobre a mestiçagem pode ser vista em diversas obras, por exemplo: MUNANGA (2004), SILVEIRA (2004), SILVA (2007 e 2009).

<sup>9</sup> Neste caso, utilizo o termo preto porque é a mesma definição utilizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, que classifica os brasileiros em cinco categorias de cor/raça: preto, branco, pardo, amarelo e indígena.

dos estudiosos brasileiros, especialmente se levada em conta a sua contingência, sua complexidade e suas especificidades.

Com relação aos usos do termo “raça”, lideranças do Movimento Negro defendem que ela é uma construção social que permanece na mentalidade das pessoas e que, por isto mesmo, é impossível negar a existência do racismo. Justificam, desta forma, que o emprego deste termo deveria permanecer, embora utilizado em outro sentido. Nos censos populacionais que realizam o levantamento do pertencimento étnico dos brasileiros, como o do IBGE, tem sido adotado “cor/raça”. Já nos relatórios e documentos oficiais, o termo que tem sido utilizado é “raça/etnia”, ou ainda “étnico-racial”. Um exemplo deste uso são as diretrizes para a aplicabilidade da Lei 11.645, que define a obrigatoriedade do ensino da história e da cultura afro-brasileira e indígena no currículo das escolas brasileiras. Ao utilizar o termo raça/etnia ou étnico-racial, o Ministério da Educação e da Cultura - MEC procura dimensionar os afro-descendentes e indígenas para além do termo biológico, entendendo que raça é

a construção social forjada nas tensas relações entre brancos e negros, muitas vezes simuladas como harmoniosas, nada tendo a ver com o conceito biológico de raça cunhado no século XVIII e hoje sobejamente superado [...]. Já o termo étnico, na expressão étnico-racial, serve para marcar que estas relações tensas devidas a diferenças na cor da pele e traços fisionômicos são também devido à raiz cultural plantada na ancestralidade [...] (MEC, 2004, p. 12).

Percebemos, assim, que estas definições estão carregadas de tensionamentos políticos e atravessadas por relações de poder que conduzem para severas discussões entre os estudiosos do tema. Está claro que existe uma materialidade biológica no termo raça, mas não podemos esquecer o quanto é complexo e demorado para uma sociedade que carrega na sua história as implicações da inferioridade de alguns grupos sociais, em especial os afro-descendentes, anularem estas marcas. Além disso, penso nas dificuldades de tratar deste tema junto aos espaços escolares, e um exemplo disso é que nossos alunos chegam à escola com a crença de que existem diferentes raças. Defendo que nosso papel enquanto professores é problematizar com eles estas discussões, de modo a desconstruir esta ideia.

Mesmo colocando-o sob rasura, o emprego deste termo pode ser uma cilada. Com isso não quero dizer, no entanto, que o racismo não existe. Nas palavras de Silva (2007, p. 34),

Se a ciência, doravante, demonstrou a inutilidade da raça e sua impossibilidade como instrumento analítico acerca do homem, o racismo, como um construto social, permanece vinculado às relações de sociabilidade, traduzido em outras formas diferencialistas desdobradas na xenofobia, no essencialismo das identidades étnicas e comunitárias e mesmo inoculado no conceito de cultura

Por outro lado, fazer uso apenas da “etnia” para designar as diferenças de pertencimento racial e étnico tampouco dá conta desta discussão. Para Steve Fenton (2003, p. 13), um ponto de partida para entender o significado deste termo “seria dizer que a etnicidade se refere a “descendência e cultura”, e que grupos étnicos [que pode ser tomado também por etnia] podem ser entendidos como “comunidades de descendência e cultura”. Embora a etnia tenha muita semelhança com o conceito sociológico de raça, existe uma materialidade biológica, com características específicas, que não a descarta.

Este exercício, de olhar para o significado dos termos, nos mostra o quanto a linguagem é passível de instabilidade e insegurança. Em outras, palavras, muitas vezes ela é insuficiente para dar conta da trama de significações que envolvem os processos sociais e culturais. Na sua liquidez, para citar um termo utilizado por Zygmunt Bauman, a linguagem é uma estrutura que vacila, da mesma forma que as enunciações e as redes discursivas. No dizer de Silva (2000, p. 80), “ansiamos pela presença - do significado do referente (a coisa à qual a linguagem se refere). Mas na medida em que não pode, nunca, nos fornecer esta desejada presença, a linguagem é caracterizada pela indeterminação e pela instabilidade”.

Com o objetivo de apresentar a complexidade dos usos e dos significados destas terminologias, esclareço porque, nesta dissertação, optei por adotar a mesma forma utilizada pelos documentos oficiais brasileiros: raça/etnia e étnico-racial. Não estou fazendo isso porque é considerado politicamente correto adotar esta postura, mas por acreditar que, de

qualquer forma, a opção por este ou aquele termo não resolve os problemas, tampouco se afasta das discussões e dos embates políticos, que estão longe de se esgotar. Além disso, assim como o MEC hoje utiliza uma denominação específica, nada garante que ela não mudará conforme as discussões políticas do uso da linguagem forem sendo travadas, principalmente entre a comunidade acadêmica, o Movimento Negro e as demais instâncias sociais.

Na esteira desta discussão, gostaria de explicitar o que entendo por afro-descendente e/ou afro-brasileiro e porque defendo o emprego destes termos com o hífen. Ao considerarmos as descontinuidades, o esmaecimento das fronteiras e a desterritorialização característicos da Pós-Modernidade, os movimentos promovem mudanças também na constituição do sujeito, posicionando-o nos entre-lugares de sua própria identidade. O que temos hoje, conforme Homi Bhabha (2007), são as sociedades hifenizadas, locais onde as diferenças e o pertencimento étnico estão em constante tencionamento, resultando de intensos processos de negociação na cultura. O hífen, neste caso, estabelece este local de aproximação/afastamento e de negociação decorrentes do nosso processo de constituição como sujeitos. Pode ser pensado também, como um espaço de tensão constante que transcende as polarizações que geralmente são produzidas em torno da identidade alemã, italiana ou negra, por exemplo. São os chamados “entre-lugares”, que no dizer de Bhabha (2007, p. 20), “fornecem o terreno para a elaboração de estratégias de subjetivação – singular ou coletiva – que dão início a novos signos de identidade e postos inovadores de colaboração e contestação, no ato de definir a própria ideia de identidade”.

Assim, afro-descendente ou afro-brasileiro, com hífen, significa aquele que se encontra em um determinado espaço, mas de certa forma pertence a um passado que marca sua descendência e sua cultura. O mesmo ocorre no caso dos teuto-brasileiros e dos demais grupos culturais, onde estes entre-lugares operam através das tramas em que estão inseridas as relações de poder. Mostrar como e onde estes espaços de luta se travam em nossas práticas culturais é importante para entender como se constitui o sujeito afro-descendente. São importantes, também, porque os entre-lugares corroboram para a compreensão daqueles que buscam e defendem a

existência de uma cultura única, pura e fixa. Chamam a atenção, finalmente, para a não neutralidade daquilo que afirmamos e para o caráter constitutivo da linguagem.

Todas estas considerações que desenvolvi até aqui, serviram para mostrar como olhei para o sujeito negro nesta investigação. De acordo com Foucault (1995), o sujeito é objetivado e subjetivado a todo tempo, e isto ocorre por meio de relações de poder muito complexas, onde circulam os discursos e as verdades que o constituíram. Importa saber como este sujeito foi historicamente constituído e quais as sutilezas que estão presentes nas suas formas de posicionar-se e ser posicionado. Ao apresentar algumas das principais discussões que abordam a temática étnico-racial no Brasil, pretendi explicitar porque fiz determinadas escolhas teóricas, abandonando outras formas de olhar no percurso desta pesquisa.

Quando posiciono o sujeito negro na centralidade deste estudo, não posso deixar de pensar na importância que a cultura tem assumido nos mais diferentes espaços, já que é nas práticas culturais e por meio delas que os sujeitos são constituídos. Diversidade cultural, respeito às diferenças e inclusão talvez sejam os assuntos mais tratados na última década. Para além de ver estes movimentos como algo positivo, os temas da Contemporaneidade muitas vezes se apresentam como verdades inquestionáveis, como saltos qualitativos na forma de pensar os acontecimentos sociais. Mas sabemos também que existe uma distância por vezes grande demais entre o que se produz academicamente e a realidade de nossas escolas, assim como na sociedade. Cotidianamente, vemos práticas de intolerância às diferenças, gestos que ferem diretamente a autoestima dos nossos alunos, atitudes grosseiras que legitimam o preconceito através da afirmação de certos discursos. Enfim, retornando a epígrafe que escolhi para abrir este item, no dizer de Skliar, nunca conseguimos verdadeiramente compreender o outro. Talvez porque compreender “verdadeiramente” remete à busca de uma verdade que está na exterioridade das relações, e também porque em uma análise discursiva que toma a linguagem como constitutiva não há como chegar a essa essência da verdade, pois elas serão tantas quanto as que conseguirmos narrar.

### 2.3 O jornal Folha do Mate como superfície investigativa

*À medida que nos movemos para o horizonte, novos horizontes vão surgindo, num processo infinito. Mas, ao invés de isso nos desanimar, é justamente isso que tem que nos botar, sem arrogância e o quanto antes, a caminho (VEIGA-NETO, 2007, p. 26).*

O objetivo central deste item é apresentar o Jornal Folha do Mate como superfície investigativa desta pesquisa, justificar minha escolha metodológica e, posteriormente, apresentar os caminhos que percorri durante a realização desta investigação. Tomei o cuidado de manter estes movimentos longe das certezas e dos métodos já prontos, fazendo com que as minhas perguntas me conduzissem no processo de produção desta dissertação.

Mais que uma fonte para a pesquisa histórica, o jornal pode ser visto como um campo de visibilidade para observar as práticas culturais e entender as verdades que operam na constituição do sujeito afro-descendente em uma determinada época e local. Para Richard Rorty, “dizer que a verdade não está dada é simplesmente dizer que, onde não há frases, não há verdade, que as frases são componentes das línguas humanas, e que as línguas humanas são criações humanas” (2007, p. 28). Em Venâncio Aires, o jornal Folha do Mate é um espaço produtivo para compreender a dinâmica das relações étnico-raciais. Como produtor de discursos, ele configura um importante instrumento educativo, constituindo diferenças e firmando verdades sobre a população, especialmente no que diz respeito à cultura.

O uso das mídias contemporâneas vem se mostrando como um espaço produtivo para as pesquisas que se inserem nessa perspectiva. Mais do que uma fonte de informações, a mídia é um espaço de significação onde operam práticas discursivas e não-discursivas. Estudos como o de Rosa Maria Bueno Fischer mostraram o quanto ela participa no processo de constituição dos sujeitos sociais, visto que ela produz e é produzida pela cultura. Sendo jamais neutra, torna-se também um instrumento poderoso de governabilidade sobre os indivíduos. Segundo a autora, “na medida em que

produz imagens, significações, enfim, saberes que de alguma forma se dirige à educação das pessoas, ensina-lhes modos de ser e estar na cultura em que vivem” (FISCHER, 2002, p. 153). Assim como Fischer (2002), alguns autores, sobretudo da área dos Estudos Culturais, têm apontado o currículo escolar como um campo que pode e deve dialogar com outros espaços, como é o caso das mídias.

Certamente o uso da internet, do jornal, da televisão e do cinema é importante na educação dos indivíduos, mas é preciso estarmos atentos para as produções que tendem a curricularizar o Currículo, as chamadas pedagogias culturais. Antônio Flávio Moreira (2003) alerta para o perigo de estas discussões perderem a especificidade que caracteriza a escola. Em outras palavras, o movimento que “curriculariza” todos os espaços considerados educativos, também chamados de “currículos culturais”, acaba tirando a centralidade da escola na tarefa que a ela pertence. Nesta investigação, não pretendo tratar da mídia como pedagogia cultural, mas olhar para as verdades que constituem o sujeito negro, pensando nos efeitos destas tramas discursivas para a educação.

No município de Venâncio Aires, o primeiro jornal editado foi “A Tesoura – jornal crítico, literário e noticioso” que circulou semanalmente na área urbana durante o ano de 1916. Depois deste ano, apenas em 1972 houve a fundação do Jornal Folha do Mate, atualmente o único do município. Nesse meio tempo, tiveram outras tentativas de manter uma empresa jornalística, como é o caso do Jornal de Venâncio (1989-1993) e da Gazeta do Chimarrão (1988-2004), esta última vendida para a Folha do Mate.

De acordo com a página digital<sup>10</sup> da Folha do Mate, seu nome foi escolhido em função do município ser culturalmente conhecido como a Capital do Chimarrão. Com abrangência microrregional, a publicação é tri-semanal e sua tiragem atinge cerca de 7500 exemplares por edição. De acordo com dados atuais, o jornal possui cerca de 50 mil leitores. Sua linha de atuação está voltada para o jornalismo comunitário, focando

---

<sup>10</sup> Jornal Folha do Mate. Disponível em: <http://www.folhadomate.com.br/index.php/conteudo/show/id/53>. Acesso em: 20 abr. 2011.

especialmente o município de Venâncio Aires. Desde 2001 a empresa Folha do Mate possui um site na internet, mas é a partir de 2009 que ele passou a oferecer atualização diária. “No mesmo ano, foi lançada a terceira geração da página online, oferecendo espaços multimídias e de participação e interação para os internautas” (FOLHA DO MATE, 30 de abril de 2011).

Uma pesquisa realizada pelo Instituto Methodus no ano de 2009 revelou o ranking do jornal mais lido em 56 municípios do interior do Rio Grande do Sul e da Região Metropolitana. O objetivo era entender a força que possui os jornais locais. O resultado apontou que os gaúchos costumam ler mais os jornais de seus municípios que os de grande circulação do Estado, como é o caso da Zero Hora, do Diário Gaúcho e do Correio do Povo. Além disso, o resultado mostrou que Venâncio Aires tem o maior índice de leitura de jornais dos municípios pesquisados e que o jornal deste município tem a segunda maior frequência de leitura, ficando atrás da Gazeta do Sul de Santa Cruz do Sul, município vizinho. Desde a publicação destes dados, a Folha do Mate passou a usar como slogan “o jornal mais lido na cidade que mais lê jornais”.<sup>11</sup>

O fato de Venâncio Aires ter se destacado nessa pesquisa enfatiza uma prática cultural muito latente nas regiões de colonização alemã, e que pode ser uma condição de possibilidade para a valorização do jornal local: a fundação dos clubes de leitura. Nos registros históricos do município estão datadas inúmeras sociedades que preservam parte da biblioteca, como é o caso da Sociedade de Leituras, fundada em 1887. Como praticamente não havia acesso aos periódicos da capital do Rio Grande do Sul, a maior parte da literatura era escrita no idioma alemão. Os colonos imigrantes se reuniam nos finais de semana para ler textos informativos, muitas vezes desatualizados, ou ainda livros religiosos e de canto. Esta prática cultural dos imigrantes tanto de Venâncio Aires quanto de outras áreas de colonização alemã, somada a outras tradições, caracterizam o que Vogt (2004) chama de cultura colonial.

---

<sup>11</sup> Disponível em: <http://www.folhadomate.com/index.php/conteudo/show/id/3216>. Acesso em: 30 abr. 2011.

Uma ação social atualmente desenvolvida com êxito pela Folha do Mate é o projeto “Folha Cidadania”<sup>12</sup>. Em parceria com a União das Associações de Moradores de Venâncio Aires – UAMVA e outras entidades, este projeto propõe, mensalmente, um dia de atividades direcionadas aos moradores dos diferentes bairros da cidade. Neste ano de 2011, a “Folha Cidadania” está articulada com o programa “Folheando”, que atende uma escola por mês e desenvolve vários trabalhos de incentivo à leitura, junto às turmas dos anos finais do Ensino Fundamental. Este trabalho resulta na edição de um suplemento especial do jornal, produzido com os alunos. Ocorrem também oficinas, exposições, visitas à redação da Folha do Mate, entre outras atividades, o que aproxima ainda mais o periódico dos seus leitores e consolida sua importância para os venâncio-airesenses. Estas informações comprovam o fato do jornal ser um artefato de forte alcance na comunidade venâncio-airense, constituindo-se como um espaço educativo e cultural.

A escolha do jornal como material de investigação ocorreu logo no início do curso de mestrado, juntamente com a orientadora e com o grupo de pesquisa. O primeiro contato consistiu em analisar algumas edições anuais, especialmente em algumas datas, tais como: dia 20 de janeiro, festa do padroeiro da cidade; carnaval; 11 de maio, aniversário do município; 13 de maio, abolição da escravatura e 20 de novembro, Dia da Consciência Negra. Minha intenção, neste momento, era realizar uma sondagem para saber se o afro-descendente era visibilizado ou não no jornal. Minha hipótese era de que encontraria a presença do negro, mas não sabia de que maneira. O estudo realizado por Skolaude (2008) no Jornal Gazeta do Sul (1970-2000) de Santa Cruz do Sul, por exemplo, evidenciou que a forma como este periódico visibiliza e posiciona os afro-descendentes acaba por legitimar o preconceito e a marginalidade deste grupo na região. Assim, ao mergulhar no material, perguntava-me se seria esta mesma materialidade que eu encontraria na Folha do Mate.

---

<sup>12</sup> Informações disponíveis em: <http://folhadomate.tempsite.ws/folheandoideias/?p=370>. Acesso em: 10 mai. 2011.

Um segundo passo, depois de fotografar as reportagens, foi olhar para estes textos na sua exterioridade, buscando entender como o sujeito negro se narra e é narrado no jornal. Esta prática implica em tomar estes textos não como documentos, onde seu estudo geralmente consiste em analisar aquilo que está em seu interior, na sua essência ou, ainda, procurar interpretações verdadeiras para os fatos ou suas origens. Ao analisar os textos do jornal como *monumentos*, procuramos fazer uma leitura atenta daquilo que já está lá (VEIGA-NETO, 2007), pois não se procura por algo que esteja por detrás, tomam-se para análise apenas as coisas ditas. Esta é uma escolha metodológica que vai ao encontro do referencial que utilizei para embasar teoricamente este trabalho, me possibilitando enxergar coisas ainda não vistas pelas demais pesquisas.

Depois de realizar a primeira sondagem no material de pesquisa, defini, juntamente com minha orientadora, que seria interessante ver o que a Folha do Mate apresentou nas edições de que marcam o aniversário do município. Geralmente no dia 11 de maio ou nas datas próximas, o jornal prepara encadernações ou reportagens especiais que trazem o histórico de Venâncio Aires ou que realçam algumas características que consideram interessantes do ponto de vista econômico, social e cultural. Nossa ideia era que se o negro estivesse presente nestas reportagens, poderíamos utilizar este material como superfície investigativa, pois seria possível analisar a história de sua(s) visibilidade(s) no município. Assim como o jornal tematiza a Capital do Chimarrão e a descendência alemã como aspectos marcantes e positivos, achamos interessante analisar a presença ou não do sujeito e da cultura afro-descendente. Na dúvida do que iria encontrar, fiquei atenta para todos os elementos que pudessem dizer-me sobre a cultura venâncio-airense, pois poderiam levar-me a outras possibilidades de análise.

Definida esta opção metodológica, ano após ano de publicação, olhei para as edições do mês de maio que se aproximassem da data do aniversário do município, fotografando todas as reportagens para posterior análise. O próximo passo foi datar as imagens, nomeando-as conforme o ano e a ordem de publicação no jornal. Como não encontrei muitas matérias jornalísticas que falassem do sujeito negro, procurei também outros textos, como os

históricos do município, que estavam presentes em diversas edições, muitos deles praticamente iguais. Nos anos em que ocorreu a Festa Nacional do Chimarrão - FENACHIM, este foi o foco das edições de aniversário, pois as festividades tinham na sua programação a homenagem a Venâncio Aires.

Após a realização deste trabalho foi possível ler os textos, olhar para as imagens e fazer as primeiras considerações acerca do material encontrado, não descartando a primeira sondagem que havia realizado. Durante este período, fui tecendo os primeiros movimentos de análise do material, o que me auxiliou muito para a discussão com o grupo de pesquisa e o amadurecimento da investigação. Ao desenvolver uma análise do uso do termo “moreno” no jornal Folha do Mate, que tomei como um enunciado, pude entender que as relações de poder e a produção dos discursos sobre sujeito negro neste município são bastante complexas. De acordo com Veiga-Neto (2007, p. 101), “são os enunciados dentro de cada discurso que marcam e sinalizam o que é tomado por verdade, num tempo e espaço determinado, isto é, que estabelecem um regime de verdade”. Desta forma, um enunciado nunca é um fato isolado, uma palavra por si só, mas pode vir a ser, dependendo das condições de possibilidade que permitiram o surgimento deste enunciado.

Depois da qualificação da proposta de dissertação, o trabalho junto ao meu acervo do jornal passou a ocorrer de forma mais sistemática. Após a releitura de todos os textos e imagens, estruturei todas as informações que achei interessantes em quadros, divididos por temáticas que eu mesma defini. Esta tarefa foi de extrema relevância para as análises do material, pois foi possível olhar para as recorrências, as novidades, os deslocamentos. Alguns temas que pareciam não terem importância passaram a fazer sentido em conexão com outras informações. Em um primeiro momento, organizei os quadros analíticos das edições aleatórias, resultado da primeira sondagem no jornal Folha do Mate. Em seguida, fiz este mesmo trabalho com as edições de aniversário do município.

Os títulos dos quadros são provisórios e definem os temas que encontrei no conjunto de reportagens. São eles: o sujeito negro na história de Venâncio Aires; Venâncio Aires: vivência comunitária; espaços “do negro”:

beleza e futebol; o negro nas festividades: carnaval e religiosidade; e Négo e Movimento Negro. O quadro abaixo é um exemplo da organização do material:

**QUADRO 1 - Material de pesquisa: EDIÇÕES ALEATÓRIAS  
(janeiro, fevereiro, maio, agosto, novembro)**

<b>VENÂNCIO AIRES: VIVÊNCIA COMUNITÁRIA</b>				
<b>FONTE</b>	<b>EXCERTO</b>	<b>ENUNCIADO</b>	<b>DESLOCAMENTO</b>	<b>OBSERVAÇÃO</b>
Folha do Mate, 19 de janeiro de 1996	Um dos <b>grandes líderes da comunidade negra</b> em VA foi João Generoso dos Santos, o “pai dos negros”, que participou da fundação do Nego Foot Ball Clube do carnaval local. Também foi um dos responsáveis pelo sucesso da festa.			João Generoso é citado como um líder da comunidade negra, mas não da comunidade venâncio-aiense. Por mais que isso seja importante, há um sutil movimento que separa/baliza aquilo que pertence ao negro e à Venâncio-Aires.

Fonte: Dados elaborados pela autora (2011).

Quando elaborei este esquema de sistematização do material, destaquei os enunciados e os deslocamentos. Enquanto trabalhava, no entanto, fui percebendo que era mais produtivo marcar em negrito a parte do excerto que se destacava e deixar a parte dos enunciados em branco. Escrevi observações sobre praticamente todos os excertos, o que facilitou muito para a produção dos capítulos de análise. Quanto aos deslocamentos, identifiquei alguns, especialmente temporais, capazes de ampliar as possibilidades de pensar sobre o sujeito negro venâncio-aiense.

Boa parte do que está no meu acervo não foi utilizado, mas poderá servir como material de pesquisas posteriores. Creio que seja importante dizer que poderia ter realizado esta tarefa de outras formas, reorganizado as reportagens de muitos jeitos, mas naquele momento achei produtivo fazê-lo assim. Com isso, quero ressaltar o caráter contingente e indeterminado desta pesquisa. Certamente outro pesquisador faria diferente, produziria

outras problematizações, encontraria outras respostas. Como já afirmava anteriormente, são as escolhas que fazemos que nos conduzem a percorrer determinados caminhos.

### 3 VENÂNCIO AIRES: CONDIÇÕES PARA OUTRA HISTÓRIA

*O historiador nunca faz revelações tonitruantes, capazes de transformar nossa visão do mundo; a banalidade do passado é feita de pequenas particularidades insignificantes que, ao se multiplicarem, acabam por compor um quadro bem inesperado (VEYNE, 1995, p. 13)*

Se o papel do historiador é mostrar a verdade dos fatos históricos, e nunca há verdade, então a História não existe? Quando Veyne (1995) afirma que a história, tal qual tradicionalmente a concebemos não existe, abre-se a possibilidade para outras narrativas desta área do conhecimento. Mais do que preocupar-se com a legitimidade ou não da história vista como ciência, interessa aos historiadores saberem que a escrita histórica é uma arte de inventar o passado e que essa narrativa pode ocorrer sob diferentes ângulos.

Foucault revoluciona a História ao mostrar que esta não se limita apenas aos grandes eventos, mas sim pela raridade destes. São as questões que o inquietam no presente e que estão na ordem do discurso que o faz olhar para o passado, buscando as condições de possibilidade para a emergência de tais fenômenos. Para o filósofo, o real é sempre uma construção discursiva, portanto os acontecimentos podem ser reconstruídos pelo historiador. Segundo Albuquerque Jr (2007, p. 103), a preocupação de Foucault “é a explicação da teia discursiva e das práticas que a sustentam”. Nesse sentido, Gilles Deleuze explica:

O que Foucault espera da História é esta determinação dos visíveis e dos enunciáveis em cada época, que ultrapassa os comportamentos e as mentalidades, as idéias, tornando-as possíveis. Mas a História só responde porque Foucault soube inventar, sintonizado com as novas concepções dos historiadores, uma nova maneira propriamente filosófica de interrogar, maneira nova que dá nova vida à História (DELEUZE, 1993, p. 58-59).

A perspectiva Pós-Estruturalista, que orienta esta dissertação, tem a intenção de desarmar as verdades e desconstruir as materialidades que estão visíveis nas relações sociais de um determinado espaço. Espaço este que, vale dizer, é construído. A história, nesta perspectiva, não é única, não se constitui de fatos tidos como verdadeiros, mas de acontecimentos,

narrados no olhar de quem o escreve e/ou descreve. Nada na história é seguro, definitivo. Tudo pode ser (re)construído, (re)formulado. Albuquerque Jr traduz essa insegurança ao dizer que “o historiador está condenado a navegar indefinidamente, a nunca aportar um porto seguro, a seguir o (dis)curso, a realizá-lo” (2007, p. 30).

Ao colocar sob suspeita a forma como os acontecimentos foram, no decorrer do tempo, produzidos e narrados, tenho como objetivo contar uma história do presente. Não a verdadeira e nem a única história, mas àquela que procura responder quais são as verdades que constituem o sujeito negro no município de Venâncio Aires. A partir das contribuições de Foucault e de outros autores que me ajudaram a pensar a história de outros modos, defendo que é possível sempre produzir novas formas de olhar para o passado, e um exemplo produtivo destas possibilidades são os processos de in/exclusão que historicamente marcaram o afro-descendente.

Neste capítulo, apresento o município de Venâncio Aires como um espaço cultural marcado por intensas relações de poder onde se gestam elementos importantes para pensar a constituição do sujeito negro. Após localizar o município no território do Rio Grande do Sul, mostrando algumas potencialidades investigativas que se articulam a partir de pesquisas já realizadas na região do Vale do Rio Pardo, procuro olhar para a história do município, problematizando-a. Ao evidenciar algumas características culturais que circulam com intensidade neste local, conhecido como a Capital Nacional do Chimarrão, é possível entender como se estruturam os discursos e como eles operam nos sujeitos venâncio-aireses. Para finalizar, trago o sujeito negro como centralidade desta trama, apresentando alguns dados que considero interessantes e que me ajudam a pensar sua (in)visibilidade neste município.

O Rio Grande do Sul pode ser entendido como uma região onde o discurso de exaltação de determinados grupos étnicos acabou por produzir a imagem de um local onde o desenvolvimento econômico e cultural encontra-se fortemente relacionadas ao processo de imigração iniciado a partir da segunda década do século XIX. É preciso ressaltar que, nesse arranjo a partir do qual é entendida a constituição populacional do Estado, algumas

etnias foram mais ou menos excluídas e/ou marginalizadas na composição da sua identidade cultural, o que comprova o estreitamento existente entre os efeitos de um discurso e as relações de poder. A própria historiografia da região Sul do Brasil legitimou as narrativas que apontavam para características inatas dos tipos étnicos que compõem a população do Estado, conferindo um valor maior para os brancos de etnia alemã e italiana. Estas especificidades, principalmente em relação ao processo de povoação do território, contribuíram para a criação de inúmeros mitos acerca da identidade cultural da população do extremo sul do país. Nas palavras de Ruben Oliven (1992, p. 49),

as peculiaridades do Rio Grande do Sul contribuem para a construção de uma série de representações em torno dele que acabam adquirindo uma força quase mítica que as projeta até nossos dias e as fazem informar a ação e criar práticas no presente.

Os apontamentos realizados por algumas pesquisas na região central do Estado, especificamente no município de Santa Cruz do Sul (NEUMANN, 2006, SILVA, 2007, SKOLAUDE, 2008), despertaram o interesse de olhar também para outros locais do Vale do Rio Pardo. Nesta região, a maioria dos municípios se caracteriza pela imigração alemã. Em Santa Cruz do Sul, onde se desenvolveu um importante núcleo de colonização de imigrantes alemães, a partir de 1849, o que foi constatado nas pesquisas é um discurso poderoso que valoriza essencialmente estes colonos, dedicando-lhes todo o mérito do desenvolvimento da região. Em detrimento desta valorização, o que ocorre é a invisibilidade de outros grupos étnicos, em especial a população negra. Invisíveis tanto cultural como socialmente, ela se posiciona e é posicionada à margem desta sociedade, o que ocorre também dentro da instituição escolar.

Ao dizer isso, meu objetivo não é desmerecer o trabalho desenvolvido pelos alemães nesta região, muito menos fazer julgamentos em torno de sua efetiva participação ou não em relação aos movimentos desenvolvimentistas do Vale do Rio Pardo. Interessa, aqui, problematizar o quanto as narrativas identitárias produzidas em Santa Cruz do Sul, sobretudo a partir da década de 70, favoreceram o processo de exclusão e de legitimação de um lugar de inferioridade aos não pertencentes a este grupo étnico. Mateus Silva

Skolaude esclarece este processo quando evidencia que, embora a colonização alemã não tenha se efetivado em um vazio geográfico, esta história de valorização do colono alemão acabou por ser “estruturada em torno de algumas dicotomias ou posições binárias básicas que, por sua vez, estão carregadas de conceitos hierarquizadores como: alemão/brasileiro; limpo/sujo; trabalhador/indolente” (2008, p. 43). Aquele que não pertence ao que é considerado positivo, neste caso, acaba por ser responsável por todos os problemas, seja pela indolência, pelos crimes, pela impureza.

Foi considerando estas e outras características dos afro-descendentes em Santa Cruz do Sul, que Venâncio Aires se mostrou como um local instigante para realizar um estudo que tivesse como centralidade o sujeito afro-descendente. Nos primeiros movimentos desta pesquisa, foi possível perceber que sua constituição histórica e a forma como a comunidade venâncio-airense se narra através dos meios de comunicação e dos eventos que realiza apontavam para uma identidade cultural que aparentava visibilizar o afro-descendente. No decorrer da investigação, um olhar atento para estas características culturais permitiu-me perceber o que difere Venâncio Aires de Santa Cruz do Sul. Mais do que um estudo meramente comparativo, no entanto, busquei entender como se produzem e se engendram as verdades que constituem o sujeito negro.

Optei por trazer, já neste capítulo, partes do material de investigação, pois os históricos do município presentes no jornal durante os anos de sua publicação muito nos dizem sobre a (in)visibilidade do afro-descendente. Defendo que o jornal Folha do Mate é um importante instrumento educativo, pois ao constituir-se como marcador das diferenças e das posições dos sujeitos, ele educa os indivíduos a olharem tanto para si, quanto para o outro, que pode ser considerado visível/invisível ou superior/inferior. Além disso, há pouquíssimas fontes de pesquisa que registram elementos da história de Venâncio Aires, e as existentes também estão baseadas nas informações publicadas no jornal ao longo dos anos. Temos aqui, então, solo produtivo para investigar como se dão essas relações de poder e o que elas produzem na constituição do sujeito negro deste município.

### 3.1 A Capital Nacional do Chimarrão (e suas tramas culturais)

*Ó salve Venâncio Aires  
Belo recanto do Brasil  
Salve a capital do ouro verde  
Tua glória é sempre progredir  
(Hino de Venâncio Aires – Refrão)*

Fundada em 11 de maio de 1891, Venâncio Aires comemora, neste ano de 2012, 121 anos de sua emancipação política. Do início do século XIX até a sua emancipação, seu território pertenceu a Rio Pardo (1809-1832), Triunfo (1832-1849), Taquari (1832-1881) e, finalmente, a Santo Amaro (1881-1891) (VOGT, 2004). Situado à beira do Rio Taquari, atualmente é um município de médio porte, com uma de população 65.964 habitantes (IBGE, 2010) e ocupando uma área de 773 km<sup>2</sup>. Acompanhando as características da região, 62,8% da população residem na área urbana e 37,2% na zona rural. Sua economia está calcada principalmente na agricultura familiar, sendo o maior produtor brasileiro de tabaco. Há investimentos no setor empresarial, como a prestação de serviços e a industrialização, especialmente no setor metal mecânico. Embora as administrações municipais historicamente tenham buscado a diversificação econômica, os venâncio-airesenses dependem muito da fumicultura para sua subsistência, seja no cultivo, seja nos postos de trabalho nas indústrias de processamento do cigarro<sup>13</sup>.

Culturalmente, Venâncio Aires é conhecido como a Capital Nacional do Chimarrão. Embora o plantio e o processamento da erva-mate não seja a centralidade da economia do município, ela persiste com uma área de 4,7 mil ha de terras e duas importantes indústrias ervateiras. Mesmo produzindo menos erva-mate que outros municípios do Rio Grande do Sul, sua identidade cultural como Capital do Chimarrão permaneceu. De acordo com Vogt e Eckert (2004, p. 229),

esse título passou a ser uma deferência não somente ao gosto generalizado que sua população nutre pelo mate, mas é também uma reconhecida homenagem ao ervateiro, que, através do seu trabalho, que vai da colheita ao beneficiamento

---

<sup>13</sup> Dados utilizados com base no sitio da Prefeitura Municipal de Venâncio Aires. Disponível em: <http://www.pmva.com.br/site/conteudo.php?pag=economia>. Acesso em: 10 mai. 2011.

da erva, produz uma das mais apreciadas riquezas do município.

Diversos municípios marcados pela imigração europeia possuem forte simbologia étnica, como é o caso de Santa Cruz do Sul, considerada a terra da Oktoberfest. Mesmo sendo a capital do Fumo, nos anos 70 houve um importante movimento de fortalecimento identitário que promoveu a valorização da etnia alemã (SKOLAUDE, 2008). Desta forma, é curioso o fato de Venâncio Aires ter como elemento simbólico o chimarrão, considerado uma prática da cultura gaúcha, muito mais abrangente. Embora marcado simbolicamente por uma tradição que é forte no Rio Grande do Sul, a bebida é um símbolo que agrega outras culturas, como a indígena e a portuguesa. Qual seria o motivo, então, para a escolha deste elemento como símbolo do município de Venâncio Aires?

Diversos registros afirmam que o território onde hoje se localiza Venâncio Aires durante o período colonial era rico em madeira de lei e erva-mate, motivo pelo qual aumentava o interesse dos descendentes lusos pela região. Os primeiros povoadores, além dos indígenas que já ocupavam o território por séculos, foram os açorianos no final do século XVIII. Juntamente com estas famílias, vieram negros na condição de escravos, muitas vezes os únicos residentes do local. Os alemães, por sua vez, começaram a chegar apenas na segunda metade do século XIX. Todos estes grupos étnicos fizeram uso do plantio da erva-mate como forma de subsistência, provavelmente tendo aprendido esta técnica com os indígenas.

Relatos de viagem e escritos deixados pelos primeiros imigrantes alemães do município apontam que o uso da erva-mate rapidamente se difundiu entre os colonos, especialmente pela abundância da planta no território. No capítulo da obra “Abrindo o Baú de Memórias que trata da “Erva-mate e Chimarrão”, Vogt e Eckert (2004) trazem alguns depoimentos de imigrantes, entre eles o de Josef Umann, que chegou em Linha Cecília no ano de 1877: “Muito Domingo e feriado passamos juntos, em boa prosa. Sobre baixos banquinhos sentávamos horas em torno do fogo aceso, em meio a anedotas e conversa séria, enquanto a chaleira zunia e a cuia corria roda” (apud VOGT e ECKERT, 2004, p. 235).

Nas primeiras décadas do século XX, o plantio e a venda da erva-mate era um negócio promissor. Venâncio Aires chegou a estar entre os três maiores exportadores do produto no Estado, vendendo tanto a matéria-prima quanto a erva-mate pronta para consumo. As estimativas do consumo no município, no entanto, são difíceis de calcular, visto que há registros somente onde houve pagamento de impostos. Por este motivo, fortemente econômico, Venâncio Aires passou a ser conhecida como a Capital do Chimarrão, valorizando este símbolo da cultura sul-rio-grandense e tomando-a como marca constitutiva do município. Segundo Vogt e Eckert (2004, p. 235),

Em Venâncio Aires, o gosto pelo chimarrão é generalizado. Ele é um hábito cotidiano de todas as classes sociais. Toma-se chimarrão diariamente em casa, principalmente antes de ir para o trabalho e à tardinha, depois do serviço. Também sorve-se mate quando da visita de familiares, vizinhos e amigos. Uma cuia roda de mão em mão nas repartições públicas, em lojas do comércio, em escolas e em escritórios existentes no município.

No que se refere à simbologia de Venâncio Aires, o hino exalta o município como a “capital do ouro verde”. Diferente de outros locais, como Santa Cruz do Sul e Vera Cruz, onde o hino do município exalta os imigrantes alemães, aqui se ressalta a natureza, o trabalho e o progresso, mas não fala de um grupo étnico específico. A bandeira, como pode ser vista na imagem 1, se apresenta como um retângulo branco tendo no centro o brasão municipal. No interior do brasão, uma cuia de chimarrão e as mãos dadas embaixo, enfatizando esta bebida como o símbolo da amizade. Nas laterais, vemos dois ramos de fumo, atualmente o principal produto cultivado no município.



Imagem 1 - Bandeira de Venâncio Aires

Fonte: Sítio da Prefeitura Municipal (2011).

Este exemplo nos mostra o quanto à simbologia está vinculada ao poder econômico de uma sociedade. Dominada por aqueles que possuem melhores condições financeiras, a cultura se coloca cada vez mais no centro das atenções dos governos. Segundo Hall, “a expressão “centralidade da cultura” indica aqui a forma como a cultura penetra em cada recanto da vida social contemporânea, fazendo proliferar ambientes secundários, mediando tudo”. (1997, p. 5). Ao mesmo tempo em que ocorre a desregulamentação de alguns processos, antes considerados mais rígidos, o controle da cultura passa a ser mais sofisticado, promovendo uma ampliação da racionalidade das práticas culturais na vida das pessoas. Se o chimarrão pode ser considerado um símbolo que agrega diferentes culturas, ele também é utilizado como uma estratégia para que Venâncio Aires possa se afirmar como um município que valoriza as diferenças culturais. Na prática, as culturas que o chimarrão agrega são aquelas que, atravessadas pelas relações de poder, são autorizadas a participar da roda onde a cuia de mate circula. Da mesma forma, essa valorização das diferenças se configura como um discurso, muito distante das práticas culturais do município. Este discurso torna-se conveniente, na medida em que

a cidadania cultural implica que grupos unidos por certos aspectos sociais, culturais e/ou físicos não deveriam ser excluídos da participação nas esferas públicas de determinada constituição política com base naqueles aspectos ou características (YÚDICE, 2006, p. 42).

Em Venâncio Aires, a cada dois anos é promovida a Festa Nacional do Chimarrão - FENACHIM, “a festa com sabor do Rio Grande”, maior evento da cidade e que tem como objetivo dar visibilidade econômica e cultural ao município. Nas imagens que seguem, podemos observar o pórtico de entrada da cidade de Venâncio Aires, que destaca a simbologia do município. São duas mãos que seguram cuias, simbolizando a hospitalidade que a Capital do Chimarrão pretende oferecer ao visitante. A imagem 1 é uma fotografia de capa do jornal Folha do Mate e a imagem 2, uma produção fotográfica para a divulgação da última FENACHIM, ocorrida em 2010. Na segunda imagem, podemos observar três mulheres: uma morena, uma branca e uma negra. Três tipos de beleza que possivelmente serviu para enfatizar a diversidade étnica do município. A escolha de uma mulher negra para a composição da corte da FENACHIM, no entanto, certamente se configura como um acontecimento interessante, se considerarmos os demais municípios da região.



Imagem 2 – Pórtico de entrada da cidade de Venâncio Aires

Fonte: Jornal Folha do Mate, 5 de maio de 2000.



Imagem 3 – Soberanas da FENACHIM 2010

Fonte: Divulgação.

Esta não foi a primeira vez que uma mulher negra compõe a corte da FENACHIM. A primeira festa em nível nacional ocorreu no ano de 1985. Na foto do jornal Folha do Mate, apresentada na imagem 4, entre as candidatas destacam-se duas afro-descendentes. Na ocasião, uma das princesas da 1ª FENACHIM foi Viviane Lopes, jovem que se destacou também por vencer outros concursos de beleza, como Mulata Café e Mulata Regional, no ano de 1984, Rainha do Carnaval e Miss Mulata RS, em 1985. No ano de 2006, a FENACHIM elegeu como rainha a jornalista Daniela Azeredo, também negra. No último concurso, ocorrido no ano de 2011, não houve nenhuma candidata “de cor”. Algumas pessoas da localidade afirmam que isso se deve ao fato das garotas estarem cientes de que nesta edição de 2012, não seria escolhida nenhuma afro-descendente, o que aponta para algumas relações de poder que, embora sutis, são perversas.



Imagem 4 – Candidatas a corte da 1ª FENACHIM

Fonte: Jornal Folha do Mate, 31 de julho de 1985.

Nas últimas edições da FENACHIM, a festa obteve maior destaque com o reconhecimento do chimarrão como patrimônio cultural imaterial do Rio Grande do Sul e brasileiro. O Núcleo de Cultura de Venâncio Aires – NUCVA coordenou o projeto “O Patrimônio Imaterial do Chimarrão – o chá da amizade”, aprovado em 2010. Segundo definição da Organização das Nações Unidas para a educação, a ciência e a cultura - UNESCO, o Patrimônio Cultural Imaterial de um país reúne “as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas - junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados” reconhecidos por suas comunidades, grupos e, em alguns casos, indivíduos, como parte integrante do seu patrimônio cultural.<sup>14</sup> Foram três anos de trabalho que resultaram em um estudo da bebida nas diversas áreas do conhecimento, como às práticas de preparo do chimarrão ao longo do tempo e as propriedades medicinais da erva-mate, que é considerado chá. O patrocínio é da Petrobrás e a aprovação é do Ministério da Cultura<sup>15</sup>.

Venâncio Aires vem investindo nesse potencial com a criação de uma rota turística. Conhecida como “Rota do Chimarrão”, o visitante pode

<sup>14</sup> Disponível em: <http://www.hotsitespetrobras.com.br/cultura/projetos/51/361>. Acesso em: 12 jan. 2012.

<sup>15</sup> Informações sobre a aprovação do Chimarrão como Patrimônio Cultural podem ser vistos no sítio da Petrobrás, disponível no endereço eletrônico citado na nota anterior.

passar pelo interior do município e conhecer alguns elementos da cultura gaúcha e da colonização alemã, como arquitetura antiga e a gastronomia colonial, além de aprender vários tipos de preparo da bebida, na “Escola do Chimarrão”. Segundo as informações do sítio da Secretaria de Turismo do Rio Grande do Sul,

A Rota do Chimarrão, localizada em Venâncio Aires, na região do Vale do Rio Pardo, é um passeio típico da cultura gaúcha, que preserva a colonização alemã, onde poderá ser observada a arquitetura antiga e a gastronomia colonial. Constituída por paisagens belíssimas, composta por ervais, cascatas e balneários, o turista vai respirar o ar puro da natureza. Floriculturas, agroindústria, restaurante colonial, balneários, artesanato e turismo religioso estão presentes no roteiro.<sup>16</sup>

Esta é mais uma forma de valorizar algumas práticas culturais específicas. Em que pese o chimarrão ser um símbolo da cultura gaúcha, os visitantes da “Rota do Chimarrão” terão maior contato com o interior do município, onde se destaca a arquitetura, a gastronomia típica e aspectos históricos dos colonos alemães. Nesse sentido, assemelha-se com a “Rota Germânica”, passeio turístico localizado no município de Santa Cruz do Sul. No entanto, Venâncio Aires teve significativa participação de outros grupos étnicos na sua constituição histórica, o que tradicionalmente passou despercebido. Do ponto de vista turístico, parece não haver nada da cultura negra para ser conhecida. Embora haja alguns movimentos que busquem o reconhecimento da participação afro-brasileira na história de Venâncio Aires, ela ainda é extremamente pequena.

Depois de milhares de anos de ocupação de grupos indígenas de tradição Umbú e Tupiguarani (KLAMT, 2004), o primeiro relato de posse de terra no território onde hoje se encontra Venâncio Aires foi de uma sesmaria localizada nas margens do Rio Taquari, em 1762, de propriedade de Francisco Machado Fagundes da Silveira. Neste período, quem trabalhava na propriedade e legitimava sua posse eram os escravos (VOGT, 2004). Já no século XIX, precisamente em 1864, sua neta, chamada Brígida Fagundes do

---

<sup>16</sup> Disponível em:

<http://www.turismo.rs.gov.br/portal/index.php?q=destino&cod=4&opt=25&id=121&bd=&fg=3>. Acesso em: 11 mai. 2011.

Nascimento, doou um terreno para ser construída uma igreja em homenagem ao santo de sua devoção, São Sebastião Mártir. Segundo o histórico do município, esta carta de doação seria considerada a certidão de nascimento de Venâncio Aires, pois a partir deste momento o povoamento da então Faxinal dos Fagundes (como era conhecido o município na época) começou a crescer com mais rapidez (FOLHA DO MATE, 1998).

A partir de 1853, os donos das sesmarias passaram a fazer o loteamento das terras para serem vendidas aos colonos alemães e seus descendentes, que começavam a chegar. No vale do Rio Pardo, a colonização iniciou na Colônia de Santa Cruz do Sul (1849). Os primeiros alemães a chegarem a Venâncio Aires ocuparam faixas de terra que antes pertencia aos Fagundes, 1856. Posteriormente, iniciaram a colonização em Monte Alverne (1859), Centro Linha Brasil (1860), Linha Isabel (1873), Linha Cecília (1877) e nas demais localidades do interior, das quais muitas eram colônias particulares. Segundo Olgário Vogt (2004, p. 120), “as colônias particulares eram empreendimentos comerciais bancados pela iniciativa privada que arcava, via de regra, com o capital necessário para aquisição de terras, abertura de picadas, medição de lotes, etc”. No final do século XIX, chegaram também alguns colonos italianos, estes em menor número.

Embora o município seja caracterizado desde sua fundação pela diversidade étnica, a história tradicional ausenta alguns grupos ao falar de sua contribuição para o desenvolvimento da região. Ao exaltar o progresso de Venâncio Aires e valorizar suas raízes históricas, tomam-se como responsáveis os portugueses e os alemães, estando presentes em alguns momentos os italianos. Os indígenas são raramente referidos, e geralmente ocorre quando mencionada a prática cultural do chimarrão, herança destes povos. A presença negra se evidencia em função da sua significativa população e da mão-de-obra escrava, responsáveis pelo trabalho.

Esta valorização é passível de ser observada também em outros elementos. As ruas de uma cidade, por exemplo, constituem-se como um importante elemento catalisador das características de um espaço que é coletivo. Assim como a casa, as ruas podem ser vistas como categorias sociológicas, que de acordo com Roberto DaMatta (1991, p. 17), “não

designam simplesmente espaços geográficos ou coisas físicas mensuráveis, mas acima de tudo entidades morais, esferas de ação social, províncias éticas dotadas de positividade”. As nomenclaturas das ruas geralmente sinalizam aquilo que se considera valioso e que se pretende preservar, em especial sua história. A maioria das ruas das cidades brasileiras possuem nomes semelhantes, vinculados a personagens da política, como Getúlio Vargas, Osvaldo Aranha, General Osório, ou ainda datas históricas, como 7 de setembro, 15 de novembro. Em Venâncio Aires não é diferente. Encontramos também algumas ruas que homenageiam personagens da história local, como Jacob Becker e Reinaldo Schmaedecke. Embora seja marcante o discurso que valoriza a cultura alemã, são poucas as ruas que possuem nomes com esta característica.

Outro aspecto cultural bastante forte em Venâncio Aires é o tradicionalismo gaúcho. Ser a Capital Nacional do Chimarrão favorece o incentivo por parte do governo para desenvolver ações em diferentes locais do município. Atualmente, o município conta com diversas entidades folclóricas (11 no total), entre elas Centro de Tradições Gaúchas (CTG) e Invernadas Artísticas, muitas vinculadas às instituições de ensino. Dentre as atrações que ocorrem aos finais de semana, a maioria são as festas dos padroeiros das comunidades (tanto da cidade quanto do interior) e os rodeios crioulos, realizados nos CTGs. A Secretaria Municipal da Cultura registra hoje também três grupos de dança alemã. Hall (1997, p. 15) já nos chamava a atenção de que

quanto mais importante — mais “central” — se torna a cultura, tanto mais significativas são as forças que a governam, moldam e regulam. Seja o que for que tenha a capacidade de influenciar a configuração geral da cultura, de controlar ou determinar o modo como funcionam as instituições culturais ou de regular as práticas culturais, isso exerce um tipo de poder explícito sobre a vida cultural.

O culto às tradições, no caso de Venâncio Aires, é uma condição para o pertencimento à comunidade. Os encontros com este fim têm o objetivo de criar e manter os laços entre as famílias. Além disso, são considerados importantes espaços educativos para as crianças e jovens, pois muitos são os que participam de algum grupo de dança. É interessante olhar para estes

grupos e ver quem está autorizado a participar. A tradição gaúcha acaba agregando sujeitos pertencentes às diversas etnias, mas estas práticas são pouco visíveis nos grupos de dança alemã, por exemplo. Isso mostra o quanto o espaço simbólico das tradições é marcado pelas relações de poder que constituem os indivíduos.

No caso da cultura gaúcha, não podemos esquecer que ela representa uma história que foi forjada e que se transformou em mito, especialmente com relação à Guerra dos Farrapos. Juremir Machado da Silva (2010, p. 14), já afirmou “ser a Revolução Farroupilha o acontecimento mais construído e mitificado da História brasileira, a ponto de História e Mito acharem-se atualmente quase inteiramente confundidos, com ampla vantagem para a idealização”. Uma invenção que resulta em um sentimento de tradicionalista muito forte, vivenciada por meio de uma tradição que também é inventada. Na obra intitulada “A invenção das tradições”, Hobsbawm assim define:

Por “tradição inventada” entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita e abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado. Aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado (HOBSBAWM, 1984, p. 9).

Não cabe aqui julgar se a vivência destas práticas culturais é positiva ou negativa, mas não podemos esquecer que estas narrativas, produzidas a partir de uma história que foi inventada, por muito tempo negou a participação de alguns grupos étnicos. Tornar os líderes da Revolução Farroupilha heróis de um Estado, louvar as virtudes que são imaginárias e exaltar que “povo que não tem virtude acaba por ser escravo”, como afirma o Hino do Rio Grande do Sul, tem implicações muito perversas. Alguns posicionamentos rígidos do Movimento Tradicionalista Gaúcho – MTG são fortemente moralizadores, pois valorizam de sobremaneira as suas crenças e ignoram as práticas culturais do outro, negando-o. Além disso, a história narrada pelo MTG defende a ideia de uma pureza, que de acordo com a visão de Bauman (1998), busca anular os estranhos e todos aqueles que maculam

a ordem dos fatos, que colocam em xeque a narrativa limpa e subrepujante do Rio Grande do Sul.

Felizmente, esta desconstrução histórica está sendo feita com primor por alguns historiadores da atualidade, pois como afirmou Silva (2010, p. 14), “o historiador desmancha prazeres. Cabe-lhe muitas vezes atrapalhar os mais belos sonhos daqueles que têm o poder de sonhar”. Assim, o papel do historiador não pode se resumir a reescrever a história, mas problematizar os discursos oficiais, as verdades que foram sendo constituídas no decorrer do tempo. Significa dar visibilidade aos considerados infames, mostrar as formas utilizadas para governar os outros no decorrer dos tempos, os mecanismos utilizados para conter os anormais (GALLO, 2009).

No item a seguir, apresento alguns fragmentos da história do afro-descendente de Venâncio Aires. Atenta para as (in)visibilidades presentes no jornal Folha do Mate, procuro mostrar como ele encontra-se na história do município, especialmente em relação às narrativas históricas publicadas no jornal. “Visibilidade e invisibilidade constituem mecanismos de produção da alteridade e atuam simultaneamente com o nomear e/ou deixar de nomear” (SKLIAR, 2001, p. 123). Estes movimentos, aos poucos, vão possibilitando entender as tramas que produzem as verdades sobre o sujeito negro.

### **3.2 O negro em Venâncio Aires: história(s) de (in)visibilidade**

*Os negros já estavam aí.  
(FOLHA DO MATE, 11 de maio de 2000)*

Da mesma forma que a historiografia tradicional do Rio Grande do Sul por muito tempo negou a presença significativa da escravidão negra (OLIVEN, 1992), a região do Vale do Rio Pardo invisibilizou o afro-descendente. No caso de Santa Cruz do Sul, “a mística do pioneiro, do primeiro colono ou imigrante, seus valores estruturais para a civilização e as tradições trazidas na “bagagem”, constituem os “valores” referenciais” (SKOLAUDE, 2008, p. 44). Em outras palavras, a consolidação de uma narrativa identitária que valorizou de sobremaneira os colonos alemães acabou por ignorar a presença de outros grupos étnicos. Mas como isso

ocorreu no município de Venâncio Aires, visto que sua constituição histórica remonta o período da colonização portuguesa, sociedade escravocrata por excelência?

Ao valorizar determinados personagens na história regional, vinculando sua presença ao êxito do desenvolvimento da região, a colonização passa a ser entendida como um triunfo, como um desafio alcançado. Nas edições de aniversário de Venâncio Aires, o jornal Folha do Mate publicou muitos históricos do município. Uma análise destes textos, que compreendem os anos de 1974 a 2011, permitiu-me ver que muitas vezes o negro não constava e, quando isso ocorria, era relegado como aquele que “já estava aí”. Uma história positivista, que valoriza o progresso e transforma os acontecimentos em uma epopéia civilizatória, como se pôde observar, tratou de invisibilizar aqueles que não fossem considerados responsáveis pelo desenvolvimento. Os excertos<sup>17</sup> abaixo permitem observar estas ausências:

As primeiras famílias eram de origem portuguesa, que se estabeleceram às margens do Rio Taquari e nos arroios Castelhana e Sampaio. [...] Obtiveram ótimos resultados, **podendo seus descendentes orgulharem-se de sua descendência**. Folha do Mate, 13 de maio de 1978.

Além dos portugueses e alemães, chegaram mais tarde os italianos. Folha do Mate, 8 de maio de 1987.

Os primeiros habitantes eram de origem portuguesa. [...] Devemos nossa colonização também aos alemães e italianos. Folha do Mate, 8 de maio de 1992.

Das terras colonizadas primeiramente pelos portugueses e depois pelos imigrantes alemães, surgiu um município progressista. Folha do Mate, 7 de maio de 1999.

Estes são alguns exemplos de históricos que delegam essencialmente aos portugueses e alemães o mérito do desenvolvimento do município. Nos

<sup>17</sup> Nesta dissertação, optei por apresentar os excertos do jornal Folha do Mate em quadros, para diferenciar das demais citações. As marcações em negrito foram intencionais. Quando utilizar dentro do parágrafo, os fragmentos estarão marcados em itálico.

textos em que o negro é citado, ele é sempre referido como escravo, como é possível observar:

Assim foi desde que aqui chegaram os primeiros povoadores portugueses, que imediatamente passaram a receber os imigrantes alemães, **mesclando-se assim, elementos de origem lusitana e teuta, altamente proveitosa.** [...] um tanto despercebido, **passa sem muitos comentários, a participação significativa dos escravos no desenvolvimento da comunidade venâncio-airense.** Folha do Mate, 11 de maio de 1988.

Dizer que a participação dos escravos é significativa é apenas uma forma de considerá-los na história. Dos históricos do município publicados no jornal, o ano de 1888 é o primeiro em que é citada a participação dos escravos. No decorrer desta dissertação, vai ser possível perceber que este ano está presente em muitas reportagens sobre o negro, especialmente por ser o ano do centenário da abolição da escravatura. Neste período, o município teve forte atuação do Movimento Negro, favorecendo sua visibilidade. O governo municipal, por sua vez, publicou um decreto, instituindo o ano da etnia negra, incluindo na programação da 2ª FENACHIM apresentação de danças afro-brasileiras, desfile temático e o show do cantor negro Jair Rodrigues (FOLHA DO MATE, 13 de maio de 1988). Esta visibilidade, no entanto, não impediu que o afro-descendente continuasse a ser considerado em segundo plano. Permitiu apenas que ele fosse lembrado, mas como escravo, indigente. O excerto abaixo comprova isso:

Desde o início do século XVII a vasta região onde se situa, entre outros, o município de VA **já recebia seres humanos é verdade que anônimos, tais como índios, escravos, fugitivos, exploradores, militares e até aventureiros,** mas estes não ocuparam espaço pois eram itinerantes, passando apenas por estas terras. Folha do Mate, 8 de maio de 1998.

Em Venâncio Aires, a história do afro-descendente é bastante anterior à fundação deste município. Não podem ser concebidos como anônimos, pois os escravos que andavam por esta região pertenciam aos portugueses com interesses na região e em sua maioria eram batizados na tradição católica. Segundo Jair Luiz Pereira (2004, p. 74),

a presença da população negra africana e seus descendentes [...] remonta à posse das primeiras sesmarias e datas. Na condição de imigrantes forçados, os escravos chegaram acompanhando seus senhores para trabalho na agricultura, na extração de madeira de lei, e na extração e preparo de ervamate, até então, explorada por indígenas e pessoas itinerantes conhecidas como “serranos.

Como vimos, algumas informações desta última reportagem estão incorretas, pois estudos mostraram que diversos grupos indígenas fixavam moradias nas proximidades do Rio Taquari e nas encostas da serra (KLAMT, 2004). Ironicamente, ele é lembrado de forma positiva cada vez que se menciona o principal elemento cultural do município: o chimarrão. Como personagem da história do município, o ano de 2011 foi o primeiro em que o jornal publicou uma reportagem sobre a população indígena venâncio-aiense. Considerados minoria étnica, somam apenas 0,08% da população, de acordo com os dados do censo de 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. Invisibilizados historicamente, o percentual de indígenas corre o risco de reduzir ainda mais na região, pois sua afirmação identitária implica na sua autodefinição. Os discursos que circulam sobre estes grupos favorecem sua subjetivação, e muitos preferem não se declararem indígenas. Vale lembrar que no censo de 2000, o percentual era de 0,13%.

No final do século XVIII e durante o século XIX, foi significativa a entrada de escravos no Rio Grande do Sul. Segundo Regina Célia Lima Xavier (2010, p. 18), “a maioria dos escravos que desembarcavam no porto de Rio Grande era africana recém chegada ao Brasil”. Grande parte dos navios negreiros chegados da África desembarcava no Rio de Janeiro, e os escravos destinados ao Rio Grande do Sul vinham de lá. Com relação à escravidão em Venâncio Aires, algumas reportagens, como as que se encontram a seguir, registram a presença de escravos baianos, provavelmente comprados por encomenda.

Em Venâncio Aires, as notícias sobre a presença de **escravos “baianos”** remonta a chegada dos portugueses açorianos. [...] **A população negra foi quem iniciou o carnaval nas ruas** de VA, tradição perpetuada até nossos dias. Folha do Mate, 8 de maio de 1992.

BAIRRO BRÍGIDA FAGUNDES. Escravos. Num depoimento de dona Lolita, ela conta que sua avó tinha uma **escrava baiana**. [...] Quando chegou a alforria, a avó de Lolita, Dona Brígida Fagundes, deu liberdade a todos os seus escravos. **Um deles ganhou um cavalo, dinheiro e mala de pano, saindo em viagem. Gastou todo o dinheiro e voltou.** Dona Brígida Fagundes doou a terra para construção da Igreja, hospital e Colégio Aparecida. Folha do Mate, 10 de maio de 2002.

Brígida Fagundes era neta do primeiro proprietário de sesmaria que se tem registro em Venâncio Aires, no ano de 1762. Por ter sido ela que doou o lote de terras para construção da igreja matriz, é sempre lembrada como uma mulher muito bondosa. Hoje a cidade possui um bairro e uma escola municipal com o seu nome. O depoimento desta reportagem, todavia, corrobora para a ideia preconceituosa de que o negro não consegue adquirir ou manter os bens que possui, até hoje presente na mentalidade de algumas pessoas. Está claro que fazer doações para um ex-escravo que nunca teve contato com algo que fosse seu poderia ter esta atitude por consequência.

Uma das polêmicas discussões sobre a história do Rio Grande do Sul e da região trata da presença de escravos nas colônias alemãs. A historiografia, produzida por alguns defensores da imigração destes europeus, afirmava que nestes núcleos não havia escravos, pois estariam imbuídos de uma cultura germânica que valorizaria o trabalho livre. Além disso, a Lei imperial nº 514, de 29 de outubro de 1848 proibia a coexistência de mão-de-obra escrava e imigrante nas províncias. Sabemos, no entanto, que os alemães buscavam alternativas para burlar esta lei, especialmente através da adoção e de contrato temporário, onde constam os nomes dos proprietários dos escravos. Estudos como os de Marcos Justo Tramontini<sup>18</sup> trataram sobre a dinâmica das relações presente nas colônias alemãs, como é o caso de São Leopoldo. O autor vai mostrando com dados que diversos imigrantes adquiriram posses, organizaram-se politicamente e participavam ativamente das instâncias governamentais, logo, possuíam escravos. Segundo Tramontini (s/d, p. 8),

Sobre aquela proibição poderíamos dizer que esta era uma lei “para inglês ver”, pois contrariava os princípios de uma

---

<sup>18</sup> Artigo disponível em: <http://www.fee.tche.br/sitefee/download/jornadas/1/s5a3.pdf>. Acesso em: 12 de dez. 2011.

sociedade escravocrata e da liberdade das pessoas disporem de seus bens e capitais, e, por ser uma lei “política” sua implementação dependeria do jogo de pressões, influências e enfrentamento ao qual os “imigrantes” não se recusavam, muito pelo contrário. Neste sentido, as fontes documentais evidenciam a continuidade na utilização da mão-de-obra escrava na Colônia.

Em Venâncio Aires, a presença de escravos junto aos colonos alemães pode ser confirmada através de duas reportagens do jornal Folha do Mate, dispostas a seguir:

Os primeiros negros pertenciam a uma leva de escravos adquiridos em Taquari por várias famílias venâncio-aireses. [...] A lei proibia a coexistência de mão-de-obra escrava e imigrante num mesmo território. **Porém, em VA, SCS e região, os próprios imigrantes encontravam uma maneira de burlar esta lei**, pois mesmo após a abolição da escravatura, as famílias **utilizavam do expediente da adoção**. Adotava-se o filho de escravos e de negros livres, registrava-o e utilizava seu trabalho. Folha do Mate, 8 de maio de 1998.

Os negros foram trazidos como escravos. **Eram adquiridos pelas famílias açorianas – e alemãs posteriormente – em contrariedade a Lei 514 de 29 de outubro de 1848**, que proibia a coexistência de mão-de-obra escrava e imigrante nas províncias do império. Folha do Mate, 7 de maio de 1999.

Em um local marcado pela escravidão, como Venâncio Aires, é possível conhecer muitas narrativas de afro-descendentes que se tornaram histórias de resistência e de superação das dificuldades. Em diversos casos, as famílias negras venâncio-aireses relatam que seus antepassados tiveram que ocultar sua identidade por terem fugido das fazendas onde trabalhavam, se alojando em pequenos quilombos. Da mesma forma, depois da Abolição, muitos negros permaneceram em seus locais de trabalho, outros partiram em busca de alternativas nos municípios vizinhos. Por serem pobres, sem condições de adquirir bens, fixaram moradias próximas a outras famílias negras e dependiam da mão de obra contratada por colonos alemães nas lavouras. Trabalhando junto aos imigrantes ou residindo em suas localidades, muitos negros aprenderam o idioma alemão. Algumas destas narrativas foram publicadas em reportagem do jornal Folha Mate e serão trazidas no decorrer desta dissertação. Como estes dois excertos que trago em seguida, importa registrar que as histórias de (in)visibilidade do negro em

Venâncio Aires são complexas e merecem ser pensadas para além daquilo que já foi dito pela historiografia até hoje.

Mesmo após a abolição da escravatura, muitos negros permaneceram junto aos seus antigos donos. Não possuindo emprego, em uma sociedade acostumada a ser servida sem precisar pagar por isso, os recém-libertos acabaram trabalhando em troca de alimentação. [...] negros que receberam chácaras e áreas de terra como pagamento pelo serviço prestado foram exceções. Folha do Mate, 10 de maio de 2011.

Devido a condição de escravos, os negros tiveram dificuldade para vivenciar sua própria cultura. [...] **Havia quem, inclusive, falava o idioma alemão.** Folha do Mate, 10 de maio de 2011.

Atualmente, muitos negros em Venâncio Aires são peões, empregados que trabalham na colheita do fumo durante a safra e depois como empregados nas fumageiras da cidade. Durante o século XX, uma parcela expressiva da população afro-descendente passou a residir nos bairros da cidade. Segundo o jornal Folha do Mate (10 de maio de 2002), “os primeiros moradores da Vila Rica e do bairro Macedo apresentavam a seguinte composição étnica: negros 51%, portugueses 40% e 9% de alemães”. Os bairros que apresentam o maior índice de negros são também os mais carentes, evidenciando que apesar de Venâncio Aires parecer ser diferente em algumas práticas culturais, a configuração social-étnica que se apresenta nas cidades brasileiras também aqui se repete.

Os dados do IBGE do censo de 2000 apontaram que em Venâncio Aires 93,28% da população se autodefiniu como branca, enquanto que apenas 4,05% se declararam pretos. Quando somados os pretos e pardos, tínhamos um total de 6,55%. Com a publicação das estatísticas do censo realizado em 2010, podemos perceber uma variação bastante significativa em relação aos dados por cor/raça dos venâncio-airesenses. Nos últimos 10 anos, o percentual de brancos diminuiu 4,3%, o que fez aumentar o número de pardos, que subiu 3,26%. Desta forma, a parcela de não-brancos, quando somados os pretos e pardos, passa a ser 10,62%. Podemos observar melhor estes dados nos gráficos a seguir:

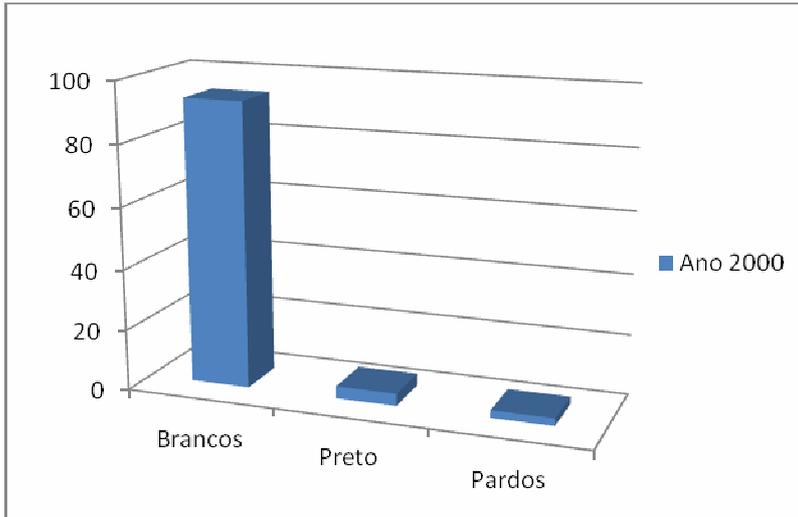


Imagem 5 - Dados da população de Venâncio Aires por cor/raça

Fonte: IBGE, 2000

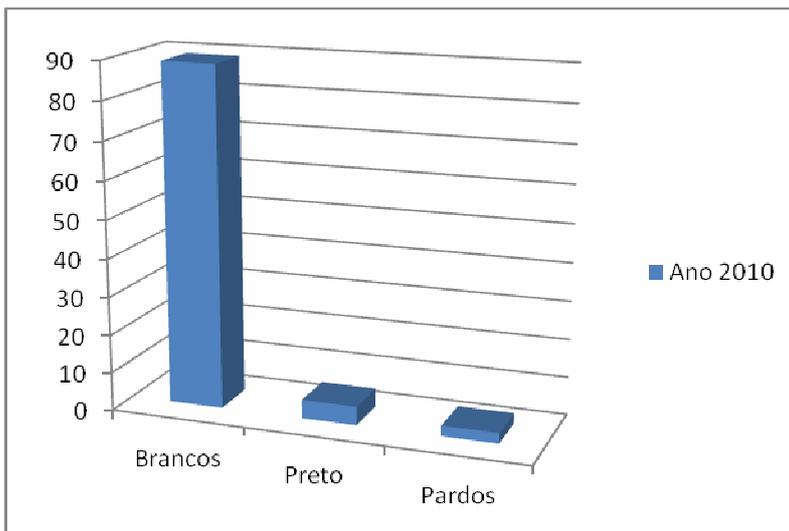


Imagem 6 - Dados da população de Venâncio Aires por cor/raça

Fonte: IBGE, 2010.

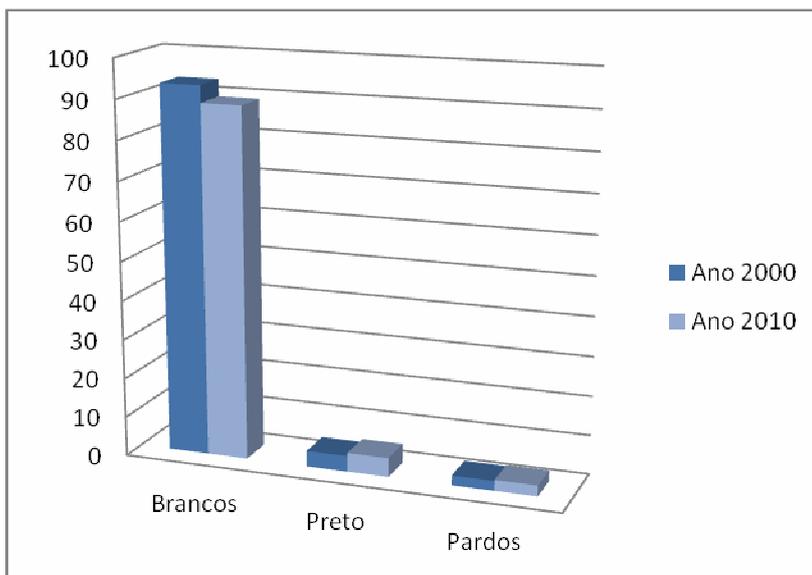


Imagem 7 – Variação da população residente em Venâncio Aires por cor/raça entre 2000 e 2010.

Fonte: IBGE, 2010.

Mesmo com esta variação significativa, especialmente em relação ao percentual de pardos, estes índices são inferiores aos outros municípios da região, como Santa Cruz do Sul, que possui 5,48% de pretos e 7,84% de pardos, somando 13,32% de não brancos. Vera Cruz foi o município analisado que mais apresentou variação no percentual de pretos nestes 10 anos, passando de 11,46% para 14,39% de não-brancos. Em nível de país, o índice de brasileiros que se declararam pardos também subiu consideravelmente, alcançando 4,68%, o que não ocorreu com os pretos, que subiu apenas 1,4%. Estes dados surpreenderam muitos pesquisadores, pois a hipótese era que as políticas de inclusão e de valorização do negro ocasionassem um impacto sobre sua autodefinição. De qualquer forma, o Movimento Negro considera como afro-descendente todos aqueles que se consideram pretos e pardos, e esse índice subiu de 44,66% para 50,74%, ou seja, mais da metade da população brasileira é negra.

Lívio Sansone já havia atentado para esta configuração étnica quando defendia que, de acordo com suas pesquisas, o Brasil seria um país cada vez mais miscigenado, mas acabaria por desenvolver uma consciência maior da sua negritude e a valorização da cultura afro-brasileira. “Em outras palavras, é possível que, no futuro, o Brasil venha a ser um país mais

mestiço ou pardo, talvez com menos pretos e com menos brancos, mas com um número crescente de negros” (SANSONE, 2004, p. 270). Resta-nos saber se este número crescente de pardos em Venâncio Aires pode estar relacionado a uma consciência de seu pertencimento étnico-racial ou se implica em outras possibilidades. De qualquer forma, esta variação nos permite ver o quanto pesquisas como esta são contingentes, flexíveis e complexas.

Neste capítulo, procurei apresentar algumas problematizações sobre a história de Venâncio Aires, especialmente sobre o sujeito negro. Foi possível perceber que as reportagens publicadas no jornal Folha do Mate muitas vezes ignoraram o afro-descendente, invisibilizando-os da história do município. Em alguns momentos, eles são meramente citados, mas como personagens pertencentes a um passado distante, uma herança escravocrata que não convém lembrar. Ao olharmos para estas (in)visibilidades presentes na mídia, percebemos que são as minorias étnicas, especialmente negros e indígenas, que carregam o ônus da representação. É “no campo de batalha simbólica dos meios de comunicação de massa, a luta pela representação no universo simulado homologa aquele da esfera política” (STAM, SHOHAT, 1995, p. 72). Se esta invisibilidade é uma característica da narrativa histórica do município, em outros locais a cultura e a presença do sujeito negro são celebradas, como veremos no capítulo a seguir.

#### **4 A CELEBRAÇÃO DA DIFERENÇA: ESPAÇOS CONCENDIDOS AO NEGRO**

*Os tempos pós-coloniais são o tempo da diferença. O nosso tempo, então, é o tempo da diferença fazendo o seu jogo, o tempo da diferença proliferante. (PIERUCCI, 2000, p. 175).*

Este capítulo pretende apresentar os espaços em que o sujeito negro é visibilizado no município de Venâncio Aires. A análise do jornal Folha do Mate permitiu-me evidenciar alguns momentos de efetiva participação do afro-descendente, como o carnaval, a festa religiosa da cidade, ou ainda seu destaque no esporte e nos concursos de beleza. A escolha deste título, desta forma, teve o objetivo de problematizar estes espaços de celebração da diferença. Mesmo que a presença do negro seja ressaltada de forma positiva, isso não quer dizer que ele esteja de fato incluído nas práticas sociais da comunidade venâncio-airense. O que ocorre, desta forma, é uma inclusão excludente<sup>19</sup>, pois estas são festividades que integram a população, aparentam uma convivência fraterna, mas é na verdade um espaço que tolera o “outro”. Segundo Antônio Flávio Pierucci (2000, p. 27),

A opinião pública oscila o tempo todo entre a celebração da diferença e a repulsa dos diferentes, entre a afirmação e a negação, entre a constatação inescapável do fato, da existência efetiva das diferenças, e a recusa (mais ou menos agressiva, mais ou menos violenta) de conviver com elas.

É preciso que estejamos atentos para as ciladas que a valorização da diferença nos coloca em tempos de globalização e multiculturalismo. Com os deslocamentos ocorridos nas últimas décadas, a centralidade assumida pela cultura faz com que a diversidade esteja na ordem do discurso. Por mais conservadora e preconceituosa que uma determinada sociedade seja, sua intenção sempre será demonstrar que é um espaço onde cada cultura possa vivenciar suas práticas. Dito de outra forma, as vivências culturais que

---

<sup>19</sup> Temáticas como Inclusão, Exclusão, Políticas de Inclusão e Governamentalidade são tratadas com afinco pelo Grupo de Estudo e Pesquisa em Inclusão – GEPI, sediado na UNISINOS, sob a coordenação de Maura Corcini Lopes e Eli Henn Fabris. Os pesquisadores que compõem o GEPI vêm se destacando na área com inúmeras publicações sobre os complexos processos de in/exclusão. No decorrer desta dissertação, faço uso destas publicações, especialmente por estar mais próxima das discussões do Grupo durante o Curso de Mestrado.

historicamente sempre estiveram presentes no município agora são usadas convenientemente, com o intuito de contornar as formas conservadoras e homogeneizadoras de lidar com a diferença. Estabelecendo momentos em que a cultura afro-brasileira deve ser festejada, o que se busca é a contenção e o governo das diferenças. Este movimento, no entanto, não é passível de ser realizado, uma vez que

Em contraposição às construções identitárias homogeneizadoras, que buscam aprisionar e localizar a cultura, coloca-se a ideia da diferença, articulada, contextualmente, nas lacunas de sentido entre as fronteiras culturais. [...] A diferença é construída no processo mesmo de sua manifestação, ela não é uma entidade ou uma expressão de um estoque cultural acumulado, é um fluxo de representações (COSTA, 2006, p. 92).

Sem deixar esta discussão de lado, mas tomando-a como solo argumentativo de toda essa complexidade das relações sociais, passo a apresentar como se configuram as visibilidades do sujeito negro em Venâncio Aires. Optei por dividir este capítulo em três itens. No primeiro, trato da religiosidade no município, em especial a devoção ao santo São Sebastião Mártir. Considerando-se muito religiosa, a comunidade venâncio-aiense destaca a participação do negro na história da Festa do Bastião, evidenciando o sincretismo e as manifestações de devoção que ocorrem em todo o país. No segundo item, o tema central é o carnaval e o clube dos negros de Venâncio Aires, organizações sociais que merecem destaque nesta investigação. O último item aborda, brevemente, alguns espaços onde o negro comumente encontra-se em destaque: o esporte e a beleza. Ilustrado com imagens e fragmentos de textos publicados no jornal, este capítulo procura mostrar, através de Venâncio Aires, algumas manifestações da cultura popular brasileira. Espero que o que segue se configure como um “tempero”, um toque de brasilidade para o leitor desta dissertação.

#### **4.1 Festa e procissão: a devoção ao padroeiro São Sebastião Mártir**

*Viva São Sebastião  
Salve o nosso padroeiro  
Derrame suas bênçãos  
Sobre este povo caminheiro  
(Hino de São Sebastião Mártir)*

Assim como muitos outros municípios, a fundação de Venâncio Aires está estreitamente vinculada à sua tradição católica. Como já foi dito em outro momento, Brígida Joaquina Fagundes do Nascimento doou no ano de 1864 um terreno para a construção de uma capela em homenagem a São Sebastião Mártir. Aprovada pela Paróquia de Santo Amaro, sua edificação iniciou no ano de 1876. A atual igreja Matriz, principal ponto turístico do município, começou a ser construída em 1929 e foi concluída na década de 50. Para a realização de sua reforma, em 1997, a paróquia São Sebastião Mártir contou com o apoio da comunidade, através de campanhas de doação e arrecadação de recursos financeiros. A fotografia a seguir ilustra o principal cartão postal de Venâncio Aires, localizado no centro da cidade. Além da Igreja, vemos também o chimarródromo, um monumento de metal que oferece água quente aos visitantes. Religiosidade e tradição, desta forma, compõem o principal ponto turístico do município.



Imagem 8 – Igreja São Sebastião Mártir

Fonte: <http://www.riogrande.com.br/municipios/venancioaires.htm>.

A relação da comunidade negra com a religiosidade do município está ligada a crença ao padroeiro São Sebastião Mártir. Antes mesmo da Abolição da Escravatura, registros apontam para a devoção no santo, tanto de negros quanto dos demais membros do povoado. A primeira festividade em homenagem a São Sebastião teria ocorrido em 1876. Segundo Angelita da Rosa (2004, p. 403),

De acordo com o livro tomo da comunidade católica do município, um grupo de 13 escravos e 3 homens<sup>20</sup> livres teria se reunido para a organização do evento e criado a Irmandade São Sebastião Mártir. O início da manifestação religiosa aconteceu no dia 20 de janeiro do mesmo ano, quando foi realizada, pela primeira vez, uma procissão para o santo padroeiro.

---

<sup>20</sup> O número de escravos e homens livres que teriam fundado a irmandade de São Sebastião varia de uma fonte para outra. O mesmo ocorre com a sua data de fundação. Pela quantidade de registros, conclui-se foi 12 a quantidade de escravos, 4 o número de homens livres e que seu ano de fundação foi 1880.

Desde 1876, anualmente ocorre em Venâncio Aires a Festa do Bastião, um evento popular que recebe muitos visitantes. O dia 20 de janeiro é considerado feriado municipal, quando acontece a procissão pelas ruas da cidade, ponto alto dos festejos. Unindo bailes, gastronomia e fé, esta festa é considerada a 4ª maior do Estado. As imagens a seguir compõem duas fotografias das procissões, publicadas no jornal Folha do Mate. É possível perceber a presença significativa de afro-descendentes no ato de fé, o que comprova ser esta festa religiosa um espaço de participação de diversos grupos étnicos. O antropólogo Roberto DaMatta já nos mostrou que

o espaço religioso demarca uma área onde é possível encontrar o rico e o pobre, o poderoso e o fraco, o sadio e o aleijado, o homem e a mulher, o adulto e a criança, o santo e o pecador, o crente fervoroso e o frequentador esporádico e distante (DAMATTA, 1997, p. 83).



Imagem 9 – Procissão de São Sebastião Mártir

Fonte: Folha do Mate, 26 de janeiro de 1977.



Imagem 10 – Procissão em devoção a São Sebastião Mártir

Fonte: Folha do Mate, 15 de janeiro de 1993.

Se por um lado as festas religiosas podem ser consideradas um momento de inclusão social, por outro lado elas ocorrem através de rituais que possuem espaços hierarquizados, marcados de acordo com as autoridades presentes. Mesmo havendo significativa participação dos afro-descendentes, o rito e a hierarquia eclesiástica demarcam as mesmas fronteiras que são estabelecidas no dia-a-dia das cidades. Como estas manifestações culturais ocorrem em todo o país, muitas de suas práticas são semelhantes. “Tais ritos em geral são iniciados com uma missa, então centrados na procissão (onde a imagem do santo sai de um santuário para outro) e terminam com uma festa no adro da Igreja onde foi depositada a imagem” (DAMATTA, 1983 p. 51).

As irmandades eram organizações de ajuda mútua compostas por escravos e negros libertos que serviam para diversos fins. Realizavam batismos, casamentos, assistência aos doentes, enterros e auxiliavam na compra da carta de alforria. Presentes em todo o Brasil, elas foram importantes instrumentos para a vivência das práticas culturais de origem

africana, que na maioria das vezes eram proibidas. Sua organização comprova como a resistência operou mesmo em um sistema opressor e vertical, como o escravista. O historiador João José Reis, ao pesquisar as Irmandades Religiosas na Bahia, ressalta a complexidade destas organizações, muitas vezes definidas etnicamente, pertencentes a brancos, negros libertos ou a diferentes nações africanas, como os jejes e os nagôs.

De acordo com Reis (1996, p. 5), “o surpreendente é constatar quão bem eles se adaptaram e, a partir daí, criaram micro-estruturas de poder, conceberam estratégias de alianças, estabeleceram regras de sociabilidade, abriram canais de negociação e ativaram formas de resistência”. Destas relações de poder soma-se o fato de muitas irmandades permitirem a participação de homens e mulheres de diferentes origens étnicas, mas sem poder presidi-la. Ainda segundo o mesmo autor,

Questões relativas à identidade, à diversidade étnica e a alianças interétnicas foram constantes na vida dos irmãos negros, como o foram os enfrentamentos e as negociações com os brancos. As celebrações, divisões, alianças e conflitos nas ruas de Santo Amaro, quando vistos pelo ângulo do que acontecia dentro das irmandades, sugerem a existência de um conjunto de estratégias sociais que circulavam através do mundo negro no tempo da escravidão (REIS, 1996, p. 9).

No Rio Grande do Sul, a irmandade mais antiga foi fundada em Porto Alegre no ano de 1786, composta basicamente por escravos e alguns libertos (PEREIRA, 2004). Nas regiões de colonização europeia, a organização das irmandades foi fundamental para a manutenção das práticas religiosas dos afro-descendentes, fossem estas católicas ou de matriz africana. Em um local onde a cultura predominante era a germânica, se torna ainda mais difícil manter uma estrutura que desse respaldo à suas necessidades, pois muitas vezes não era aceita a presença de negros, tanto em suas manifestações religiosas, quanto em outros espaços, como os bailes e as associações. Sobre a irmandade religiosa de São Sebastião, diversas reportagens foram publicadas no jornal Folha do Mate, como estas que podem ser vistas a seguir:

Fundou-se, então, a Irmandade de São Sebastião, em 1880. [citação de 12 nomes], todos escravos e mais [4 nomes] moradores do povoado. Acrescenta-se, portanto, **a histórica participação dos escravos na formação da comunidade de Venâncio Aires**. Folha do Mate, 11 de maio de 1988.

A IRMANDADE DE SÃO SEBASTIÃO E A FESTA DO SANTO PADROEIRO. Falar da Festa de **São Sebastião Mártir sem falar dos negros, é o mesmo que contar a história do Brasil sem mencionar seu descobridor**. A relação é palpável. Apesar de estar relacionada com a festa da colheita - “kampefest”, comemorada pelos alemães, e com a tradição açoriana, pode-se dizer que a **veneração a São Sebastião Mártir, em Venâncio Aires, tem a essência negra**. Folha do Mate, 19 de janeiro de 1996.

Como se observa, **o povo de Venâncio Aires é por tradição muito religioso**, desde os primeiros tempos de seu povoado. [...] Em 1880 foi fundada a Irmandade de São Sebastião, integrada por 12 escravos e 4 pessoas livres. Folha do Mate, 8 de maio de 1998.

Além do trabalho e dos costumes, **os negros deixaram como legado para o município a Irmandade de São Sebastião**, fundada em 1880. Folha do Mate, 7 de maio de 1999.

Conforme dados da própria paróquia venâncio-aiense, **em 1880, oito anos antes da abolição da escravatura, 12 escravos e 4 “pessoas livres”** (muito provavelmente ex-cativos com origens africanas) fundam a Irmandade de São Sebastião. Folha do Mate, 12 de maio de 2004.

Percebemos nestes excertos que muitas informações se repetem, mas a maioria das reportagens ressalta o fato de Venâncio Aires ser um município muito religioso. A primeira vez que o jornal destaca a participação do negro na devoção ao padroeiro São Sebastião através da irmandade foi no ano de 1988, coincidentemente o ano do centenário da Abolição e o ano da etnia negra no município. Antes desta data, não encontrei nenhum registro que relatasse aos venâncio-aienses a importância do negro para a religiosidade da cidade. Mesmo assim, ele é exaltado porque fazia parte da fundação de uma festividade cristã e majoritariamente branca, o que pode ser entendida como uma poderosa forma de subjetivação do negro venâncio-aiense, na medida em que existe um convencimento e a vivência das práticas religiosas hegemônicas. Um depoimento publicado no jornal, em

1996, comprova que por muito tempo havia divisões muito claras entre brancos e negros no município, mesmo durante a Festa do Bastião:

[SURGEM ALGUMAS **INDIFERENÇAS**. O período escravocrata deixou marcas profundas na vida da comunidade negra de VA. Uma delas foi a Festa de São Sebastião Mártir, realizada em homenagem ao santo padroeiro do município. [...] **a irmandade criada pelos negros teve participação vital na manutenção da festa.** [...] Por volta de 1935, quando ele [entrevistado] tinha 18 anos de idade, **brancos e negros pouco se misturavam.** Amarindo lembra que nas semanas que antecediam a festa, o “pai dos negros” como era conhecido Generoso, carregava a **bandeira do padroeiro de casa em casa, entoando a canção do Divino Espírito Santo ou simplesmente Divino.** “Ele tinha muita fé no Bastião”, conta. [...] As cerimônias religiosas, conforme lembra, **eram celebradas em latim e os sermões em alemão.** “Eu ia na missa na fé em Deus”, conta. **A procissão do Bastião também era celebrada em alemão.** Nos anos 60 [...] foi comprovado que ainda existiam sentimentos racistas por parte de algumas pessoas. **Foi um encontro para decidir se brancos e negros pudessem dançar misturados no tablado durante as festividades.** Alguns, disse Amarindo, eram contrários, outros a favor. Folha do Mate, 19 de janeiro de 1996.

Mesmo com a participação fundamental dos afro-descendentes na fundação da Festa de São Sebastião Mártir, os sermões e as procissões eram realizados no idioma alemão. Até a década de 60, pelo menos, negros não podiam dançar na mesma pista que os brancos. Em outro depoimento, publicado por Pereira (2004, p. 79), uma senhora relata que sua avó contava algumas histórias de participação da Irmandade.

Disse ela que os escravos e libertos possuíam uma bandeira. Os integrantes da referida irmandade não podiam entrar na igreja de São Sebastião, por isso, eles assistiam às missas do lado de fora e participavam, do seu jeito, nas festas de São Sebastião Mártir.

Estas práticas racistas certamente permanecem na mentalidade de algumas pessoas, tantos de brancos quanto de negros. Segundo Skliar (2001, p. 121), a Modernidade produziu “várias estratégias de regulação e de controle da alteridade [...], entre elas a demonização do outro: sua transformação em sujeito *ausente*, quer dizer, a ausência das diferenças ao pensar a cultura”. Este exemplo nos evidencia que em Venâncio Aires estratégias foram utilizadas para anular o afro-descendente das festividades,

o que rompe com a ideia de que estes espaços são agregadores e livres de racismo. Interessante perceber, também, que estas estratégias para anular a presença do negro nas festividades da cidade, embora tenham sido presentes por um longo período, deixam de aparecer no jornal na medida em que a identidade negra passa a ser celebrada. Durante os anos 90 em diante, a história da participação do negro na fundação da Festa do Bastião torna-se conhecida através da Folha do Mate, valorizando sua presença na história do município.

Atualmente, os preparativos para a Festa do Bastião iniciam vários meses antes de sua realização. No último dia da festa são escolhidos os casais de festeiros, que serão responsáveis pela organização da próxima edição. A partir do mês de outubro, são celebradas todas as quintas-feiras a “missa da trezena”. Após o Natal, a imagem do padroeiro é conduzida pelas comunidades, onde é recebida com festa e devoção. Este costume de visitar as comunidades e pedir donativos nas residências já era praticado no início do século XX por João Generoso dos Santos, um senhor negro muito conhecido no município, considerado o “pai dos negros”, fundador do Nêgo Foot Ball Club São Sebastião, clube dos negros venâncio-airesenses.

[João Generoso] se <b>considera muito católico</b> . Folha do Mate, 21 de agosto de 1981.
---

A história deste personagem importante para a comunidade negra será contada e utilizada como exemplo analítico no decorrer desta dissertação. Aqui, importa destacar a devoção destes sujeitos negros na religião católica. Além de terem aprendido a venerar os santos de seus patrões, pois as demais práticas eram proibidas, provavelmente crer nas mesmas divindades era uma maneira de sentirem-se pertencente à comunidade. Muitas vezes, “os escravos aproveitaram as celebrações do calendário cultural dos senhores para praticarem suas próprias tradições culturais, entre as quais a tradição, frequentemente reinventada, de se organizarem segundo a origem étnica”. (REIS, 1996, p. 10). Exemplo disso pode ser visto nas reportagens que seguem, especialmente quando trata dos moçambiqueiros, que vieram

apresentar-se no município durante a semana da Consciência Negra de 1989.

Um exemplo é a mistura às crenças católicas, conhecida como sincretismo religioso. Os negros atribuíam aos santos características dos seus deuses. Dessa maneira, podiam celebrar sem ser perseguidos. Folha do Mate, 10 de maio de 2011.

NEGROS REFLETEM A MORTE DE ZUMBI – “Moçambiqueiros” são pequenos agricultores, gente muito pobre que vive nos distritos de Morro Alto e Prainha e na época da festa de Nossa Senhora do Rosário o grupo todo se reúne em Osório para comemorar a festa, saindo às ruas, dançando e cantando cantigas tradicionais. Folha do Mate, 21 de novembro de 1989.

Outro personagem muito querido da comunidade negra venâncio-aiense é o Bispo Gílio Felício, o primeiro bispo negro do Rio Grande do Sul e uma das principais autoridades negras da Igreja Católica brasileira. Natural do município de Sério, por diversas vezes veio a Venâncio Aires, onde celebrou missa afro. Entre outros elementos, este tipo de celebração traz no ofertório, momento de consagração do pão e do vinho, frutas e instrumentos de trabalho que valorizam a cultura afro-brasileira e lembram o período da escravidão<sup>21</sup>. No jornal Folha do Mate foi possível encontrar dois registros de sua presença em Venâncio Aires, ambos relacionados à negritude. Em uma das ocasiões, celebrou um casamento de um negro conhecido da comunidade venâncio-aiense. Na segunda oportunidade aqui registrada, Gílio Felício veio a convite do Movimento Negro, onde celebrou uma missa afro na Igreja Matriz de Venâncio Aires.

COLUNA SOCIAL- O CASAMENTO DO AXÉ. Aconteceu no último 23 de janeiro, **o 1º casamento Axé do ano**. Quem podia ser se não o nosso brilhante policial militar de VA, [nome]. Ele, nosso brigadiano de cada dia e ela professora de Lajeado. A cerimônia religiosa foi na Igreja Matriz Santo Inácio de Loyola em Lajeado, sendo o celebrante o padre Gílio, primo dos noivos, pertencente a Paróquia de Passo do Sobrado. Após a cerimônia, os noivos se dirigiram para Venâncio, onde na sede do Nego, aconteceu um **sambão até o dia clarear**, com aproximadamente 400 pessoas. Folha do Mate, 12 de fevereiro de 1988.

<sup>21</sup> O Bispo Gílio Felício concedeu uma entrevista no ano de 1998, para a revista cristã Sem Fronteiras, onde falou sobre seu trabalho junto à Igreja Católica e sua posição com relação à valorização do negro dentro da instituição. Disponível em: <http://ospiti.peacelink.it/zumbi/news/semfro/259/sf259p05.html>. Acesso em: 22 nov. 2011.

[Bispo Gílio Felício]. **Ele veio a convite do Movimento de Consciência Negra.** [...] Gílio celebrou uma **missa afro na igreja São Sebastião Mártir**, acompanhado dos padres [dois nomes], coroinhas e de integrantes do Movimento Negro de Venâncio Aires. Folha do Mate, 8 de maio de 1998.

Além da efetiva participação dos negros na religião católica de Venâncio Aires, existe no município um grande número de adeptos das religiões afro-brasileiras. Infelizmente, não temos dados que possam precisar quantos frequentadores o município possui, uma vez que a maioria destes praticantes se declara católicos. De acordo com Ari Oro (2002), por muito tempo as práticas africanas foram demonizadas no Rio Grande do Sul, o que corrobora para a manutenção do preconceito e do imaginário em torno das crenças e afro-brasileiras. Como a introdução da mão-de-obra escrava ocorreu basicamente a partir do século XVIII, muitos negros que vieram para o Sul eram provenientes de outras regiões do Brasil, o que favoreceu o sincretismo e a ressignificação das práticas religiosas. Encontrei no jornal Folha do Mate dois anúncios de casa africana e uma reportagem, que podem ser vistas abaixo:

ANÚNCIO – CASA AFRICANA Iemanjá e Ogum. Consultas de Cartas e Búzios. Fazemos trabalhos em geral: saúde, amor, negócios, defumações, vícios. Venha e fale conosco, nós temos a saída. IALORIXÁ, BABALAÔ. Folha do Mate, 20 de novembro de 1990.

Adeptos da **religião africana** contam agora com uma nova casa. Folha do Mate, 7 de maio de 1993.

Por um forte **senso comunitário** desde as tribos africanas de doutrinados no catolicismo ou integrando outras religiões, praticam ritos como o candomblé. Até brancos apreciam as reuniões onde pais e mães de santo rezam e entoam cânticos em ioruba, idioma falado na Nigéria e em outros territórios do **continente selvagem**. [...] A mãe de santo Ana Baiana comemorou sábado, na sua casa de batuque no bairro Coronel Brito, os 50 anos de vasilha do seu orixá Pai Bará Lodé. Ela integra a nação cambinda e recebeu outros pais e mães de santo, além de frequentadores, brancos e negros, de alguns municípios da região. **Imagens cristãs, como de santos, convivem no altar com simbologias de entidades negras e comidas**. [...] “Fico feliz como aqui em **Venâncio os ricos e os pobres, os brancos e os negros se misturam**, seja na praça, seja nos outros locais”, declarou. Folha do Mate, 23 de novembro de 2004.

Esta última reportagem destaca dois elementos interessantes: o sincretismo religioso e a presença de brancos e negros nos centros religiosos afro-brasileiros. Na obra “o que faz o brasil, Brasil?”, DaMatta (1997) chamou a atenção para a relação de proximidade que os brasileiros possuem com suas entidades para alcançar o outro mundo. Seja de forma individual ou coletiva, valem rezas, bênçãos, cantorias, procissões, promessas e outras formas possíveis. Com todas as maneiras usadas pela população, o objetivo é sempre o mesmo: chegar até Deus. Para ter o seu desejo alcançado, muitos devotos buscam alternativas, entre as quais buscar auxílio junto a algum orixá ou pai de santo. Segundo Oro (2002, p. 362),

A procura de terreiros por parte dos brancos pobres geralmente está associada à busca de solução para os problemas práticos [...]. Já os brancos de maior poder aquisitivo o fazem na busca de solução de problemas existenciais como os de sentido, identidade, afetivos, etc.

A integração de diferentes matrizes religiosas, assim como a participação de brancos e de negros nos mesmos espaços, de modo algum pode significar que as questões étnico-raciais ocorram de forma menos conflituosa no terreno da religiosidade. Foi meu objetivo mostrar neste item que, da mesma forma que em outras instâncias da sociedade brasileira, a religiosidade é um campo repleto de relações de poder, onde transitam linhas de força capazes de produzir significações, de legitimar discursos e, ao mesmo tempo, de transpor fronteiras étnicas e culturais. Além disso, foi possível mostrar, também, que mesmo em Venâncio Aires, região do interior no sul do Brasil, a celebração da diferença começava a se fazer presente de forma mais intensa no início do século XXI, acompanhando uma tendência nacional. O sincretismo religioso é um componente importante do festejo da diferença. Como argumentou Sansone (2004, p. 35),

Certamente, o sincretismo, que constitui um elemento de tantas experiências religiosas, da linguagem e da cultura material, deve ser celebrado não descartado como uma ameaça às tradições e a identidade cultural. É o sincretismo que introduz um novo sopro de vida na expressão cultural.

#### 4.2 “Olha o Nêgo aí gente!” Sobre carnavais e organização social

*Os Acadêmicos vêm entrando na avenida  
Trazendo samba, a mulata, a alegria e muita vida  
Salve as baianas, salve o carnaval  
Salve nossa batucada, pra “esse povo em geral.  
(Samba enredo do Nêgo – 1990).*

O objetivo deste item é discorrer sobre o carnaval e a organização social dos negros venâncio-airesenses. Optei pela relação destas temáticas porque dificilmente haveria carnaval da forma como ocorre hoje em Venâncio Aires sem a existência do Nêgo Foot Ball Clube São Sebastião Mártir, popularmente conhecido como Nêgo<sup>22</sup>, o clube dos negros. Embora o carnaval de Venâncio Aires conte com a presença de outros clubes, alguns costumes exercidos por sujeitos negros antes mesmo de o carnaval tornar-se uma tradição no município demonstra sua importância para a realização deste festejo. Não obstante, o carnaval, assim como a religiosidade, é mais um elemento em que o afro-descendente é visibilizado no município, pois valoriza aspectos que, no pensamento popular, estão na essência negra<sup>23</sup>, como a batida dos tambores, a alegria e o samba no pé.

O POVO OPINA SOBRE AS ESCOLAS NA AVENIDA. “NÊGO, porque carnaval não é fantasia, é bateria” Folha do Mate, 22 de fevereiro de 1985.

Embora seja uma festividade que ocorre apenas uma vez por ano, o carnaval demanda um longo tempo de organização e trabalho. É um ritual que mobiliza muitas pessoas, que valoriza as dramatizações, a música, a

<sup>22</sup> O nome Nêgo teria sido escolhido por getulistas locais, em homenagem a João Pessoa (Ver: PEREIRA, 2004). A bandeira do Estado da Paraíba apresenta a mesma palavra “NEGO”, no sentido de negar. Foi um movimento de negação ao apoio à campanha de Prestes, apoiando a candidatura de Getúlio Vargas para a presidência, em 1929. São Sebastião foi uma homenagem ao padroeiro da cidade e também a antiga Irmandade, que levava este nome e teve ativa participação dos negros venâncio-airesenses. Mais tarde, este último nome cai da nomenclatura do clube, passando a ser chamado de Sociedade Nêgo Futebol Clube. Nesta dissertação, em alguns momentos optei por fazer uso do nome do Clube de forma abreviada, como Nêgo F. C.

<sup>23</sup> Gostaria de esclarecer que o uso do termo “essência negra” é uma tentativa de explicitar a forma como a cultura do sujeito negro é popularmente entendida, como se houvessem características natas de sua negritude. Meu entendimento de cultura procura justamente romper com o essencialismo, atentando para a constante mobilidade e para a resignificação das práticas culturais.

dança e a alegria. Um dos principais elementos culturais do país, o carnaval é um momento em “que nós, brasileiros, deixamos de lado nossa sociedade hierarquizada e repressiva, e ensaiamos viver com liberdade e mais individualmente” (DAMATTA, 1983, p. 33). Desta forma, é uma prática constitutiva da cultura brasileira que merece ser pensada não só como um espaço de visibilidade para o sujeito negro, mas como um demarcador de fronteiras, um espaço que legitima sua própria posição na sociedade. Em outras palavras, embora seja uma celebração da qual participam todos os grupos étnicos, é no carnaval que o conjunto de representações acerca do afro-descendente se fortalece.

Em Santa Cruz do Sul, o carnaval ocorre dentro do parque da Oktoberfest, local onde se comemora a maior festa germânica do Rio Grande do Sul. Diferente de outros municípios, como Venâncio Aires, onde o carnaval ocorre nas ruas, a população santa-cruzense se desloca para dentro do parque para assistir o desfile das escolas de samba. Certamente, esta é uma forma de evitar a participação de alguns populares e a existência dos tradicionais arrastões, onde a população menos favorecida economicamente desce as ruas principais da cidade, o que desagrade aqueles que consideram esta celebração uma festa que é voltada para os “estranhos”, sujeitos que não são bem vindos aos locais que pretendem preservar a imagem de Santa Cruz do Sul como uma cidade essencialmente alemã.

Nas primeiras décadas do século XX, antes mesmo da fundação do Clube Négo, alguns homens e mulheres negros percorriam as ruas da cidade cantando as populares marchinhas de carnaval e outras cantigas, provavelmente de origem africana. Na ocasião, fantasiavam-se da forma que lhes era acessível, como uma espécie de dramatização. Em retribuição ao cortejo, “a população, geralmente branca, oferecia bebidas para os homens e doces para as mulheres” (PEREIRA, 2004, p. 101). Mais tarde, com a existência da sede social dos negros, os integrantes saíam das ruas e iam para o baile de carnaval, que muitas vezes recebia para a festa blocos de municípios vizinhos. O excerto da reportagem nos mostra como ocorriam os desfiles:

ENCARTE ESPECIAL ACADÊMICOS – 50 ANOS DE HISTÓRIA. Em 1935, Venâncio Aires, uma cidade pacata, sem muitas opções para o divertimento, um pequeno grupo de cidadãos de cor teve a idéia de fundar um bloco de carnaval, que mais tarde denominaram-no de ACADÊMICOS DO SAMBA. Neste mesmo ano (29/07/1935) foi fundado o Nego F. C. pelos mesmos carnavalescos. No começo o bloco percorria as poucas ruas da cidade, e cada vez aumentava o número de adeptos e simpatizantes. [...] **No desfile usavam todos os tipos de alegorias, como por exemplo: tinham o boi (tradicional do nordeste), um cavalo, toureiro e outros personagens gaúchos e brasileiros. As mulheres vestiam-se de baianas, ciganas, africanas, prendas, etc.** As ruas da cidade ficavam tomadas pelo público, chegando a organizarem excursões do interior do município para assistir a apresentação do Nego. É por esse motivo que os Acadêmicos do Samba no carnaval pensam primeiramente no povão, quando saem a rua. Folha do Mate, 15 de fevereiro de 1985.

Para os afro-descendentes de Venâncio Aires, o surgimento do Nêgo Foot Ball Club São Sebastião foi um acontecimento importante. Fundado em 29 de junho de 1935 por João Generoso dos Santos, o clube tinha como objetivo “oferecer momentos de lazer e entretenimento e atividades de cunho social a seus associados” (PEREIRA, 2004, p. 94). No Brasil, as primeiras organizações dos negros e negras surgiram antes mesmo da Abolição, como entidades secretas. Durante a República Velha, estas sociedades multiplicaram-se por diversos estados, inclusive no Rio Grande do Sul, assim como a imprensa negra. Segundo Petrônio Domingues (2007, p. 103), “de cunho eminentemente assistencialista, recreativo e/ou cultural, as associações negras conseguiam agregar um número não desprezível de “homens de cor”, como se dizia na época”.

De acordo com o jornal Folha do Mate (08-05-1988), João Generoso decidiu fundar o clube Nêgo F. C. após participar de uma assembleia em São Paulo, organizada pela Frente Negra Brasileira. Este evento indica que a organização dos negros em Venâncio Aires acompanhou um movimento nacional de fortalecimento do Movimento Negro, durante o período em que Getúlio Vargas esteve na presidência. No Estado Novo, porém, a repressão contra as organizações políticas acabou proibindo muitas ações do Movimento Negro. Permaneceram as associações com o objetivo de integrar os afro-descendentes, promovendo festas, torneios esportivos e organizando o carnaval, retornando com força somente a partir dos anos 80, com a

reabertura política. Atualmente, o Négo destaca-se principalmente nas festividades carnavalescas do município. Em 1988, ano do Centenário da Abolição, a escola de samba aproveitou o desfile de carnaval para tratar da Consciência Negra, como vemos na reportagem a seguir:

ACADÊMICOS DO SAMBA APRESENTAM: CEM ANOS DEPOIS. A escola de samba “Acadêmicos do Samba” vem na passarela vem cantar os cem **anos de libertação, a história e a arte dos negros escravos que viveram grande aflição, as lutas pela conquista da liberdade e igualdade sem rótulos**. [...] Hoje vivemos num sonho, e amanhã que seremos? Há uma grande inversão de valores, pois na quarta feira de cinzas tudo volta ao normal e caímos na dura realidade social e econômica, destacam os Acadêmicos. [...] A ESCOLA – O carro abre-alas trará Zumbi, o líder dos Quilombos dos Palmares, representado por José Ornélio de Sá Neto, **herdeiro espiritual de Zumbi** [...]. Folha do Mate, 1988.

Embora não tenha encontrado dados precisos de quando o carnaval de rua em Venâncio Aires iniciou, as reportagens publicadas no jornal permitem evidenciar que a participação do Négo no desfile era fundamental, como o é até os dias atuais. Durante o festejo, a rua principal da cidade passa a ser chamada de “rua grande”, onde ocorre a delimitação de um espaço que é organizado para este fim. Segundo a análise realizada por DaMatta (1983, p. 84), “no Carnaval de rua, aberto, os desfiles das escolas de samba ou de blocos provocam um fechamento do espaço carnavalesco, já que aí temos associações de pessoas que se reúnem para promover um desfile”. Esta delimitação do espaço do desfile costuma marcar de forma hierarquizada as posições dos sujeitos que participam do carnaval: o destaque para as escolas de samba e os blocos, um palanque que geralmente abriga as entidades políticas e a calçada para aqueles que vão para a “rua grande” assistir o espetáculo. Como aqueles que mais se destacam neste período são geralmente os “invisíveis” do cotidiano, é possível, embora com as condições que são permitidas aos populares, pensar no carnaval como a inversão do mundo social brasileiro (DAMATTA, 1983).

As imagens a seguir apresentam alguns momentos dos desfiles ocorridos em Venâncio Aires. Optei por destacar, nestas fotografias, a escola de samba do Clube Négo.



Imagem 11 – Rainha do Négo

Fonte: Folha do Mate, 19 de fevereiro de 1975.



Imagem 12 – Apresentação da escola de samba do Négo no carnaval

Fonte: Folha do Mate, 6 de março de 1981.



Imagem 13 – Destaque para as mulatas e os passistas do Négo

Fonte: Folha do Mate, 6 de março de 1987.

A comum ideia de que os negros não são capazes de manter uma organização, seja ela de cunho político ou de cunho social, merece ser repensada quando olhamos para a história do Négo. Mesmo com as dificuldades iniciais, o Clube permanece articulado até hoje. Pereira (2004) nos relata as parcerias efetivadas, no decorrer do século XX, junto a outros clubes do Rio Grande do Sul e do país, para que se realizassem torneios futebolísticos, bailes e escolhas da Mulata Café, tradicional concurso da beleza negra venâncio-aiense. Sociedades como o Négo Futebol Clube também existem em outros municípios, mas em diversos locais marcados pela colonização alemã esta organização sequer foi possível. Outros clubes surgiram, mas deixaram de existir. O depoimento do Sr. João Generoso, fundador do Clube, ilustra as dificuldades iniciais:

João Generoso, como era de cor, sentia uma insatisfação muito grande a respeito da separação das raças. O **moreno não era benquisto** na sociedade e por isso muitas vezes revoltava-se e havia um desentendimento muito grande entre eles. Resolveu então **tentar unir todos estes morenos em torno de uma sociedade. “Os brancos me falavam que eu não ia conseguir isso porque os negros eram muitos revoltados.** Mas eu disse que ia conseguir e em 29 de junho de 1935 fundei o NÉGO FUTEBOL CLUBE. Folha do Mate, 21 de agosto de 1981.

Este depoimento nos mostra que a grande mobilização de João Generoso para a fundação do Nêgo foi a não aceitação do negro nos eventos sociais da cidade. Até a década de 30, a maioria das atividades de lazer do município era organizada pelos imigrantes alemães. Mesmo os bailes, os jogos recreativos e de futebol, onde havia maior participação das pessoas da comunidade, era proibida a participação de negros. Estas restrições permaneceram até a segunda metade do século XX, e mesmo depois, muitas pessoas evitavam o contato com os “diferentes de cor”. Um exemplo desta prática preconceituosa ocorria nas festas de São Sebastião Mártir. Como negros e brancos não podiam dançar juntos na festa, Pereira (2004) relata que o dinheiro arrecadado pelo “líder dos negros” passou a ser oferecido pelos festeiros do “Bastião” para a realização do baile para os negros, que era realizado na residência de João Generoso. “Os bailes, principalmente o de São Sebastião, passaram a representar, além do lazer, um momento de integração social para o afrodescendente” (PEREIRA, 2004, p. 93). Duas reportagens publicadas no jornal mostram que a criação do Nêgo foi importante para o fortalecimento identitário dos negros de Venâncio Aires.

O racismo foi a causa do surgimento da sociedade de negros. Folha do Mate, 8 de maio de 1998.

Esse problema [discriminação] encontrou solução na Sociedade Nêgo Foot Ball Clube. Com 75 anos de existência [...], **os negros mantêm suas tradições por meio de pagodeiras, ensaios da escola de samba, oficinas de culinária e penteados, bailes para a escolha da Mais Bela Negra, treinos da escolinha Ataliba Rodrigues e encontros gerais para decidir ações e confraternizar.** Folha do Mate, 10 de maio de 2011.

No Rio Grande do Sul, as organizações sociais negras se articularam em momentos diferentes da história, mas a maioria remonta a primeira metade do século XX. Segundo Gomes e Magalhães (2010), os motivos que mobilizaram estes grupos negros são variados, “mas a segregação e a busca pela afirmação de uma identidade étnica negra, contrastando-a com outros grupos, são as razões comumente elencadas” (2010, p. 273). Nas regiões de colonização alemã encontramos muitos registros de associações, organizadas pelos imigrantes para fins econômicos, culturais, recreativos e esportivos.

Como “a organização de uma associação implica o estabelecimento de um objetivo comum entre as pessoas interessadas, ou seja, a identificação entre seus integrantes” (NEUMANN, 2006, p. 59), estes clubes eram fechados, não permitindo a presença nem mesmo de portugueses. Desta forma, a vida social dos negros implicava em uma organização, a criação de um local onde pudessem se encontrar se divertir, alheios à segregação característica deste período. Com o clube dos negros de Venâncio Aires não foi diferente, como podemos ver a seguir:

[...] Tem branco que é Négo desde pequenino. Tem preto que nega o Négo até morrer. Mas pra quem é Négo e não nega, faz da história uma esperança, que une branco, preto, amarelo, jovem criança e num enredo que não cansa este Négo vai enternecer (FOLHA DO MATE, 29 de junho de 2007).

O texto escrito por Sérgio Rosa, negro atuante de Venâncio Aires, nos mostra o quanto a articulação e a valorização das práticas culturais são importantes para a afirmação da identidade étnica dos afro-descendentes. Ser Négo, neste caso, significa pertencer a uma comunidade, a um local que historicamente serviu para unir os negros venâncio-airesenses, bem como protegê-los das práticas excludentes que muitas vezes deixavam estes sujeitos fora do seu próprio lugar. Isso nos mostra o quanto os processos de in/exclusão caminham juntos. Segundo Lopes (2007, p. 11),

Inclusão e exclusão são invenções do nosso tempo. Invenções completamente dependentes e necessárias uma para a outra. Tal necessidade se inscreve na própria ideia de ordem social e de posições de sujeito dentro de tramas sociais definidas no tempo e no espaço.

Sérgio Rosa, em outro texto, exalta o carnaval como um momento de festa e alegria, em que todos, sem distinção de cor/raça, participam e sentem-se incluídos. Sua reflexão é pertinente, mas estudos mostram que mesmo nas festividades como o carnaval é possível perceber quem ocupa determinadas posições, ou seja, as diferenças de cor e de classe também estão presentes no carnaval. O que ocorre em Venâncio Aires é que o Négo adquire muita visibilidade neste período. Segundo DaMatta (1997, p. 78),

Carnaval é a possibilidade utópica de mudar de lugar, de trocar de posição na estrutura social. De realmente inverter o mundo em direção à alegria, à abundância, à liberdade e, sobretudo, à igualdade de todos perante a sociedade. Pena que tudo isso só sirva para revelar o seu justo e exato oposto...

CARNAVAL: UMA DOCE ILUSÃO. O salário suado do mês desaparece no suor do samba no pé. Notas de reais se transformam-se em coloridas fantasias. Os roncões das barrigas vazias é abafado pela batida da bateria, o coração da escola. Mas tudo vale a pena, afinal, é carnaval. [...] **Por que as pessoas são tão diferentes em dias de Carnaval? Por que as pessoas são tão desiguais depois do Carnaval?** Por que é tão fácil e divertido, brancos e negros, pobres e ricos, divertirem-se sem indiferença ou exclusão, no mesmo bloco, na mesma ala, vestindo a mesma camiseta ou fantasia, durante o Carnaval? **Por que é tão complicado, tão difícil, pobres e ricos, brancos e negros, sentirem-se iguais, sem excluir ou se excluir dentro da sociedade no dia-a-dia?** Folha do Mate, 16 de fevereiro de 2007.

Se por um lado a visibilidade do negro em Venâncio Aires se restringe a determinados momentos, como o carnaval e a religiosidade, por outro lado, em alguns municípios esta condição de possibilidade para sua valorização não existe. Isso não quer dizer que os espaços concedidos ao negro em períodos onde a diferença é celebrada não sejam uma forma perversa de conceber as relações étnico-raciais no município. Importa pensar, no entanto que essa “doce ilusão”, como afirmou Sérgio Rosa, é um momento de afirmação de uma posição que é fundamental para a articulação dos sujeitos negros venâncio-aireses.

#### 4.3 Onde o negro é mais: esporte e beleza

*O futebol apagara a linha de cor. O Clube esquecendo-se que tinha preto no time, o preto esquecendo-se, de não se lembrar mesmo, que era preto. Como se lembrar se o tratavam como branco? Ou como se não fosse preto? Era bom não ter cor. Não sentir, no corpo, a marca da cor. Confundir-se com os brancos. A fuga, para o preto do futebol, parecia, irresistivelmente, a melhor solução (MARIO FILHO, 2003, p. 342).*

Nesta seção, pretendo apresentar outros dois espaços em que o afro-descendente geralmente se destaca/é destacado pela mídia: o esporte, especialmente o futebol, e a beleza. No jornal Folha do Mate foi possível encontrar inúmeros registros de escolha da mais bela negra e de jogos entre

brancos e negros, evento tradicional ocorrido por muitos anos em Venâncio Aires. Além disso, imagens de times de futebol confirmam a presença de negros junto aos clubes mais elitizados da cidade desde a década de 70, o que mostra ser o esporte um espaço de inclusão do negro. Segundo Fernandes (2003, p. 13), “a democratização da prática do futebol, materializada na ascensão dos jogadores negros e mestiços, permitiu que este esporte viesse a ocupar posição central na construção da identidade nacional”.

A escolha título “onde o negro é mais” pretende problematizar como estes espaços sociais do futebol e da beleza são popularmente concebidos: como lugares onde o negro seria melhor que os demais. A visibilidade que o afro-descendente possui no esporte e no carnaval, através das mulatas, especialmente pela sua nudez, implica na tentativa de fixá-lo em uma posição que restringe estes sujeitos a características que lhes seriam natas, como o talento, a beleza do corpo e a sensualidade. Outros segmentos da sociedade, no entanto, são vistos como espaços capazes de agregar apenas alguns negros, graças ao seu esforço e dedicação, como cargos de chefia nas empresas e outras profissões que demandam estudo e dedicação. Este é mais um exemplo de como os discursos constituem verdades que legitimam determinadas posições do sujeito afro-descendente.

O destaque ao futebol e à beleza negra, amplamente destacados pela mídia, torna-se uma forma de contemplar estes sujeitos no conjunto de elementos que formaram, especialmente durante o século XX, o que chamamos de identidade nacional. Nestes espaços é possibilitado ao negro ser mais, mas na verdade, ele pode ser mais, na medida em que não perturba uma lógica divisória que o mantém afastado de determinados espaços de trabalho. Livio Sansone apontou em seus estudos a presença de áreas leves e pesadas no que diz respeito à convivência entre brancos, negros e mestiços. “Quanto “mais branca” era considerada uma área, mais difícil podia ser para os negros” (SANSONE, 2004, p. 79). Nestes locais, alguns momentos de interação das relações entre os “diferentes de cor” são mais difíceis, identificadas pelo autor como “áreas pesadas”, como o

trabalho, especialmente a procura por emprego, o casamento e as relações com a polícia (2004, p. 80).

“As áreas “leves” das relações sociais são todos os espaços em que ser negro não constitui empecilho e, em certas ocasiões, pode até trazer prestígio” (SANSONE, 2004, p. 80). Nestas áreas, como o carnaval, o esporte e os centros religiosos, a cultura negra é ressaltada de forma positiva, “nas quais os negros sempre se destacaram e foram instigados a sobressair” (2004, p. 81). Em Venâncio Aires, como em tantos outros locais, podemos perceber a existência das “áreas leves”, ocasiões onde os conflitos são deixados de lado. O jornal Folha do Mate evidenciou espaços de integração entre pessoas de diferentes pertencimentos étnicos, especialmente durante o carnaval, os torneios de futebol e as festas do padroeiro São Sebastião. A imagem a seguir demonstra um destes momentos de confraternização.



Imagem 14 – Confraternização de futebol

Fonte: Jornal Folha do Mate, 13 maio de 1981

O futebol chegou ao Brasil no final do século XIX e se configurava como um esporte de elite. Os primeiros clubes a organizarem-se proibiam a participação de negros, tanto como associados como atletas. Nos municípios menores, esta prática não era diferente, já que os torneios ocorriam nas sedes sociais, voltadas à população mais abastada da cidade. Um dos principais motivos para a organização dos clubes negros foi justamente o

futebol. De acordo com Gomes e Magalhães (2010, p. 273), “muitos desses clubes negros buscaram interagir nas sociedades em que estavam inseridos através da prática do futebol”. Em Venâncio Aires, “o futebol foi uma espécie de “carro-chefe” do clube recreativo e cultural dos afro-descendentes” (PEREIRA, 2004, p. 94). A fundação da Sociedade Négo F. C São Sebastião e sua vinculação com o futebol foi fundamental para seu fortalecimento enquanto clube, especialmente pelos torneios realizados com outros clubes negros (PEREIRA, 2004).

Um evento muito apreciado no município era o tradicional jogo entre brancos e negros, conforme registra a reportagem:

No dia 18 de janeiro realiza-se mais um jogo dos **morenos contra os brancos**, promoção esta que já foi efetivada diversas vezes, **acusando sempre a vitória dos morenos**. Folha do Mate, 10 de janeiro de 1975.

Segundo Pereira (2004, p. 96), “estes “amistosos” atraíam mais de 80% da população da cidade e ocorreram até final da década de 80”. Na reportagem acima, procurei destacar o uso do termo “moreno” (que será analisado no próximo capítulo) e o fato de sempre vencerem os jogos, o que acaba por legitimar o imaginário popular de que os negros são naturalmente melhores no esporte. Na obra “O Negro no Futebol Brasileiro”, Mario Filho mostra o quanto a condição social determinava o acesso dos jovens ao futebol. Mesmo assim, é um esporte que rapidamente se difundiu pelas periferias das cidades, pois não carece de custo algum, exceto a bola, que muitas vezes era de pano. “Nestes contatos entre o campo e a pelada estes moleques de pé no chão impressionavam os garotos de boas famílias. Que levavam para o colégio a notícia de que um pretinho ia ser um grande jogador de futebol” (2003, p. 77).

Mesmo sem poder afirmar com precisão o ano em que o negro passou a fazer parte dos times de futebol do município, fotos publicadas na sessão esportiva do jornal Folha do Mate evidenciam a presença de alguns negros desde a década de 70. O histórico do Bairro Meyer, publicado no ano de 2002, registra a participação de afro-descendentes no Gaúcho Futebol Clube, fundado em 1947. Provavelmente este movimento de inclusão do

negro no futebol de Venâncio Aires tenha acompanhado a tendência nacional, embora com mais resistência, considerando que muitos times pertenciam às associações de imigrantes alemães. Na copa de 1970, a grande estrela do futebol brasileiro já era um negro: o Pelé. Mario Filho (2003, p. 17) registra que a importância de Pelé também se fez porque foi um dos primeiros atletas que “fez questão de ser preto”. As imagens a seguir registram a participação de negros em alguns times do município:



Imagem 15 – Time de futebol do Clube Gaúcho

Fonte: Folha do Mate, 10 de maio de 2002.



Imagem 16 – Time de futebol Seminário São João Batista

Fonte: Folha do Mate, 22 de novembro de 1974.

No que se refere à mulher negra, vemos que ela se destaca no jornal Folha do Mate especialmente em dois momentos: durante o carnaval, com a tradição das belas mulatas e passistas do Nêgo e, nos concursos de beleza afro, especialmente a escolha da Mulata Café, concurso tradicional organizado pelo mesmo clube. De acordo com Pereira (1960, p. 97), “no ano de 1960 ocorreu o primeiro concurso de beleza da mulher negra de Venâncio Aires, entre as moças que frequentavam a Sociedade Nêgo, o “Miss Mulata Café”. [...] Sabe-se que era um concurso que servia para alimentar a vaidade e a auto-estima das escolhidas”. Além deste concurso, a escolha da rainha do carnaval da cidade também passou a ser um evento que destaca a mulher afro-descendente. Neste período, porém, o título do concurso de beleza negra de Venâncio Aires e de outros municípios recebia o nome de Mulata Café, ou Mais Bela Mulata, enfatizando a mestiçagem e a possibilidade de ser um tanto negra e um tanto branca.

A representante do Nêgo Futebol Clube, [nome] de 15 anos, foi escolhida Mulata-Café Regional de 1983, em concurso realizado durante o baile promovido conjuntamente com o **Nêgo e Secretaria Municipal de Turismo**. Folha do Mate, 23 de novembro de 1983.

A Capital Nacional do Chimarrão está novamente em festa, com a beleza da mulher venâncio-aiense. [...] VA esteve presente com Camila Julião, 19 anos, que representou a **Sociedade do Nêgo**. Para alegria de todos, ela conquistou a faixa de 2ª princesa do concurso Musa do Samba RS 2004. Folha do Mate, 12 de maio de 2004.

A partir da década de 90, os concursos passaram a nomear as detentoras do título de “negra”, embora em Venâncio Aires ainda permaneça a tradicional escolha da “Mulata Café”. No mesmo período, a organização dos clubes sociais negros do Rio Grande do Sul permitiu a realização da escolha da Mais Bela Negra nos níveis regional e estadual. Diversos eventos desta amplitude tiveram como sede a Sociedade Nêgo F. C., que receberam o apoio da Secretaria Municipal de Cultura e Turismo, como vemos no excerto da reportagem acima. Atualmente, o concurso que elege a Mais Bela Negra do RS ocorre em Santa Cruz do Sul. No ano de 2011, a vencedora foi uma venâncio-aiense, representante do clube Nêgo. Para além de eleger a jovem

negra mais bonita, o concurso procura enfatizar também a cultura afro-brasileira e africana. As candidatas passam por entrevistas e apresentam uma dança típica, o que demanda dedicação e conhecimento. As imagens a seguir destacam uma jovem vencedora da etapa regional do concurso Mulata Café, no ano de 1986 e a jovem eleita Princesa do Samba, em 2004.



Imagem 17 – Mulata Café Regional

Fonte: Folha do Mate, 25 de novembro de 1986.



Imagem 18 – Princesa do Samba

Fonte: Folha do Mate, 12 de maio de 2004.

Além de dar visibilidade à cultura afro-brasileira e à mulher negra, estes concursos, apoiados pelo Movimento Negro, procuram romper com a imagem veiculada pela mídia que posiciona a mulher afro-descendente como objeto sexual. Sem adentrar em uma discussão mais profunda, importa pensar que muitas vezes essa visibilidade do feminino negro durante as festividades como o carnaval acabam por reforçar uma posição de inferioridade da mulher. Estudos como o de Olga R. de Moraes von Sinson (1992) mostraram que muitas vezes as mulheres não eram aceitas na coordenação das entidades sociais e carnavalescas. Segundo a historiadora (1992, p. 31),

Essas restrições à participação feminina em cargos de direção das entidades carnavalescas vêm sendo mascaradas pela intensa valorização das mulheres jovens e bonitas como elemento decorativo do desfile carnavalesco. Cada vez mais elas aparecem ricamente despidas e elevadas à posição de grande destaque visual no espetáculo carnavalesco, reforçando assim mais um papel tradicionalmente feminino: o de adorno com apelo sexual.

Como podemos perceber neste capítulo, conceder espaços de visibilidade ao sujeito negro não significa que ele de fato esteja incluído social e culturalmente na sociedade. No município de Venâncio Aires, a participação do afro-descendente na religiosidade só passou a ser narrada no final da década de 80, acompanhando justamente o período de

articulação do Movimento Negro e dos “festejos” do centenário da Abolição. As festividades, como o carnaval, o futebol e a beleza tornam-se espaços de celebração do afro-descendente, mas porque estes momentos não ferem a organização social nem promove mudanças na forma de ver/vivenciar as diferentes culturas. Estas “zonas leves” das relações étnico-raciais, como destacou Sansone (2004) mostram a dinâmica e a complexidade das questões que envolvem o afro-descendente no Brasil. Da mesma forma, o fato de Venâncio Aires conceder mais visibilidade ao negro do que outros municípios não garante que não haja práticas tão excludentes quanto estes outros locais. A reportagem a seguir pode ser tomada como um exemplo interessante:

Em Viviane, ressaltamos sua **cor negra, bonita**. Claro, não queremos com isto, negar suas demais qualidades e virtudes, pelo contrário, queremos ressaltá-las. **“Venâncio Aires é muito racista. Quando é que tu vais ver um “negrão” administrando uma empresa?”** Neste ponto, ela começa a demonstrar a sua mágoa com o comportamento das pessoas com relação ao negro. A moça de sorriso bonito diz que **gosta de sua cor, mas diz que já sofreu e sentiu dificuldades por ser preta**. [...]Depois destas conquistas [títulos de beleza], Viviane disse que ficou mais fácil, as pessoas passaram a considerá-la, o que não acontecia antes. Mesmo com todas estas conquistas, a princesa da 1ª Fenachim ainda diz que existe discriminação por causa de sua cor. **Folha do Mate, 13 de maio de 1988.**

Ser uma mulher colecionadora de vários títulos de beleza pode ser considerado uma condição para que Viviane Lopes fosse incluída na comunidade venâncio-aiense. Mesmo assim, a jovem foi enfática ao afirmar a existência de racismo no município. A análise do material possibilitou-me perceber que, de 1988 (ano da publicação da reportagem) até os dias atuais, ocorreram alguns deslocamentos na forma de olhar para as diferenças étnico-raciais em Venâncio Aires. A presença de um discurso que valoriza a diversidade e festeja a diferença não garante, no entanto, que o sujeito negro consiga ocupar outras posições no município e que as práticas racistas deixem de existir.

## **5 DAS VERDADES QUE PRODUZEM O SUJEITO NEGRO**

Este capítulo pretende traçar uma análise das verdades, visibilizadas no jornal Folha do Mate, que produzem o sujeito negro em Venâncio Aires. A perspectiva foucaultiana que orienta esta dissertação permite olhar para as relações de poder/saber/governo que colocam em circulação alguns discursos que são tomados como verdades neste município. Para além da identificação destes discursos, importa pensar os efeitos destas relações para a constituição dos sujeitos venâncio-aireses, especialmente o afro-descendente. As tramas discursivas presentes no jornal Folha do Mate permitiram definir, no decorrer deste estudo, três discursos que se estruturam a partir de alguns enunciados, que procuro descrever neste capítulo. Segundo Rosa Maria Bueno Fischer (2001, p. 202),

Descrever um enunciado, portanto, é dar conta dessas especificidades, é apreendê-lo como acontecimento, como algo que irrompe num certo tempo, num certo lugar. O que permitirá situar um emaranhado de enunciados numa certa organização é justamente o fato de eles pertencerem a uma certa formação discursiva.

Na primeira seção deste capítulo, que chamo de “Modos de ser e viver: o discurso da comunidade”, procuro mostrar que a valorização de alguns elementos como o associativismo, a religiosidade e o culto às tradições rio-grandenses é uma condição para o pertencimento à comunidade. A comunidade, desta forma, é um local de segurança e conforto, bem como de pertencimento identitário. No entanto, este sentimento de unidade é problemático, pois propõe uma fixação destas identidades e acaba por homogeneizar as diferenças, rompendo com a ideia de que existem diversas culturas em um mesmo espaço. Além disso, este discurso acaba por estabelecer formas de ser e de viver em Venâncio Aires, produzindo diferentes formas de inclusão e de participação do negro na comunidade. Estas formas de inclusão e de participação são excludentes na medida em que se restringe em celebrar e tolerar o outro, subjugando e subjetivando-o pelos espaços e práticas que o identificam não apenas como diferentes, mas como diferentes e inferiores.

Na segunda seção, faço uma análise de um enunciado bastante visível no material: o uso do termo “moreno”. Ao problematizar este enunciado a partir dos aspectos que o potencializa, é possível perceber as estratégias lingüísticas utilizadas pelo jornal para apresentar-se como politicamente correto. Esse movimento lingüístico que nomeia o negro como “moreno”, expõe uma tentativa de contornar a diferença, o que se configura como uma prática da tolerância. O discurso politicamente correto, deste modo, é uma maneira encontrada para tratar da alteridade, pois esboça uma tentativa de não ferir com a lógica estrutural das culturas do município, fortemente hierarquizadas. A partir do ano de 1988, no entanto, percebemos que o uso do termo “moreno” deixa de ser utilizado, passando a ser substituído por “negro”. Este deslocamento aponta para a emergência de um terceiro discurso, que chamei de “diversidade étnico-racial”, apresentado na última parte deste capítulo.

A estruturação destes três discursos, como pode ser visto na análise do material, ocorre em tempos distintos e são constituídos por diferentes condições de possibilidade. Isso não quer dizer que um determinado discurso deixa de existir quando ocorre a emergência de outras enunciações, mas que juntos eles vão tecendo as tramas que formam os regimes de verdade que circulam no município de Venâncio Aires. Segundo Costa (2006, p. 86),

Não cabe, por isso, discutir o teor da verdade dos discursos, mas o contexto em que os discursos são produzidos, qual seja, o “regime de verdade” dentro do qual o discurso adquire significação, se constitui como plausível e assume eficácia prática.

### **5.1 Modos de ser e viver: o discurso da comunidade**

*“Comunidade” é nos dias de hoje outro nome do paraíso perdido – mas que esperamos ansiosamente retornar, e assim buscamos febrilmente os caminhos que podem levar-nos até lá. (BAUMAN, 2003, p. 9)*

Ao realizar esta investigação, foi necessário olhar diversas vezes para o jornal Folha do Mate, tomado como superfície investigativa, para que fosse possível traçar um estudo de inspiração genealógica do sujeito negro no

município de Venâncio Aires. Assim, importava não apenas pensar nas suas visibilidades, mas na forma como as tramas discursivas se estruturavam, uma vez que os discursos exercem intensas relações de poder/saber/governo sobre todos os indivíduos e deles sobre si mesmos. Surpreendeu-me a quantidade de textos publicados que enfatizavam a vivência comunitária e conduziam o leitor a viver de uma determinada forma, alimentando-se de determinados valores e normalizando um jeito específico de ser venâncio-aiense. Se a “comunidade” é o tipo de mundo que não está, lamentavelmente, a nosso alcance – mas no qual gostaríamos de viver e esperamos vir a possuir” (BAUMAN, 2003, p. 9), é verdade que ela se articula como um discurso poderoso, que exerce um forte poder sobre os sujeitos.

Ao nomear-se como a Capital Nacional do Chimarrão, Venâncio Aires procura se destacar como o local da hospitalidade. Assim como o chimarrão é considerada uma bebida que simboliza a amizade, pois geralmente é saboreado entre amigos e familiares, o município realça a ideia de que todos seriam bem recebidos. Esta característica, aliada a fatores como a religiosidade e a organização de clubes e entidades, constituem uma condição de pertencimento à comunidade venâncio-aiense, uma norma para estar incluído e sentir-se parte do local onde mora. De acordo com Maura Corcini Lopes (2009, p. 116),

Toda e qualquer norma traz consigo a necessidade de classificação, ordenamento e hierarquização. Como uma medida e um princípio de comparabilidade, a norma opera a fim de incluir todos segundo determinados critérios que são construídos no interior e a partir dos grupos sociais.

Quando Venâncio Aires se narra como um município que possui como principal característica a vivência comunitária, são destacadas formas de ser e viver que idealizam o crescimento econômico como resultado desta vivência. Importa pensar, neste viés, o quanto esta produção cultural amplamente valorizada inclui/exclui os venâncio-aienses. Quais são as regras para pertencer à comunidade de Venâncio Aires? Para Zygmunt Bauman (2001), uma comunidade apresenta características específicas,

como semelhanças entre os indivíduos que dela pertencem, objetivos comuns, submissão do grupo às mesmas regras e uma história que une estes sujeitos. A comunidade, desta forma, é um local de segurança e conforto, bem como de pertencimento identitário. Os excertos abaixo demonstram algumas destas características:

Falar em VA [...] é **falar em hospitalidade, em amizade e em progresso. Desde seu povoamento, o município tem primado pela hospitalidade, recebendo bem todos aqueles que vêm para contribuir com o desenvolvimento da comunidade.** Folha do Mate, 11 de maio de 1988.

Venâncio Aires nasceu ostentando uma característica que até hoje é instintivamente cultuada: **a vivência comunitária.** [...] Multiplicaram-se as **associações, as organizações comunitárias, e através destas o progresso veio.** [...] Esta marca registrada do povo até hoje encontram as soluções que a muitos visitantes parecem impossíveis. Folha do Mate, s/d, maio de 1990.

**Respeito às tradições** que são a marca do povo, outro **legado dos pioneiros** que foi incorporado ao viver venâncio-airesense. As tradições, respeitadas e honradas. A cultura, mantida e difundida. Os costumes, incorporados e fortalecidos. Tudo isso ajuda a fazer Venâncio Aires, um município com características especialmente próprias (FOLHA DO MATE, s/d, maio de 1990).

A vivência comunitária, deste modo, é descrita como responsável pelo progresso e pelo desenvolvimento do município. O cultivo das tradições, tanto gaúchas como alemãs, é uma das condições necessárias para a valorização da Terra, o que reforça a epopeia civilizatória que concedeu aos europeus o mérito do desenvolvimento regional. Todos os recém chegados serão bem recebidos, desde que venham para contribuir com o desenvolvimento da comunidade. Obviamente, a definição daqueles que devem ser incluídos (ou não) na comunidade venâncio-airesense passa pela aprovação do grupo. Norbert Elias (2000), em sua obra “Estabelecidos e *Outsiders*” mostrou a clara divisão existente entre aqueles grupos que já estavam estabelecidos e aqueles que seriam os novos residentes, tratados pelos antigos moradores como *outsiders*. “Costumeiramente, os membros dos grupos outsiders são tidos como não observantes de algumas normas e

restrições” (2000, p. 26), pois aqueles indivíduos que não seguem estas normas não são bem vindos. Ainda segundo Elias (2000, p. 26),

O contato mais íntimo com eles, portanto, é sentido como desagradável. Eles põem em risco as defesas profundamente arraigadas do grupo estabelecido contra o desrespeito às normas e tabus coletivos, de cuja observância dependem o status de cada um dos seus semelhantes no grupo estabelecido e seu respeito próprio, seu orgulho e sua identidade como membro do grupo superior.

Em Venâncio Aires, uma das principais características da comunidade é o associativismo, marca identitária dos imigrantes alemães que colonizaram o município na segunda metade do século XIX. Embora as organizações comunitárias deste período tenham sido estruturadas de outras formas e por outras necessidades, como veremos a seguir, é importante perceber que muitos destes elementos ainda são valorizados nos dias atuais. O que temos hoje é um conjunto de enunciações que constituem o discurso da comunidade, o que não quer dizer que a comunidade exista, como nos mostrou Bauman. São outras relações de poder/saber/governo, uma vez que os valores como solidariedade, trabalho, tradição, honestidade e hospitalidade exigidos dos sujeitos para participar da comunidade de Venâncio Aires, se constituem como normas, das quais nem todos podem pertencer.

Em estudo desenvolvido sobre esta temática na história da colonização de Santa Cruz do Sul, Neumann (2006) explicita que os imigrantes vindos para o Sul do Brasil “eram oriundos de uma tradição que considera a escolaridade e a religiosidade como valores a serem traduzidos, manifestando a organização comunitária através da construção da escola e da igreja” (NEUMANN, 2006, p. 47). Esta organização era possível através das associações, principal forma encontrada para superar as adversidades encontradas em um novo país. Embora os imigrantes alemães fossem provenientes de diferentes locais, “o sentimento de pertencimento à nacionalidade alemã é decorrente do princípio de consanguinidade, ou seja, a nacionalidade herdada pelo sangue” (NEUMANN, 2006, p. 49). Três

reportagens publicadas no jornal comprovam a existência da articulação das localidades em torno da religiosidade:

Em um **município de tradição católica**, como VA, é comum encontrar **localidades interioranas com duas ou mais comunidades**. Em função das características peculiares, cada uma se identifica com um santo padroeiro diferente. Folha do Mate, 29 de maio de 2008.

LINHA 17 DE JUNHO. **A religião e a educação** andaram de mãos dadas nas primeiras décadas após a imigração [alemã]. Entre os colonos havia o hábito de rezar no final de cada dia de aula. Também rezavam antes das refeições. Folha do Mate, 29 de maio de 2008.

Assim como a escola funcionava inicialmente em casa do professor, também as primeiras missas e cultos foram celebrados em casas de famílias que hospedavam o padre ou pastor. [...] Cada um sentia a obrigação de transmitir, assim como **os valores culturais, também a religião** de seus ancestrais. Folha do Mate, 10 de maio de 2011.

No interior do município, cada comunidade é responsável por organizar suas celebrações e promover, uma vez por ano, sua quermesse, ocorrida próximo ao dia do santo padroeiro. Esta característica é marcante não só em Venâncio Aires, mas nas demais regiões de colonização alemã do Rio Grande do Sul. Da mesma forma, constituem-se como elementos comuns a estreita relação entre a igreja, a escola e o salão de confraternizações. Nestas localidades, espera-se do professor que ele seja um líder comunitário, que possa ensinar os valores cristãos aos alunos, dando continuidade à educação que é iniciada na família. Dagmar Estermann Meyer, em estudo desenvolvido sobre a cultura e a docência teuto-brasileira- evangélica no Rio Grande do Sul afirmou “que a Igreja e a escola, bem como a imprensa vinculada a elas, foram instituições que estiveram profundamente conectadas à produção, manutenção e transformação da cultura teuto-brasileira-evangélica”. (MEYER, 2000, p. 110). Podemos perceber, com os exemplos fornecidos pela Folha do Mate, que nas regiões de devoção católica estas instituições também foram importantes para a permanência da cultura alemã.

O associativismo e a valorização de uma identidade através da língua e do sentimento de pertencimento de uma nação mostram como estes elementos estão relacionados à comunidade. Como organização, as comunidades sempre existiram, mas ela se consolida como discurso especialmente durante o século XIX, com o fortalecimento do Estado-Nação. Segundo Benedict Anderson (1989), a nação é uma comunidade política imaginada.

Ela é imaginada porque nem mesmo os membros das menores nações jamais conhecerão a maioria dos seus compatriotas, nem os encontrarão, nem sequer ouvirão falar deles, embora na mente de cada um esteja viva a imagem de sua comunhão (ANDERSON, 1989, p. 14).

O comunitarismo, desta forma, é uma teoria advinda da Modernidade, pois está intimamente relacionada aos princípios de Estado-Nação modernos. Ela é, segundo Bauman (1998, p. 234), “uma ideologia moderna, idealizada e preconizada segundo condições modernas – ou seja, sob as circunstâncias em que a escolha é não só uma possibilidade, mas uma realidade a que é difícil escapar”. Ao configurar-se desta forma, o comunitarismo se estrutura a partir de um sonho de pureza, de proximidade e de aproximação com o outro, o que acaba por produzir um discurso que essencializa uma cultura específica, ressaltando determinadas identidades em detrimento das outras. Em consequência disso, este sentimento de unidade é problemático na medida em que propõe uma fixação destas identidades e acaba por homogeneizar as diferenças, pois rompe com a ideia de que existem diversas culturas em um mesmo espaço.

“As comunidades não devem ser distinguidas por sua falsidade/autenticidade, mas pelo estilo em que são imaginadas” (ANDERSON, 1989, p. 15). O jornal venâncio-airense faz uso de alguns acontecimentos e elementos simbólicos e para comprovar a crença de que o município se destaca pela vivência comunitária, como a construção da Igreja Matriz e o pórtico de entrada da cidade.

[construção da Igreja Matriz]foi motivo suficiente para o povo venâncio-airense, que já possuía o **espírito comunitário**, desenvolver a campanha deste grande monumento de arte. [...] A construção da igreja matriz é mais uma **prova do espírito comunitário do povo de Venâncio Aires**. Folha do Mate, 11 de maio de 1988.

O visitante ao entrar na cidade depara-se com o primeiro marco que caracteriza o município. O imponente pórtico, com duas mãos estilizadas sustentando cuias de chimarrão com bombas que se entrelaçam, num significado de **hospitalidade que caracteriza nossa gente**. Folha do Mate, 7 de maio de 1999

Existem ainda outras reportagens que realçam as características da vida comunitária, especialmente os valores da amizade e da tradição gaúcha, que são reforçadas em todas as edições de aniversário do município, quando o jornal publica uma reportagem especial ou um encarte específico. Os textos a seguir são exemplos do conteúdo destes cadernos que homenageiam Venâncio Aires. Na imagem, vemos a criança escolhida para ilustrar a capa da “Folha Especial” do ano de 2009, vestida com as roupas típicas do Rio Grande do Sul e segurando uma cuia de chimarrão.

Esta é um pouco da história de VA, terra da erva-mate, Capital Nacional do Chimarrão, onde a cuia corre de mão em mão, **simbolizando a amizade e a hospitalidade do povo venâncio-airense**. Folha do Mate, 8 de maio de 1998

Nas páginas a seguir, [...] **reforçaremos as tradições e os laços de amizade** e teremos a convicção de quem vai embora um dia acaba retornando. Folha do Mate, 9 de maio de 2009.



Imagem 19 – Capa do encarte de aniversário do município

Fonte: Folha do Mate, 9 de maio de 2009.

O trabalho realizado por Oliven (1992) sobre a construção da identidade gaúcha chama a atenção para a exaltação do gaúcho como uma figura excludente, pois remete o personagem aos pampas, deixando de fora metade do território do Rio Grande do Sul, como as regiões de imigração alemã e italiana. Em Venâncio Aires, percebemos que diversas localidades marcadas pela colonização possuem grupos de dança de tradição gaúcha, participam das mateadas organizadas pela administração municipal e valorizam a “Terra do Chimarrão”, não havendo conflitos pela valorização da cultura gaúcha ou alemã. No entanto, estas práticas culturais se fazem de modo excludente no que se refere ao negro e ao indígena, “que comparecem no nível das representações de uma forma extremamente pálida” (OLIVEN, 1992, p. 100).

O único registro encontrado sobre a participação do negro na comunidade venâncio-airense foi sobre João Generoso dos Santos, considerado um líder comunitário por ter fundado a Sociedade Nêgo F. C. São Sebastião e ser conhecido como o “pai dos negros”.

LÍDER COMUNITÁRIO – Um dos grandes **líderes comunitários do município de VA foi um negro**. João do Cerso, João da Prefeitura ou Schwatz João eram os apelidos de João Generoso dos Santos. Natural do interior do Rio Pardo, era filho de escravos. Folha do Mate, 11 de maio de 2000.

É possível perceber, através da análise destas enunciações, que embora a vivência comunitária possa parecer uma característica que une os venâncio-airesenses, este modo de ser e viver acaba por excluir alguns sujeitos no município, em especial os afro-descendentes. Muitas vezes João Generoso é visto como uma liderança da comunidade especificamente dos negros, e não do município, como ocorre quando se trata da vivência das tradições alemã e gauchesca. Ainda assim, para que fosse acolhido e considerado uma liderança comunitária, o Sr. Generoso teve que se submeter a algumas regras locais, em especial com relação ao idioma. Uma reportagem especial sobre este “moreno de olhos azuis”, como foi chamado pelo jornal, evidencia algumas destas condições.

João Generoso foi **criado pela família Eiserman**. A família o adotou para cuidar de uma criança. **Falavam somente o idioma alemão** e depois de certo tempo não sabia nem mais o português. Os seus pais eram pobres e escravos. [...] **Não é muito comum encontrar-se uma pessoa morena, falando o idioma alemão**. Entretanto, o Sr João fala perfeitamente, e **foi por esse motivo que veio a Venâncio Aires**. [...] Na Prefeitura João Generoso exerceu os mais diferentes cargos. Era recepcionista, **intérprete do alemão**, fiscal dos indigentes no Hospital, fiscal dos matadouros, cobrador de impostos, etc. Sempre foi uma **pessoa muito querida dos brancos e morenos** e por isso mesmo todos o respeitavam. Até hoje, lembra, “muitos agricultores de origem alemã me visitam e me trazem presentes”. Isso **naturalmente lhe causa grande satisfação**. E continua falando o alemão normalmente. Folha do Mate, 21 de agosto de 1981.

No caso do “Schwatz João”, o dominar a língua alemã e ser criado junto a uma família de alemães foram os principais meios de sua inclusão na comunidade. Importa pensar o quanto estes códigos culturais são hoje praticados pela população do município e quais os efeitos dessa vivência comunitária para a educação de Venâncio Aires. Sérgio Costa (2006, p. 92) argumenta que “em contraposição às construções identitárias

homogeneizadoras que buscam aprisionar e localizar a cultura, coloca-se a ideia da diferença, articulada, contextualmente, nas lacunas de sentido entre as fronteiras culturais”. Um depoimento de uma representante do Movimento Negro, articulado no início da década de 90, mostra o quanto o idioma alemão era considerado um fardo para a população negra do município:

Ainda hoje existe racismo, inclusive em VA. Aqui, **o racismo se manifesta, por exemplo, na exigência de falar o alemão quando o comércio quer um balconista**. Folha do Mate, s/d 1990, suplemento.

Aqueles indivíduos que desejam fazer parte do grupo dos estabelecidos, conforme nos advertiu Elias (2000), são obrigados a entrar na lógica exercida por eles e permitir serem conduzidos, caso contrário, serão sempre considerados os *outsiders*. “Dê-se a um grupo uma reputação ruim e é provável que ele corresponda a esta expectativa” (ELIAS, 2000, p. 30). Isto explica porque, nas discussões infundáveis sobre racismo, muitos afirmam que os negros são preconceituosos com eles mesmos. Segundo Bauman (2001, p. 202),

O aspecto em que somos semelhantes é decididamente mais significativo que o que nos separa; significativo bastante para superar o impacto das diferenças quando se trata de tomar posição. E não que “eles” sejam diferentes de nós em tudo; mas eles diferem em um aspecto que é mais importante que todos os outros, importante o bastante para impedir uma posição comum [...]. É uma situação tipicamente ou/ou: as fronteiras que “nos” separam “deles” estão claramente traçadas e são fáceis de ver.

Por fim, gostaria de chamar a atenção para as discussões propostas pelas teorizações Pós-Coloniais, em especial aquelas propostas por Sérgio Costa (2006). Se o discurso da comunidade é, nestes tempos, uma estrutura discursiva tão forte, capaz de ditar as formas de ser e de viver em um local específico, ele é responsável também por excluir determinados grupos sociais, como os afro-descendentes. Mesmo sabendo que “a comunidade continua teimosamente em falta, escapa ao nosso alcance e se desmancha, porque a maneira como o mundo nos estimula a realizar de uma vida segura

não nos aproxima de sua realização” (BAUMAN, 2003, p. 129), o comunitarismo tem implicações perversas para os que são considerados os *outsiders*, os diferentes.

Autores como Popkewitz, Olsson e Petersson (2009) mostram que a Contemporaneidade pode ser entendida como uma Sociedade da Aprendizagem, “um conceito que expressa princípios de uma Humanidade universal e de uma promessa de progresso que parece transcender à ideia de Nação” (2009, p. 73). Esse progresso só seria possível mediante à constante aprendizagem dos sujeitos sociais, cidadãos cosmopolitas guiados por princípios e valores capazes de atender as normas desta Sociedade. Sendo uma forma de vida,

o cosmopolitismo fornece uma maneira de examinar os sistemas racionais que regulam, que diferenciam e que dividem os atos e a participação da criança em nome de princípios humanos universais, tais como os da própria Sociedade da Aprendizagem (POPKEWITZ, OLSSON, PETERSSON, 2009, p. 76).

Desta forma, o cosmopolitismo é um dos principais elementos da Sociedade da Aprendizagem, do qual os indivíduos seriam aprendizes por toda a vida, independente da comunidade ou do local onde residem. O cidadão cosmopolita, no entanto, pode ser tanto o sujeito disposto a aprender e por isso, ser considerado o normal, o civilizado; como pode ser também aquele sujeito incapaz de aprender, o que o torna excluído da Sociedade de Aprendizagem. É por esse motivo que estes autores trabalham com a ideia de que vivemos em um *cosmopolitismo inacabado*, pois somos eternos aprendizes desta Sociedade. Assim, “a Sociedade da Aprendizagem é uma prática de governo e um efeito de poder. Sua individualidade pedagógica circula de tal modo a ordenar, diferenciar e dividir quem é e quem não é o cosmopolita razoável” (POPKEWITZ, OLSSON, PETERSSON, 2009).

O cosmopolitismo, deste modo, se constitui como um importante elemento da Contemporaneidade, na medida em que caracteriza a gama de múltiplas visões e fluxos que compõe o tempo presente. Quando é tomado como elemento da Sociedade da Aprendizagem, o *cosmopolitismo inacabado* muitas vezes é excludente, pois coloca em circulação um tipo de mundo do

qual nem todos podem participar. Alguns autores, no entanto, defendem um olhar cosmopolita para as relações culturais de nossas sociedades. As abordagens Pós-Coloniais concebem o Cosmopolitismo como uma maneira

de conferir destaque às experiências daqueles que vivem entre as demarcações adscritivas – nacionais, de gênero, étnicas, etc. Para os estudos pós-coloniais é, portanto, no entremeio dessas demarcações, isto é, no espaço de sentido entre as fronteiras, que se articula a diferença móvel, aberta e cosmopolita. (COSTA, 2006, p. 16-17).

A diferença causa estranhamento e receio nos promotores do discurso comunitário, pois ela é impossível de ser governada (ROOS, 2009). É por isso que ela procura ser maculada, homogeneizada e desestruturada, o que ocorre sempre que uma determinada forma de viver é exaltada, pois os princípios normalizadores já estão previamente definidos. Não há lugar para quem não segue a norma. Estes são os estranhos, aqueles que não comungam do progresso e dos elementos que são considerados belos, por isso, são os diferentes de “nós”. Se cada espécie de sociedade produz sua própria espécie de estranhos, como nos advertiu Bauman (1998), em Venâncio Aires uma das maneiras de produzi-los é através do discurso da comunidade, tomado aqui como uma das verdades que circulam no município.

Olhando para as características da Sociedade de Aprendizagem e para as complexas relações de poder que elas colocam em circulação, vemos que o discurso da comunidade se atualiza através da busca permanente deste indivíduo imaginado, que nunca está pronto para fazer parte do mundo comunitário. Vivenciar os diversos valores considerados imprescindíveis para a comunidade em Venâncio Aires é um eterno vir a ser, mas que coloca em jogo as tramas discursivas que rasuram determinados indivíduos, especialmente o sujeito negro.

O comunitarismo, assim, se renova em busca de um passado distante, em prol da valorização de uma forma de vida que não é mais possível alcançar. As comunidades organizadas pelos imigrantes alemães, assim como as irmandades religiosas fundadas pelos escravos e libertos do final do século XIX, foram articulações possíveis em outros tempos. A

potencialização deste discurso comunitário em Venâncio Aires, que valoriza essencialmente a cultura alemã e a gaúcha, aponta para a homogeneização das diferenças, pois valoriza determinadas práticas em detrimento de outras. Como afirmou Skliar (2001, p. 124), “necessitamos do outro, mesmo assumindo certo risco, pois de outra forma não teríamos como justificar o que somos”.

## 5.2 O negro como moreno: O discurso politicamente correto

*Agora, a irrupção do outro pode instaurar uma nova e original relação com a mesmidade. Mas não uma relação tranqüila, transparente, consistente, nem muito menos incondicional ou empática. A irrupção do outro é uma diferença que difere, que nos difere e que se difere sempre de si mesma (SKLIAR, 2003, p. 45)*

Ao tratar de alteridade e Educação, Carlos Skliar (2003) nos mostra como a fabricação do outro na sua exterioridade, como aquele que deveria ser anulado, apagado, durante muito tempo foi importante para a manutenção dos processos homogeneizadores das práticas pedagógicas. O fortalecimento dos estudos que concebem a cultura como um campo de significação e de relações de poder, no entanto, vem deslocando esse olhar para os fenômenos como os processos de in/exclusão sociais, apontando a diferença como a “irrupção (inesperada) do outro, do ser outro que é irreduzível em sua alteridade” (SKLIAR, 2003, p. 43). Esta irrupção aponta para o conflito, para a instabilidade, para a dinâmica daquilo que nos constitui enquanto sujeitos sociais, pois é na aproximação/distanciamento entre “eu” e o “outro” que se constitui nossa identidade.

É também ao falar de alteridade que Duschatzky e Skliar (2001) apontam o século XX como o período em que o outro foi concebido como fonte de todo mal. Segundo eles, a Modernidade foi responsável pela “demonização do outro: sua transformação em sujeito *ausente*, quer dizer, a ausência das diferenças ao pensar a cultura [...]” (2001, p. 121). Considerando que a diferença é fundamental para pensarmos a cultura e com isso promover a “irrupção” do outro, daquele que possui consigo uma marca que abala a pureza e a ordem do mundo, é importante enfatizar como

ela foi por muito tempo vista como um problema, algo que deve ser ocultado, negado. Passar por cima da diferença, minimizá-la e contorná-la por meio de estratégias da linguagem são práticas que circulam com grande intensidade na Contemporaneidade, colocadas em suspeita pelos estudos Pós-Estruturalistas.

Reforçando a posição que assumo nesta dissertação, compartilho com Hall (2003) que cultura é o terreno real, sólido, das práticas, das representações, línguas e costumes de qualquer sociedade. Nesse sentido, Silva (2000) entende a cultura como um campo de luta, um local de produção de significados e de significações em torno da identidade. Se a identidade dos indivíduos está calcada na diferença, como este autor mesmo nos mostrou, um dos marcadores culturais que diferencia esses sujeitos é a etnicidade. Para os afro-descendentes, ser diferente muitas vezes implica um posicionamento inferior, o “outro” como alguém que se tolera, tanto socialmente quanto culturalmente, pois apresenta uma marca que o constitui como deficitário. Uma das características da tolerância é manter o “outro” invisibilizado, pois ao exaltar uma determinada cultura através de determinadas narrativas, são produzidas subjetividades que interferem na construção identitária de outros grupos culturais, expressos através de fenômenos como a exclusão social.

Ao problematizar o discurso politicamente correto através de um enunciado que pode ser visibilizado na Folha do Mate nas décadas de 1970 a 1990, mais precisamente entre os anos de 1974 e 1988, recorro às contribuições de Foucault para pensar como este enunciado se constituiu e quais os seus efeitos na produção do sujeito negro. Um olhar detalhado dos jornais, tanto nas colunas quanto nos artigos, apontou como constante o uso do termo “moreno” para nomear o negro venâncio-airense. Essa estratégia pode ser entendida como uma forma de minimizar o peso da diferença, como algo que deve ser evitado, tolerado, não falado, não pronunciado.

Duschatzki e Skliar (2001), ao analisar formas de nomear o outro, descrevem essa estratégia como travestismo discursivo. Veiga-Neto (2001), por sua vez, chama essa estratégia de “proteção lingüística”, uma prática

que está presente em boa parte dos discursos que pretendem ser politicamente corretos. Nas suas palavras, é “como se quisesse expiar uma culpa, passando por cima dessa questão [...] e jogando para baixo do tapete a violência que se põe em movimento nessas práticas” (VEIGA-NETO, 2001, p. 108). No caso da Folha do Mate, percebe-se o uso do termo “moreno” para aplacar o possível conflito que emerge ao falar do afro-descendente. Se não há como negar a diferença, ao menos se recorre a palavras que possam contorná-la, apaziguar conflitos, em síntese, tolerar.

Percebe-se então, o quanto a linguagem é importante para a constituição da subjetividade dos sujeitos. Andrea Semprini (1999, p. 66) diz que “a linguagem é um instrumento que afeta profundamente o nosso conhecimento e representações de mundo”. É através da linguagem que damos sentidos às coisas, pois ela é constitutiva do nosso pensamento. (VEIGA-NETO, 2007, p. 89). Esse cuidado em dizer, que Veiga-Neto (2001) chama de “proteção linguística” e que Duschatzky e Skliar (2001) chamam de “travestismo discursivo” apontam a diferença como algo a ser evitado, disfarçado e por isso, mesmo com espaço para a representação.

Este esforço linguístico, que contorna a diferença através do discurso politicamente correto, pretende evitar que a sensibilidade ou a autoestima dos afro-descendentes “possam ser ofendidas ou humilhadas por conversas, atitudes ou comportamentos inconvenientes, de modo a induzir ou reforçar na pessoa em questão uma visão desvalorizada ou culpabilizante dela mesma” (SEMPRINI, 1999, p. 62). Estas estratégias linguísticas podem ser entendidas como tecnologias de poder (CASTRO, 2009), potentes forças que produzem significados importantes para a vida de brancos e negros, mas de forma a marcar a desigualdades e produzir, nesse caso analisado, a tolerância.

Se o jornal Folha do Mate procura, através do uso do termo “moreno”, contornar a diferença que marca o sujeito negro de Venâncio Aires, é importante pensar até que ponto estes sujeitos são produzidos como um “outro” a tolerar. Para a análise do termo “moreno”, é importante salientar que seu uso vem carregado de sentidos, pois para além da própria linguagem, ele se refere a um determinado grupo, à comunidade afro-

descendente de Venâncio Aires. A seguir, apresento algumas recorrências do emprego do termo “moreno” no jornal:

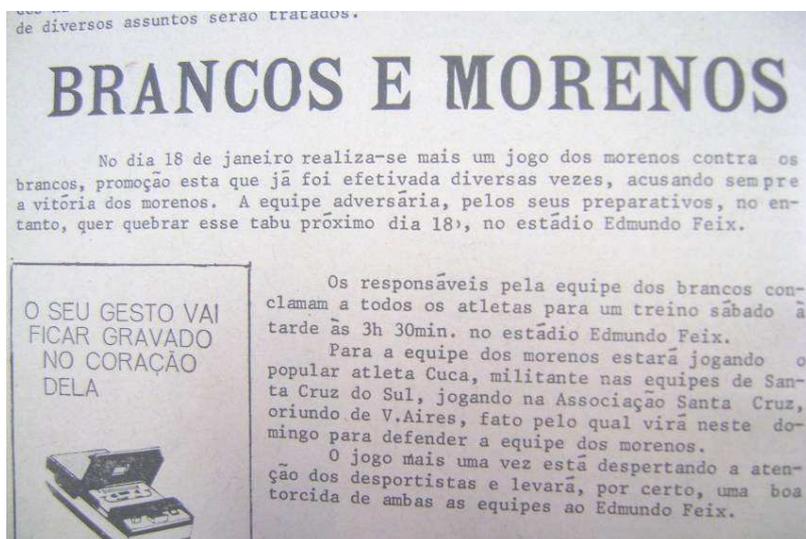


Imagem 20 – Anúncio de jogo entre brancos e negros

Fonte: Folha do Mate, 10 de janeiro de 1975.

Este jogo de futebol entre brancos e negros foi por diversas vezes assistido pela comunidade venâncio-airense. É importante ressaltar nessa reportagem as estratégias linguísticas, perceptível nas primeiras linhas: “*mais um jogo dos morenos contra os brancos*”. O último registro que encontrei deste jogo foi no ano de 2011, durante a programação alusiva ao dia da Consciência Negra. Interessante perceber que nesta reportagem o termo utilizado é o “negro”.

NEGROS REFLETEM A MORTE DE ZUMBI – No domingo a programação da festa afro-brasileira teve continuidade com mais debate sobre o Dia Nacional da Consciência Negra e um **jogo de futebol entre negros e brancos. Os negros venceram a partida por 3X1.** Folha do Mate, 21 de novembro de 2011.

Na edição de agosto de 1981 a Folha do Mate publicou uma reportagem especial sobre João Generoso dos Santos, personagem que muito se destacou pelo seu trabalho junto a comunidade negra de Venâncio Aires, especialmente por ter fundado o Négo F. C., como já foi citado em outros momentos desta dissertação. Nesta publicação é possível perceber diversas

expressões que apontam o cuidado lingüístico existente ao falar de João Generoso, sujeito negro que aqui está sendo homenageado. Logo no início do texto, ao caracterizar o personagem, o jornal nos diz: *“Moreno de olhos azuis, passa parte do seu tempo na área de sua residência, tocando acordeon”*. Em destaque aparece a foto de João, ao lado de sua esposa, com o instrumento musical em mãos.



Imagem 21 – Reportagem sobre João Generoso dos Santos

Fonte: Folha do Mate, 21 agosto de 1981.

Em seguida, novamente aparece o uso do termo “moreno”, como no decorrer da reportagem várias vezes ocorre: *“Não é muito comum encontrarmos uma pessoa morena falando o idioma alemão. Entretanto o Sr. João fala perfeitamente, e foi por este motivo que veio a Venâncio Aires”*. Percebe-se, nesse caso, a dificuldade existente por parte do jornal para falar de/sobre alguém negro. O cuidado no uso da linguagem se faz tão presente que chega a apresentar problemas de ordem textual, pois está claro o esforço

para elogiar e mostrar os aspectos positivos do entrevistado. Marcas que contornam e amenizam o fato de João Generoso ser de cor preta.

No ano seguinte, novamente vemos a utilização do termo “moreno”, com relação à premiação recebida pelo Clube Négo durante o carnaval.

PREMIAÇÃO DO CARNAVAL DE 1982 – Dois troféus eram demais para Leobaldo Rodrigues, o BECO, do NEGO, que ao agradecer, embora homem experiente, de idade, não se conteve e chorou agradecendo a todos pelo reconhecimento do trabalho da **escola dos morenos**. Folha do Mate, 26 de fevereiro de 1982.

O uso do termo “moreno” para se referir ao afro-descendente, como pode ser visto nestas reportagens, se fez presente no jornal Folha do Mate até o final dos anos 80, especialmente a partir do ano de 1988, quando foi celebrado o Centenário da Abolição da Escravatura. Na dissertação de mestrado defendida por Jair Luiz Pereira, venâncio-aiense atuante do Movimento Negro do município, o pesquisador apontou para o preconceito sofrido pela população negra de Venâncio Aires, principalmente a partir das entrevistas realizadas com afro-descendentes da comunidade local. Segundo Pereira (2005, p. 123),

Em área de colonização teuto-brasileira, que é o caso do município de Venâncio Aires, tornou-se corrente identificar a população afro-descendente genericamente como “brasileiro” ou mais especificadamente “moreno”. Em situações de cordialidade, o teuto-brasileiro, que representa o grosso da população local, referia-se aos afro-descendentes e luso-brasileiros com o termo “moreno” ou “brasileiro” na intenção de identificá-la como nacionais. Já em situações conflituosas, utilizavam o termo “negro” ou “schwatz”, para os primeiros e “plawa” para os segundos, termos estes que carregavam certo grau de preconceito e discriminação étnica.

Podemos perceber, através dos enunciados presentes no jornal e do que nos apontou Pereira (2005), que o movimento em favor de comportamentos politicamente corretos, além de combater o uso de termos marcados negativamente, se caracteriza também por propor a substituição de tais termos por outros, que seriam “neutros” ou “objetivos” (POSSENTI, 2004, p. 44-45). O que está marcado aqui é o sujeito negro, pois a cor não nega a diferença, ela é visível. Procura-se então contornar esta diferença,

como algo que pudesse ser causadora de conflito, fonte de algum mal, ou “de todo mal” como já nos apontou Skliar (2001).

A análise deste enunciado mostra que, até pelo menos a década de 90, a relação com a diferença se potencializa em Venâncio Aires por meio do discurso politicamente correto. Esse discurso produz efeitos que amenizam os conflitos e as diferenças étnicas, mas deixam intocadas as tensões que envolvem a produção do sujeito afro-descendente e, conseqüentemente, as posições de desigualdades sociais que pesa sobre quem é tolerado, nesse caso, o afro-descendente. Percebe-se também que a visibilidade do negro venâncio-aiense se dá no nível da convivência e socialização. As práticas sociais descritas nas reportagens analisadas não o visibilizam em posições que rompem com as posições toleráveis, como o futebol e o carnaval. Estes espaços concedidos ao sujeito negro, como vimos no capítulo dois, apontaram a necessidade de problematizar as estratégias linguísticas que circulam na Folha do Mate para apresentar-se como um discurso politicamente correto.

Cientes de que este discurso está presente não apenas no jornal de Venâncio Aires, mas em muitas outras instituições, inclusive a escola, não podemos deixar de pensar o quanto ele é perverso, pois contorna o conflito étnico e a diferença em si mesma, potencializando a tolerância. Temos que pensar nas possibilidades de se produzir outras relações e narrar outras histórias, que possam enfrentar a diferença como ela é, produzida e produtora de significados, que contemple não apenas os personagens tradicionais da História, mas aqueles que foram e são considerados os infames. Certamente este é um dos grandes desafios para a Educação brasileira.

### **5.3 O discurso da diversidade étnico-racial: governando os sujeitos venâncio-aienses**

Esta seção pretende mostrar como se estrutura o discurso da diversidade étnico-racial no município de Venâncio Aires. A análise do jornal Folha do Mate permitiu-me identificar um deslocamento dos discursos que

circulam no município, em especial a partir do ano de 1988. Importa mostrar, em uma análise mais ampla, quais as condições de possibilidade para a emergência deste discurso e como ele se articula com a governamentalidade, ferramenta foucaultiana com a qual pretendo operar para pensar o governo e a condução dos indivíduos por meio da cultura. Durante o curso “Segurança, Território e População”, ministrado no Collège de France nos anos 1977 e 1978, Michel Foucault assim define a governamentalidade:

Por essa palavra, “governamentalidade”, entendo o conjunto constituído pelas instituições, os procedimentos, análises e reflexões, os cálculos e as táticas que permitem exercer essa forma bem específica, embora muito complexa, de poder que tem por alvo principal a população, por principal forma de saber a economia política e por instrumento técnico essencial os dispositivos de segurança (FOUCAULT, p. 143).

Ao apresentar a governamentalidade como um conjunto de tecnologias de poder/saber/governo vão se articulando e desenvolvendo uma série de aparelhos utilizados pela política para melhor governar os indivíduos, Foucault nos fornece uma ferramenta importante para pensar a Modernidade e os campos da Educação e da cultura. A governamentalidade tem na população seu objeto, na economia o saber mais importante e nos dispositivos de segurança seus mecanismos básicos (MACHADO, 1992). Segundo Veiga-Neto, (2008, p. 46), “com a palavra dispositivo, Foucault designa todo um conjunto de práticas discursivas e não-discursivas cujos elementos são heterogêneos mas se mantêm conectados numa rede de relações”. São estratégias utilizadas para fazer funcionar o poder de uns sobre os outros, como é o caso das políticas desenvolvidas pelos governos que gerenciam a população, pois o fazem para melhor governar o sujeito, mantendo o controle sobre eles. As políticas de inclusão, desta forma, “podem ser entendidas como manifestações/materialidades da governamentalidade ou da governamentalização do Estado moderno” (LOPES, 2011, p. 9).

Um dos principais alvos das políticas de inclusão é o governo das diferenças<sup>24</sup>. Quando pensada no campo da cultura, a diferença se articula com a diversidade cultural, muitas vezes entendida como sinônimos. Como a diferença não pode ser representada nem fixada, ela acaba por ser “celebrada como identidade homogênea, semelhança irreduzível, [...] domesticada, aprisionada em uma nova fronteira, perdendo precisamente, seu caráter imprevisível, incerto, contingente” (COSTA, 2006, p. 99). Esta constatação, feita por estudiosos contemporâneos, especialmente aqueles vinculados à vertente Pós-Estruturalista, aponta para a perversidade dos grandes movimentos multiculturais e dos discursos que valorizam a diversidade. As políticas inclusivas fazem uso destes discursos para que tenhamos a impressão de que há na sociedade lugar para todos, quando na verdade esta organização não atinge o âmago da estrutura social, pois governa os sujeitos sem promover de fato um enfrentamento da exclusão. Como apontou Lopes, as políticas públicas de inclusão “transformam os excluídos invisíveis em “excluídos anormais” – não garantem mudanças efetivas e permanentes para a população (2009, p. 116).

O sociólogo Richard Sennett, em sua obra “a cultura do Novo Capitalismo” (2006) mostra como as profundas modificações ocorridas na sociedade Contemporânea em decorrência dos movimentos que estruturam o Novo Capitalismo, para usar a expressão do autor, vão produzindo novos valores sociais nos sujeitos. A fragmentação das grandes instituições e do Estado-Nação exige que os indivíduos sejam capazes de viver nessa nova lógica globalizante, o que demanda uma nova ressignificação do tempo e do espaço, a necessidade do talento e a capacidade de conviver com as incertezas (SENNETT, 2006). Se estas mudanças provocam alterações nos indivíduos, o Novo Capitalismo opera fortemente sobre a cultura. Isso porque esta nova dinâmica do Capitalismo Contemporâneo pode ser pensada como uma forma de vida que coloca todos os sujeitos dentro de uma rede de saberes, incluindo-os nessa lógica de mercado. O neoliberalismo, neste sentido, pode ser entendido como um “conjunto de práticas que constituem

---

<sup>24</sup> Para esta discussão, o livro organizado por Adriana da Silva Thoma e Betina Hillesheim, intitulado “Políticas de Inclusão: gerenciando riscos e governando as diferenças” (2011) oferece uma importante contribuição.

formas de vida, cada vez mais conduzidas para princípios de mercado e de autorreflexão, em que os processos de ensino/aprendizagem devem ser permanentes” (LOPES, 2009, p. 108).

Ao mesmo tempo em que o Novo Capitalismo produz essas modificações no campo da cultura, dinamizando as relações sociais e transformando os sujeitos em cidadãos consumidores, esta nova ordem política e econômica valoriza a diversidade e o multiculturalismo. Ao dar visibilidade para as diferentes culturas de um determinado espaço, “parece ser necessário que a sociedade defenda-se das diferenças, contenha-as num padrão de normalidade, para que possam ser administradas, governadas, para que não fujam do controle” (GALLO, 2009, p. 9). No caso de Venâncio Aires, o discurso politicamente correto, evidenciado através da análise do termo “moreno”, vai cedendo lugar para o discurso da diversidade étnico-racial, perceptível através de alguns elementos presentes no jornal Folha do Mate. O emprego do termo “negro”, em substituição ao “moreno”; a articulação do Movimento Negro e algumas ações desenvolvidas no ano de 1988 mostram este deslocamento. Isso não quer dizer que o discurso politicamente correto deixa de existir, mas que junto com esse novo discurso, ele vai se articular de modo a governar os sujeitos venâncio-airesenses. Dito de outro modo, a ênfase na diversidade cultural é uma forma de mostrar a governamentalidade operando nos indivíduos através do controle da cultura, por meio da valorização da diferença. Segundo Hall,

Isto explica por que a regulação da cultura é tão importante. Se a cultura, de fato, regula nossas práticas sociais a cada passo, então, aqueles que precisam ou desejam influenciar o que ocorre no mundo ou o modo como as coisas são feitas necessitarão — a grosso modo — de alguma forma ter a “cultura” em suas mãos, para moldá-la e regulá-la de algum modo ou em certo grau (1997, p. 18).

No mesmo período em que o uso do termo “moreno” passa a ser substituído pela palavra “negro” no jornal Folha do Mate, percebe-se o fortalecimento do Movimento Negro de Venâncio Aires, anunciando sua articulação enquanto grupo político. Depois de 1985, durante vários anos o jornal destaca a existência do Movimento Negro do município, chamado

inicialmente de grupo de conscientização Negra, como podemos ver nas reportagens que seguem:

Pois no último dia 7 de novembro foi criado neste município um grupo de conscientização Negra que pretende, entre os seus objetivos, estudar as suas raízes, fazendo um apanhado geral de sua história, recuperar a cultura e analisar a realidade do negro hoje (FOLHA DO MATE, 19/11/85).

Esta história está sendo lembrada também em Venâncio Aires, pois no ultimo dia 7 de novembro foi criado neste município um **grupo de conscientização Negra**. [...] Em princípio, o grupo de conscientização Negra de VA não tem sede, realizando suas reuniões quinzenais nas residências dos próprios integrantes do grupo, aceitando recursos que a comunidade possa oferecer, como centros comunitários, pavilhões e sedes sindicais, entre outras. O grupo conta com 10 membros. Folha do Mate, 19 de novembro de 1985.

O Movimento Negro Unificado de VA estará organizando o 2º Seminário Municipal do Negro, na cabana do Pavilhão São Sebastião Mártir, tendo como tema “Ouve o Clamor deste Povo Negro”, tema da **Campanha da Fraternidade de 1988**, conquistado pelos agentes negros do Brasil, e centenário da “Abolição da Escravatura”. Palestrantes: agentes da pastoral negros. Folha do Mate, 20 de novembro de 1987.

A partir destas reportagens, é possível inferir que a organização dos negros exerceu/exerce em Venâncio Aires uma função muito importante para a constituição destes sujeitos, mas o que ainda problematizo é em que medida esse grupo articula-se com os outros grupos étnicos, corroborando para afirmação da identidade dos afro-descendentes a partir da diferença, ou firmando a diferença a partir da identidade negra. De qualquer forma, a continuidade do Clube Négo comprova o fortalecimento desta identidade, pois segundo Pereira (2005, p. 168),

O clube criado pela população afro-descendente de Venâncio Aires serviu como um importante fator para a construção e afirmação de identidade social positiva para a população afro-descendente em área de colonização teuto-brasileira, que é o caso de Venâncio Aires. A partir da criação do clube de lazer (esportivo e dançante), os líderes do referido grupo étnico passaram a selecionar critérios sócio-culturais e políticos que servissem ao propósito de construção de visibilidade social positiva.

O ano de 1988, marcado pelo centenário da Abolição, foi um momento de celebração e reflexão em todo o país. A Igreja Católica, instituição que foi conivente com a escravidão exercida por séculos no Brasil, deu à Campanha da Fraternidade deste ano o tema “Ouve o clamor deste Povo Negro”, movimento que levou para todo o país a reflexão sobre a desigualdade social e o racismo. Em Venâncio Aires, como podemos ver na reportagem publicada em 1987, o Movimento Negro realizou um evento com este mesmo tema, coordenado por agentes da pastoral. Este acontecimento também serve para mostrar o quanto a religiosidade, especialmente a religião Católica, foi/é um instrumento importante para a visibilidade do sujeito negro.

A edição da Folha do Mate do dia 13 de maio de 1988 esteve repleta de reportagens sobre o afro-descendente, inclusive o editorial. O Governo municipal instituiu neste ano, através de um decreto, o ano da etnia negra, o que aponta para um movimento de visibilidade do afro-descendente. Provavelmente, esta posição está relacionada ao tema da Campanha da Fraternidade, já que todos os grupos de família que se reuniam durante a quaresma, nas comunidades católicas, enfatizaram este tema.

EDITORIAL – LIBERDADE PARA OS NEGROS. Em todos os estados brasileiros esta data será assinalada como homenagem a contribuição negra na formação da nacionalidade brasileira. O mesmo acontecerá no município de Venâncio Aires onde, através do decreto municipal nº 1386, de 25 de abril de 1988, foi instituído o **ano da etnia negra**. [...] No nosso município, os negros não comentam a data de hoje como um dia de homenagem, mas como um dia de reflexão [...]. **Entretanto, é importante também que os negros, nesta reflexão, se mantenham unidos, honrando a negritude, valorizando-se e acreditando no potencial da raça, sem jamais renegar sua cor.** Folha do Mate, 13 de maio de 1988.

Nas últimas linhas do editorial, o texto remete aos negros a importância de se manterem unidos, “*honrando sua negritude [...], sem jamais renegar sua cor*”. Percebe-se, nesta colocação, que esta tarefa enfatiza a ideia de que os negros são preconceituosos com eles mesmos. Neste caso, o editorial destaca a contribuição do jornal para a temática e a ação governamental que está sendo realizada em prol da comunidade negra do município, mas não o faz sem ressaltar que esta valorização também é necessária por parte dos afro-descendentes. Como se fosse possível reverter, em tão curto período e com algumas visibilidades, uma história de exclusão

e de atitudes preconceituosas com relação ao negro, como foi o caso do emprego do termo “moreno”. Esta atitude demonstra um movimento que procura transferir a responsabilidade do Estado para os indivíduos, ação que caracteriza o exercício da governamentalidade. De acordo com Hall (1997, p. 16),

A principal investida, em relação à cultura, tem sido a de retirar do Estado suas responsabilidades na regulamentação dos assuntos culturais e abrir a cultura, paulatinamente, ao jogo livre das “forças de mercado”. A liberdade, ampliando as opções, aumentando a diversidade e o pluralismo cultural, acabando com o paternalismo do Estado em relação às pessoas — estas são algumas das formas pelas quais a desregulação tem sido “vendida” positivamente pelos seus partidários.

Outra reportagem publicada na mesma data foi uma entrevista realizada com Viviane Lopes, jovem negra que se destacou em Venâncio Aires pelos diversos títulos de beleza. Na entrevista, Viviane fala do preconceito que muitas vezes teve que enfrentar por ser afro-descendente. Ao tratar desta questão, percebe-se o cuidado do jornal com o uso das palavras, e embora não utilize mais o termo “moreno”, o esforço lingüístico para apresentar-se como politicamente correto persiste. Ao falar das barreiras que sofre por ser negra, a entrevistada anuncia diversas questões amplamente discutidas pelas políticas que buscam a igualdade racial, como a dificuldade para conseguir emprego e a necessidade de se destacar em certos aspectos para ser socialmente aceita na comunidade. No final da reportagem, o jornal procura amenizar as acusações feitas pela entrevistada de que Venâncio Aires é um município racista:

Com todas as qualidades que tem, Viviane, filha única, ainda que bonita e culta, enfrenta dificuldades, tanto com relação aos concursos que participa, quanto com relação ao preconceito por sua cor. O que Viviane Lopes talvez não saiba **é que as pessoas não são preconceituosas só com os negros, mas com todos os semelhantes**. Não é o negro que não tem virtudes, são as pessoas que tem seus defeitos, como esse, do preconceito. Folha do Mate, 13 de maio de 1988.

As diversas atividades ocorridas no mês de maio de 1988, bem como as reportagens publicadas, concederam ao sujeito afro-descendente um espaço importante de discussão sobre a sua condição na sociedade. Além do destaque do Clube Négo nas apresentações culturais, foi possível estabelecer uma discussão sobre o preconceito, que se evidenciou também na mídia. Em uma destas reportagens, um coreógrafo e dançarino negro, que veio para as comemorações do dia 13 de maio a convite do Négo F. C., fez algumas considerações relevantes, especialmente sobre a postura da comunidade negra venâncio-airense com relação ao racismo, como podemos ver na reportagem a seguir:

DANÇAS AFRO NO CENTENÁRIO DA ABOLIÇÃO – **O espetáculo retrata a participação do negro na sociedade.** A população venâncio-airense poderá assistir hoje, [...] em comemoração ao centenário de abolição da escravatura, **um espetáculo de danças afro-brasileiras, no parque municipal do chimarrão.** As danças [...] serão apresentadas pelo Grupo de Danças Quilombo, da Sociedade Négo São Sebastião Mártir. [...] Esta será a única apresentação em todo o Estado, dentro do Projeto Abolição, que tem em VA o município pioneiro. Sobre racismo, o coreógrafo e dançarino disse que **é no interior onde se concentra a maior discriminação racial**, principalmente pelos tipos de raças que geralmente fazem a colonização. **Reconhece, entretanto, que a comunidade negra de VA, no caso a Sociedade Negro S.S. Mártir, se porta de forma diferente das outras cidades. “Eu os sinto dinâmicos, sumamente interessados e polêmicos quanto a sua negritude”.** Folha do Mate, 13 de maio de 1988.

Certamente, o depoimento de um artista negro residente em Porto Alegre teve um significado importante para os atuantes do Movimento, pois afirmar que os negros venâncio-airenses são mais dinâmicos e interessados pela sua negritude que de outros municípios valoriza bastante o trabalho desenvolvido por eles no município. No entanto, as edições do jornal próximas ao dia 13 de maio e 20 de novembro dos anos seguintes apontam para um enfraquecimento do Movimento Negro em Venâncio Aires, como podemos ver na reportagem a seguir:

20 DE NOVEMBRO DIA NACIONAL DA CONSCIÊNCIA NEGRA. **O Movimento Negro de VA limitou-se com atividades representativas de forma singular** na Sociedade F.C. Em reflexão com painel sobre o movimento atual da comunidade negra, desfile, exposição de fotografias, confecção de trabalhos, apresentação de shows e danças afro-brasileiras. Folha do Mate, 20 de novembro de 1990.

George Yúdice (2006) discute a importância e os efeitos da expansão da cultura para todas as esferas da sociedade, como a política e a economia. Neste mesmo viés, Stuart Hall (1997) já apontava para a centralidade que a cultura vinha assumindo nos últimos tempos, de modo a regular a conduta dos indivíduos. Esta regulação se faz através do “governo da moral feito pela cultura, inculcando normas, padrões, formas de vida” (HALL, 1997, p. 19). Em Venâncio Aires, o discurso da diversidade étnico-racial promove um arranjo multiculturalista que procura normalizar os sujeitos. Ao conceder um espaço de manifestação cultural para o afro-descendente, é possível que as organizações governamentais estejam cientes da capacidade de organização deste grupo, pois como nos mostrou Foucault, é preciso conhecer para governar.

No ano de 2004 o jornal publicou, na mesma edição, duas reportagens que comprovam a existência do discurso que valoriza a diversidade étnico-racial. A primeira reportagem trata da capoeira e a segunda relata uma atividade alusiva ao dia da Consciência Negra. O destaque, neste texto, é para a forma com que a Folha do Mate se refere à identidade afro-brasileira, considerando-a parte integrante da “nossa” cultura, e não da cultura do “outro”, como ocorria nas publicações anteriores. Da mesma forma, a reflexão desta data é realçada como uma prática importante para toda a comunidade venâncio-airesense, e não apenas para a consciência dos negros. Esta mudança na maneira como a linguagem é utilizada aponta para um deslocamento discursivo, uma vez que procura incluir as diversas culturas na comunidade venâncio-airesense, o que não ocorria nos anos anteriores.

COMUNIDADE COMEMORA A IDENTIDADE AFRO-BRASILEIRA. Diversas atividades serviram para trazer à **consciência dos venâncio-airesenses a identidade afro-brasileira que atravessa culturas**. Representantes sociais apresentaram reflexões ao público na manhã de sábado na Sociedade Neco Futebol Clube São Sebastião Mártir, local reconhecido **regionalmente como de cultivo da negritude**. Na tarde de domingo, a comunidade negra ocupou a Travessa São Sebastião Mártir para lembrar uma história viva e presente. Folha do Mate, 23 de novembro de 2004.

IDENTIDADE – **A capoeira**, mistura de dança e luta estabelecida no Brasil como influência africana, **pode ser vista diariamente pelas calçadas, praças e academias em Venâncio** [...]. Nas ruas e na mídia, o que se percebe é a **integração**. Origens étnicas diferentes se relacionam de várias formas, no trabalho, na amizade e no amor, fazendo valer a **igualdade racial e a harmonia**.  
Folha do Mate, 23 de novembro de 2004.

Por meio da exaltação da capoeira, elemento relacionado à cultura afro-brasileira, destaca-se a igualdade social e a harmonia, como se Venâncio Aires fosse um local distante dos conflitos étnicos e das relações de poder que excluem determinados sujeitos sociais. Além disso, este movimento é característico das sociedades multiculturais, pois como destacou Semprini (1999, p. 35),

Numa sociedade onde o mito da mobilidade social e a crença na igualdade de oportunidades são elementos essenciais do pacto social, o caráter definitivo dessa marginalização assume um aspecto simbólico que golpeia fortemente as representações coletivas.

O discurso da diversidade étnico-racial, mesmo que aparente uma suposta valorização do negro no município, não contempla as diferenças de modo a promover uma mudança das posições do sujeito. Ao conceder um espaço de visibilidade ao negro, quem sai perdendo é o protegido, pois ele não solicitou e lutou por essa concessão, a tolerância foi produzida por essas relações de poder acionadas pela linguagem e depositadas sobre a identidade do afro-descendente. Por outro lado, pequenos movimentos apontam para a existência de conflitos que, analisados em sua produtividade, encaminham para mudanças na forma como estas teias discursivas se estruturam, como veremos mais adiante.

Este exercício analítico nos permite entender que no processo de governamentalização do Estado todos são capturados pela governamentalidade, ou seja, pelo processo descrito por Foucault como

a tendência, a linha de força que, em todo o Ocidente, não parou de conduzir, e desde há muito, para a preeminência deste tipo de poder que podemos chamar de “governo” sobre todos os outros – soberania, disciplina – e que trouxe, por um lado, o desenvolvimento de toda uma série de aparelhos

específicos de governo, o desenvolvimento de toda uma série de saberes (FOUCAULT, 2008, p. 143-144).

No município de Venâncio Aires, a governamentalidade opera por meio das políticas de incentivo aos eventos culturais, como o carnaval, a escolha da Mulata Café ou ainda as atividades relativas ao dia da Consciência Negra. Esta visibilidade dada às diferentes culturas, através dos incentivos, configura-se como um dispositivo de controle para melhor governar a população, o que se faz por meio da cultura. O discurso da diversidade étnico-racial, desta forma, atinge a todos os venâncio-airesenses, mas produz efeitos perversos na constituição do sujeito negro, uma vez que esse tipo de visibilidade não garante que o afro-descendente tenha acesso a melhores condições sociais.

Neste capítulo, procurei mostrar como alguns discursos formam os regimes de verdade que constituem o sujeito negro no município de Venâncio Aires. Ao produzirem efeitos sobre todos os venâncio-airesenses, estas verdades educam os indivíduos a olharem para o negro, produzindo sobre ele efeitos que ainda não conseguimos dimensionar. “Toda a nossa conduta e todas as nossas ações são moldadas, influenciadas e, desta forma, reguladas normativamente pelos significados culturais” (HALL, 1997, p. 19). A vivência comunitária, o emprego do discurso politicamente correto e a valorização da diversidade étnico-racial apontam para alguns deslocamentos que não são específicos deste espaço investigado, mas que caracterizam a emergência de novas configurações sociais. Necessitam, pois, de novos olhares que apontem para a contingência e o caráter provisório destas questões, pois novos movimentos estão sendo produzidos a todo o momento.

## **6 MISCIGENAÇÃO CULTURAL EM VENÂNCIO AIRES: ESPAÇOS DE NEGOCIAÇÃO, TOLERÂNCIA E RESISTÊNCIA**

Este capítulo pretende colocar em tencionamento algumas relações de poder/saber/governo que atravessam o campo da cultura no município de Venâncio Aires, evidenciando a miscigenação cultural e potencializando o exercício da tolerância. Entendo como miscigenação cultural as zonas de contato entre os sujeitos de diferentes pertencimentos étnico-raciais, regiões de fronteira entre a cultura alemã, tomada como elemento hegemônico, e a presença do sujeito negro, indivíduo que é tolerado na sua diferença. A miscigenação, por estar permanentemente nesta região de fronteira e de indefinição, pode ser pensada como uma impossibilidade, na medida em que se constitui como uma potência desestabilizadora dos discursos que defendem o essencialismo no campo da cultura. Para este exercício de problematização, faço uso de algumas discussões que vem sendo desenvolvidas por estudiosos do Pós-Colonialismo, como Homi Bhabha (1998), Marie Luise Pratt (1999) e Sérgio Costa (2006). De acordo com Tomaz Tadeu da Silva (apud FABRIS, 2005, p. 53),

A análise pós-colonial junta-se, assim, às análises pós-moderna e pós-estruturalista para questionar as relações de poder e as formas de conhecimento que colocaram o sujeito imperial na sua posição atual de privilégio. Diferentemente de outras análises “pós”, entretanto, a ênfase da teorização pós-colonial está nas relações de poder entre nações. [...] A teoria pós-colonial focaliza, sobretudo, as complexas relações entre, de um lado, a exploração econômica e a ocupação militar e, de outro, a dominação cultural.

De modo geral, estes autores apontam para a multiplicidade e para a descontinuidade desta temática, uma vez que as regiões de fronteira entre uma cultura e outra são sempre instáveis e flexíveis, especialmente porque a diferença não pode ser capturada, ela encontra-se justamente nestas lacunas, nestes lugares fronteiros que estabelecem novos movimentos e novas práticas culturais a todo instante. Nesse sentido, “o sujeito é sempre um sujeito provisório, circunstancial e cingido entre um sujeito falante e um sujeito “falado”, reflexivo” (COSTA, 2006, p. 93). A investigação que

desenvolvi em Venâncio Aires, posicionando na centralidade o sujeito negro e analisando algumas verdades que o constitui, se caracteriza por essa provisoriedade. O jornal Folha do Mate coloca em circulação um regime de verdade que atribui diversos sentidos aos venâncio-airesenses, o que torna este artefato um campo de visibilidade importante para pensar como a cultura se manifesta no município,

A esta altura, considero importante explicitar porque preferi utilizar o termo “miscigenação cultural” e não “hibridação”, ou “hibridismo”, já que os processos de hibridação cultural vêm sendo amplamente utilizados pelos estudos Pós-Coloniais, como uma forma de pensar o encontro de diferentes culturas e as zonas de fronteira entre uma cultura e outra. De acordo com Fabris (2005, p. 48), os termos como “criolização, mestiçagem, sincretismo, transculturação, vida na fronteira e diáspora indicam processos de hibridização”. Estes processos culturais permitem pensar as regiões de fronteira entre as diferentes culturas, especialmente as relações de poder entre colonizador e colonizado, no caso dos estudos Pós-Coloniais. Olhar para a história dos povos da América Latina, por exemplo, nos permite entender que toda a nossa cultura é híbrida, pois ela se funda em um processo constante de contatos entre povos diferentes.

Costa, ao enfrentar esta discussão, esclarece que o uso do conceito de hibridação permite operar dois movimentos:

O primeiro é desconstrutivista: ao revelar o traço híbrido de toda construção cultural, busca-se desmontar a possibilidade de um lugar de enunciação homogêneo. [...] o segundo movimento é, se assim se pode dizer, normativo: o hibridismo define uma condição global cosmopolita. Trata-se da referencia a uma cultura e a um mundo híbrido como alusão a uma *ecumene* mundial acima das barreiras raciais, nacionais, étnicas, etc.

Se a hibridação é uma condição de nossa sociedade e tudo é híbrido, temos um problema conceitual, pois afirmar que somos híbridos não basta para tratar da diferença, novamente ela escapa da própria definição. Além disso, os estudiosos como Néstor García Canclini (1997), entendem o hibridismo como um processo de tradução cultural, o que implica em

mostrar o jogo de negociação das diferentes culturas a partir da representação das identidades, o que acaba fixando as posições dos sujeitos. O hibridismo, desta forma, é um conceito que nesta dissertação é colocada sob rasura. Optei por fazer uso dos conceitos de “zonas de contato”, e “transculturação”, ambas desenvolvidas por Pratt (1999). Sem esvaziar esta discussão, entendo que estes termos permitem tomar estas regiões de fronteira entre os negros e brancos venâncio-aireses como um espaço de negociação que é complexo e instável, pois implica pensar nas posições que estes sujeitos assumem em determinado tempo/espaço.

Os textos e as imagens publicados no jornal mostraram que Venâncio Aires se constitui como um local produtivo e desafiador para pensar a temática da cultura. Embora ocorra no município gestos que colocam em circulação o discurso da diversidade étnico-racial, como as políticas de incentivo aos eventos culturais e a celebração de alguns elementos afro-brasileiros, existem localidades onde o sujeito negro é totalmente invisibilizado do ponto de vista cultural. Sem nem ao menos conhecer a sua própria cultura, os negros que residem próximas às famílias de origem alemã são educados para viverem e expressarem a tradição germânica, assimilando a cultura do outro como se esta fosse a sua. As relações de poder produzidas nestas regiões apontam para uma forma de contato que não favorece a interculturalidade, São locais em que o discurso da comunidade exerce sua forma mais perversa, pois homogeneiza as diferenças e governa os indivíduos para que eles sejam normalizados. Esta discussão será tratada na primeira sessão deste capítulo.

Feita esta discussão, procuro deslocar meu olhar para os movimentos produzidos por alguns sujeitos negros venâncio-aireses, que vão à contramão desta forma de governar os indivíduos, o que faço ao finalizar esta dissertação. O trabalho desenvolvido pela Cia Afro-Cena pode ser entendido desta forma, uma vez que estes sujeitos produzem algumas atitudes de resistência frente aos discursos que são imputados nos indivíduos, que conduzem seus modos de ser e de viver. Estes componentes foram analisados por Foucault e nomeados por ele de *contraconduta*. Segundo o filósofo, as perguntas que norteariam estas atitudes, nesse caso,

seriam “por quem aceitamos ser conduzidos? Como queremos ser conduzidos? Em direção ao que queremos ser conduzidos? Essa é a minha segunda observação sobre a especificidade não autônoma dessas resistências, dessas revoltas de conduta”. (FOUCAULT, 2008, p. 260).

### **6.1 Zonas de contato e fronteiras culturais: é possível a interculturalidade?**

A obra escrita por Marie Louise Pratt, intitulada “Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação”, publicada no Brasil em 1999, examina os relatos de viajantes europeus que transitaram pela América Latina e pela África, especialmente durante os séculos XVIII e XIX. Ao analisar as regiões colonizadas por meio dos textos produzidos pelo olhar do colonizador, Pratt desenvolve um estudo relevante sobre a interculturalidade e a transculturação, movimentos culturais presentes nos locais que a autora chamou de “zonas de contato”<sup>25</sup>, conceito que considero importante para pensar a coexistência de negros e brancos no município de Venâncio Aires. Segundo Pratt (1997, p. 27),

“zonas de contacto”, [são] espaços sociais onde culturas díspares se encontram, se chocam, se entrelaçam uma com a outra, freqüentemente em relações extremamente assimétricas de dominação e subordinação - como o colonialismo, o escravagismo, ou seus sucedâneos ora praticados em todo o mundo.

No interior de Venâncio Aires, encontramos no jornal Folha do Mate histórias que relatam a presença de famílias negras que residem há muito tempo nas proximidades de antigos núcleos de colonização alemã. Embora estes sujeitos tenham uma história própria, sua identidade aparece estreitamente vinculada à cultura germânica. O excerto de uma reportagem publicada sobre o Distrito de Vila Arlindo pode ser um bom exemplo:

---

<sup>25</sup> Gostaria de esclarecer que utilizo o termo “zona” com o mesmo sentido desenvolvido pela autora, embora acredite que esta forma de nomear uma região de contato cultural possa transmitir a ideia de um local fixo e definido, quando o meu objetivo aqui é justamente chamar a atenção para a mobilidade, inconsistência e cambiante destas regiões. Talvez o termo borramento de fronteiras seja o que melhor expresse esse significado que desejo dar a esse espaço.

LATIFÚNDIO DE JOÃO CARLOS LEITÃO DA ROCHA. Há na localidade [Vila Arlindo] uma **concentração de descendentes de africanos, que formaram uma comunidade negra**. Os primeiros moradores negros [...] vieram com Luis Metztorf, numa carroça, de Vera Cruz. [...] O núcleo negro de Vila Arlindo [...] 68 moradores [...] 19 famílias, que em sua maioria tem a renda familiar pelo trabalho como diarista (peão) no cultivo do fumo e trabalhando como safrista, em fumageiras de Venâncio Aires. **A maioria dos moradores dessa comunidade tem somente o ensino fundamental, muitas vezes incompleto**. Não chega a 10 o número de pessoas negras que já completaram o ensino médio. **A cultura negra é pouco desenvolvida e raramente posta em prática**. O núcleo negro é dividido em duas religiões: evangélicos (crentes) e católicos. **Não há nenhum negro de uma religião de matriz africana. Apreciam a música de bandinha alemã**. [...] Em Vila Arlindo os moradores negros **moram todos na mesma rua e no mesmo lado. São 19 casas, todas simples, quem vê de longe, parece um grande quilombo. Os negros quando morrem não são enterrados no cemitério local**, mas no cemitério de Linha Tangerinas. Folha do Mate, 24 de abril de 2008.

Esta reportagem traz algumas informações que fornecem subsídio para pensar as zonas de contato culturais. Embora os primeiros moradores negros tenham vindo com um proprietário de descendência alemã, atualmente residem todos na mesma rua, o que mostra uma divisão espacial que não ocorre apenas pela condição social, mas também pela cor. Mesmo assim, estes sujeitos servem como mão-de-obra para as famílias mais abastadas, trabalhando junto às propriedades especialmente no cultivo do fumo. As famílias negras são necessárias tanto para a manutenção da economia, quanto para a afirmação da identidade cultural dos descendentes alemães. Segundo Elias (2000, p. 23), “um grupo só pode estigmatizar o outro com eficácia quando está bem instalado em posições de poder das quais o grupo estigmatizado é excluído. Enquanto isso acontece, o estigma de desonra coletiva imputado aos outsiders pode fazer-se prevalecer”

No entanto, apontar que nessa localidade existe apenas uma relação de dominação por parte dos alemães para com os negros não é suficiente neste exercício analítico. Veiga-Neto (2006) explicita o que Foucault entende por relação de dominação, quando mostra que esta relação é ambígua, pois nem toda relação de poder é uma relação de dominação, mas para que haja dominação, é necessário o poder, mas um poder que é cristalizado, “de modo que são muito reduzidas a mobilidade e a chance de escape das partes dominada(s) (FOUCAULT, apud VEIGA-NETO, 2006, p. 20). De que modo o

sujeito negro residente em um local, como Vila Arlindo, “reage” a este exercício de poder que procura dominá-lo? Não podemos esquecer que “as culturas não são essências, identidades fechadas que permanecem através do tempo, mas são lugares de sentido e de controle, que podem alterar-se e ampliar-se em sua interação”, conforme nos mostrou Skliar (2001, p. 135).

Quando o jornal afirma que “*a cultura negra é pouco desenvolvida e raramente posta em prática*” e que os negros “*apreciam a música de bandinha alemã*”, percebemos o quanto uma cultura hegemônica é capaz de educar e governar os indivíduos. Os afro-descendentes deste local não aprenderam a conhecer outras manifestações culturais, mas somente aquela de aceitação local, tipicamente alemã. Além disso, abandonam o estudo muito cedo para trabalhar e são discriminados, pois não podem nem mesmo ser enterrados no mesmo cemitério que os demais membros da comunidade. Eles residem nessa localidade, mas não pertencem a ela, com exceção de alguns momentos de festejo.

Embora o grupo dominante estabeleça as normas que devem ser vividas nesta comunidade e estigmatize as famílias negras, segregando-as de alguns espaços comunitários, os “anormais” são capazes de adotar determinadas estratégias, mesmo que seja assimilar a cultura do outro, como é o exemplo da bandinha alemã. Pratt (1999) nos mostrou que a dinâmica das relações sociais e culturais estabelecidas no âmbito das zonas de contato não se restringe à posse e à inocência do dominado. A autora utiliza o conceito de “transculturação”

para descrever como grupos subordinados ou marginais selecionam e inventam a partir de materiais a eles transmitidos por uma cultura dominante ou metropolitana. Se os povos subjugados não podem controlar facilmente aquilo que emana da cultura dominante, eles efetivamente determinam, em graus variáveis, o que absorvem em sua própria cultura e no que o utilizar. Transculturação é um fenômeno da zona de contato (PRATT, 1999. p. 30-31).

Não existe neste espaço uma relação de poder vertical, ela é múltipla na medida em que se estabelece um contato cultural por parte do grupo menos favorecido, que reflete uma ação, mesmo que sutil. Ao tratar do

popular “jeitinho brasileiro”, Roberto DaMatta (1986) desenvolve o conceito de “Navegação Social”, mostrando o quanto a população de nosso país desenvolveu estratégias para obedecer em alguns momentos e infringir as regras em outros, buscando alternativas para lidar com a verticalidade do poder de forma mais flexível. Assim, somos cambiantes e flexíveis não apenas às relações de poder que envolvem as práticas sociais, mas até mesmo àquelas que envolvem a constituição de nossas próprias identidades. É por este motivo que os estudos pós-coloniais merecem ser constantemente tencionados, pois nunca teremos um sujeito antropologicamente definido. A governamentalidade, neste sentido, pode ser uma ferramenta produtiva para pensar estas questões, pois como explicitou Veiga-Neto (2006, p. 23),

além de resultar de uma ação (de poder) de um/uns sobre o(s) outro(s), o governo, enquanto condução, pode resultar, também, de uma ação em que cada um se conduz a si mesmo, ou seja, de uma ação de alguém sobre si mesmo, sobre aquilo que pensa e aquilo que faz. [...] Quando se são de alguém sobre si mesmo, ele [Foucault] diz que se trata de técnicas de si – ou, como mais se usa na língua portuguesa, tecnologias do eu.

Vimos, no capítulo 3 desta dissertação, que os espaços de valorização do negro em Venâncio Aires ocorrem através das festividades ou ainda de segmentos da sociedade que favorecem a participação do negro, como o esporte, a cultura popular e a beleza. No excerto citado anteriormente, foi possível perceber que a aproximação cultural entre negros e brancos ocorre justamente nestas “zonas leves”, para citar a expressão de Sansone (2004). A crença religiosa, as procissões e as confraternizações são exemplos de locais onde negros e brancos convivem aparentemente de forma pacífica. Quando se trata de trabalho ou de uniões conjugais, este contato ocorre de forma muito mais tensa. Em outras palavras, é neste momento que o preconceito étnico-racial se revela. A seguir, temos outro exemplo da presença de afro-descendentes que residem em “localidades alemãs”:

DISTRITO DE SANTA EMÍLIA – Atualmente, a composição étnica da população é predominantemente de descendentes de imigrantes alemães. A miscigenação com os lusos começou a ganhar espaço somente a partir da década de 1970 e **a miscigenação com os negros sofre resistência até os dias atuais.** [...] A necessidade de união [dos alemães] também contribuiu para a construção das primeiras escolas, capelas, salões de baile, campos de futebol e ginásios de esportes, onde **atualmente os descendentes de imigrantes germânicos, lusos, negros e índios convivem de maneira integrada, embora os referenciais destes dois últimos grupos étnicos careçam de pesquisa mais aprofundada. Sabe-se apenas que nas proximidades do Cemitério dos Machado havia um local chamado Quilombo.** Folha do Mate, 29 de maio de 2008.

Faltam ainda pesquisas para comprovar se na localidade de Santa Emília havia mesmo um quilombo. Provavelmente o que ocorre neste local é uma aglomeração de famílias negras, semelhante à Vila Arlindo, vistas pelos alemães como uma comunidade quilombola. O texto publicado no jornal afirma, em um primeiro momento, que a miscigenação entre brancos e negros sofre resistência e, num segundo momento, destaca que os moradores de diferentes pertencimentos étnico-raciais “*convivem de forma integrada*”, especialmente nas associações esportivas e de lazer. Em Santa Emília, os negros também servem como mão-de-obra para as famílias do “centro” da localidade. O trabalho, desta forma, se configura como um momento importante da dinâmica da zona de contato, embora ocorra em situações sociais desiguais. Segundo Pratt (1999, p. 31), as zonas de contato podem ser entendidas como

espaço de encontros coloniais, no qual as pessoas geográfica e historicamente separadas entram em contacto umas com as outras e estabelecem relações contínuas, geralmente associadas a circunstâncias de coerção, desigualdade radical e obstinada.

No município de Vale Verde, próximo a Venâncio Aires, há um grupo de famílias negras que se afirma como uma comunidade remanescente de quilombo. Em reportagem à Folha do Mate, a líder da comunidade destaca o problema do racismo e afirma que os negros são estigmatizados pelos demais residentes do município, a ponto de acostumar-se com as práticas preconceituosas e nem prestarem mais atenção nelas. Não é difícil de imaginar o quão complicado é para estas famílias afirmarem sua identidade de quilombolas. O depoimento da líder comunitária mostra o quanto o

sujeito negro é subjetivado por estas atitudes excludentes. Mostra, também, como lidam com aqueles que não são pertencentes ao seu grupo, especialmente quando relata que “*só tem dois estranhos no ninho, ou seja, só tem dois brancos aqui no nosso meio*”. A reportagem pode ser conferida abaixo:

QUILOMBO – MARCA DA **ÉPOCA DA ESCRAVATURA** [VALE VERDE]. Trata-se de uma espécie de quilombo que abriga sete famílias de descendência negra. [...]“**Só tem dois estranhos no ninho, ou seja, só tem dois brancos aqui no nosso meio**”, brinca a líder. Acentua que as sete famílias são bastante unidas entre si, pois todos são de um parentesco muito próximo. [...] Ela acentua que nos dias de hoje a sua **comunidade enfrenta sérios problemas de racismo**. [...] Destaca que já se acostumaram com o racismo e que ninguém mais da comunidade liga para a discriminação racial: “Nos sentimos a discriminação em qualquer lugar que freqüentamos. Ouvimos frases como negro não tem vez, negro não é gente, negro não tem direito a nada, entre outros chavões que denigrem a nossa imagem”, desabafa. Folha do Mate, 14 de outubro de 2003.

Para Zygmunt Bauman (1998), o sonho da pureza é um ideal que procurou ser alcançado por inúmeras sociedades no decorrer dos tempos. A comunidade é uma forma de expressar essa busca da pureza, pois valoriza a proximidade, o conforto e a segurança, valores que são eternamente buscados pela humanidade. Aqueles que desafiam este ideal de pureza e colocam em xeque a vida comunitária são os “estranhos”, a “sujeira” que merece ser anulada, varrida para fora do lugar. Esta tentativa de limpeza foi característica da Modernidade, que instituiu as normas e procurava isolar os “anormais”, como bem nos mostrou Michel Foucault (2001), na obra com o mesmo nome.

Com a passagem a Modernidade para a Pós-Modernidade, ou da sociedade disciplinar para a sociedade de controle, os estranhos passaram a ser objeto de preocupação das instâncias governamentais, através de estratégias criadas para controlar a população e da implementação de políticas públicas que atendessem estes sujeitos. A inclusão social se tornou uma prática do exercício da governamentalidade, o que pode ser visto por meio das “ações inclusivas que visam trazer para a normalidade partes da população ameaçadas pela miséria, pela doença, pela deficiência, pela falta de previdência, pela falta da escola, etc. (LOPES, 2009, p. 117). Assim, na

sociedade de controle, os excluídos passam a ser aqueles que não são alcançados por estas políticas, que não são amparados pelo Estado, por serem invisíveis. “Invisíveis não porque não são vistos nas ruas, mas por estarem capturados pela governamentalidade, não causam problemas, não geram ruídos, não perturbam a ordem estabelecida para a população” (LOPES, 2009, p. 115).

Em Venâncio Aires, a captura do sujeito negro ocorre na medida em o governo municipal procura valorizar algumas manifestações culturais afro-brasileiras, mesmo que seja apenas em determinadas datas, como o carnaval e o 20 de Novembro. Em alguns locais do município, no entanto, a celebração da diferença ecoa de forma muito distante, pois o regime de verdade que historicamente se estabeleceu nestas comunidades recai sobre o sujeito negro de forma a (re)produzir as desigualdades. O interior de Venâncio Aires, deste modo, se constitui como uma fronteira colonial, pois histórias de indivíduos de diferentes pertencimentos se cruzam e estabelecem novas relações, chamadas por Pratt (1999) como transculturação. Dois exemplos servem para mostrar este contato:

VÔ ZEFERINO – 125 anos de História – Vô Zeferino nasceu em Vila Tereza, quando pertencia a Santa Cruz, hoje município de Vera Cruz. Mais precisamente **na Linha Schermer, na fazenda de Hota Schermer. Seus pais eram escravos.** Trabalhavam na lavoura e plantavam feijão. [...] Ele diz que de nascimento não era escravo, mas depois que começou a crescer tornou-se por obrigação. Quando tinha 15 anos aconteceu a Abolição da Escravatura. [...] Tem uma insatisfação: **“Não gosto de ficar parado. O que eu mais queria mesmo era pegar numa enxada ou uma foice e trabalhar de manhã até a noite”**. Folha do Mate, 11 de maio de 1983.

João Generoso foi **criado pela família Eiserman**. A família o adotou para cuidar de uma criança. **Falavam somente o idioma alemão** e depois de certo tempo não sabia nem mais o português. Os seus pais eram pobres e escravos. Folha do Mate, 21 de agosto de 1981.

A história de João Generoso, fundador do Clube Négo, é semelhante a outras em que negros foram incluídos nas regiões de colonização alemã, especialmente por ser criado junto a uma família alemã e falar o idioma alemão, uma importante condição para ser pertencente à comunidade.

Conhecer histórias de afro-descendentes que aprenderam a apreciar a cultura alemã e seus valores culturais não é entendido aqui como um problema. A questão se torna complicada na medida em que esta cultura hegemônica acaba por subsumir as diferenças existentes na região, anulando a cultura do outro. O que temos nestas histórias de vida é o exemplo de uma política assimilacionista, como mostrou Vera Maria Candau. A assimilação “não mexe na matriz da sociedade, procura-se integrar os grupos marginalizados e discriminados aos valores, mentalidades, conhecimentos socialmente valorizados pela cultura hegemônica” (CANDAU, 2008, p. 20-21).

Com relação à política multicultural exercida no município por meio da valorização da diversidade étnico-racial, percebemos através do jornal Folha do Mate que cada vez mais se potencializa a tolerância. De acordo com Nadja Hermann (2006, p. 140), “a tolerância tem sua dimensão acentuada como um valor moral a partir do multiculturalismo, que defende a educação voltada para a diversidade cultural. [...] Isso significa possibilitar uma dialogicidade em que se possa estabelecer uma abertura para o outro”. Na prática, o exercício da tolerância não se configura desta forma. Nascida como uma necessidade de extinguir com a intolerância, ela têm se tornado mais um modo de olhar para o outro sem mexer na estrutura multicultural nem na sua matriz, mantendo os conhecimentos de algumas culturas subalternos a outros, tidos como hegemônicos. Nesse caso, o exercício da tolerância constitui-se de práticas de poder e por atitudes marcadas pela não neutralidade de quem a pratica. Segundo Skliar (2001, p. 136), “a tolerância tem uma grande semelhança com a indiferença. Corre o risco de tornar-se mecanismo de esquecimento e levar seus portadores a eliminar subitamente as memórias da dor”.

O entendimento destas complexas relações culturais produzidas em Venâncio Aires só pode ser obtido quando tomados como estudo os múltiplos espaços em que o sujeito negro se encontra, especialmente as regiões que colocam em contato as diferenças, constituindo-se zonas de fronteira onde circulam intensas relações de poder/saber/governo. Defendo, juntamente com Pratt (1999, p. 31-32), que

uma "perspectiva de contato" põe em relevo a questão de como os sujeitos são constituídos nas e pelas suas relações uns com os outros. Trata as relações entre colonizadores e colonizados, ou viajantes e "visitados", não em termos da separação ou segregação, mas em termos da presença comum, interação, entendimentos e práticas interligadas, freqüentemente dentro de relações radicalmente assimétricas de poder.

Considerando isso que foi exposto, especialmente a miscigenação cultural e os processos de transculturação, assimilação e de subjetivação que produzem o sujeito negro em Venâncio Aires, a questão que se coloca é: será possível a interculturalidade em um espaço cultural como este? Se “a cultura é modelada, controlada e regulada e, por sua vez, nos governa — “regula” nossas condutas, ações sociais e práticas e, assim, a maneira como agimos no âmbito das instituições e na sociedade mais ampla”, como nos mostrou Hall (1997, p. 18), então este é um grande desafio. Interculturalidade, entendo aqui, como a “inter-relação entre diferentes grupos culturais presentes em uma determinada sociedade, [...] [que] rompe com uma visão essencialista das culturas e identidades culturais” (CANDAUI, 2008, p. 22), tomando-as como processos inacabados, flexíveis e contingentes. Coloco esta discussão em suspenso por hora, para pensar os movimentos de resistência produzidos por alguns sujeitos negros em Venâncio Aires. Aos poucos, estes movimentos de contraconduta, como nomeou Foucault (2008), podem se constituir como possibilidade para o desenvolvimento de uma política intercultural.

## **6.2 No palco, a Cia Afro-Cena: possibilidades de contraconduta?**

*Um sorriso negro  
Um abraço negro  
Traz felicidade  
Negro sem emprego  
Fica sem sossego  
Negro é a raiz de liberdade*

*Negro é uma cor de respeito  
Negro é inspiração  
Negro é silêncio é luto  
Negro é a solidão  
Negro que já foi escravo  
Negro é a voz da verdade*

*Negro é destino é amor  
Negro também é saudade  
(Sorriso Negro – Dona Ivone Lara)*

Início esta seção trazendo a letra da música “Sorriso Negro”, de autoria da cantora Ivone Lara, porque foi justamente este o tema da última produção cinematográfica da Cia Afro-Cena, grupo de atores negros que vem se destacando em Venâncio Aires. Ao apresentar o trabalho desta Companhia, pretendo mostrar que neste município é possível observar movimentos de resistência que operam na contramão das verdades que circulam neste espaço. Michel Foucault (2008), na aula de 1º de março do Curso Segurança, Território e População (1977-1978), mostrou que existem gestos que se constituem como um tipo de revolta de conduta, “que têm como objetivo outra conduta, isto é: querer ser conduzido de outro modo, por outros condutores e outros pastores, para outros objetivos e outras formas de salvação, por meio de outros procedimentos e de outros métodos” (FOUCAULT, 2008, p. 257). Como é possível notar, não se trata de sonhar com um espaço sem regulação, mas de pensar outras formas de regulação aceitas pelo sujeito, que vão à contramão daquela hegemônica.

Nesta aula, o filósofo traz vários exemplos de como estes movimentos ocorreram na história, mostrando que, embora sejamos capturados pela governamentalidade, nem todos os indivíduos permitem ser conduzidos da mesma forma. “São movimentos que também procuram, eventualmente em todo caso, escapar da conduta dos outros, que procuram definir para cada um a sua maneira de conduzir” (2008, p. 257). Foucault propõe o uso do termo “contraconduta”, que se refere ao sentido ativo da palavra conduta, o que considera mais produtivo, na medida em que a “contraconduta” propõe não apenas as situações de revolta, mas também formas de resistência que são muito mais sutis, que atuam dentro do sistema provocando novos movimentos. Assim, utiliza o termo “contraconduta no sentido de luta contra os procedimentos postos em prática para conduzir os outros”. (FOUCAULT, 2008, p. 266.

A Cia Afro-Cena surgiu como companhia em 10 de fevereiro de 2008, quando um grupo de sete atores negros resolveu dar continuidade ao seu

trabalho após alguns espetáculos teatrais reconhecidos pelo público venâncio-aiense. Em três anos de trabalho, a Cia apresentou três produções cinematográficas, entre elas duas sobre o uso de drogas e uma sobre a lei 10.369, que trata da inclusão do ensino da história e da cultura afro-brasileira e africana no currículo das escolas. Esta última produção, intitulada “Um sorriso negro” (2011), tem o objetivo de despertar e estimular a discussão em torno do preconceito racial e de servir como um instrumento de trabalho para as instituições de ensino, em consonância com a Legislação. Com sua proposta de trabalho vinculada à Educação, à auto-estima, à consciência negra e buscando promover o respeito entre as diferenças, o grupo vem conquistando espaço e adquirindo visibilidade não só no Rio Grande do Sul, mas em mídias de nível nacional. É interessante destacar aqui o texto de apresentação do endereço eletrônico da Companhia, em que o grupo assim se expressa:

Mesmo essa terra tendo sido colonizada por alemães, essa terra também é nossa. Somos a minoria, assim como muitos negros, em muitas outras cidades. Mas queremos fazer a diferença na nossa terra, e mostrar para o mundo que apesar de todas as dificuldades aqui nesse canto do Brasil, chamado Venâncio Aires, conhecido por muitos como Capital Nacional do Chimarrão, existe um grupo de jovens negros, de codinome Cia. Afro-Cena, que sonha, que acredita e que tenta fazer acontecer (Disponível em: <http://www.ciafrocena.com.br/>).

Assim, a Cia Afro-Cena vem se fortalecendo como um grupo artístico que desenvolve uma forte política cultural, o que não deixa de ser interessante pelo fato de se tratar de atores negros, atuando em um espaço historicamente marcado pela colonização alemã. Em locais como o Vale do Rio Pardo, a maioria das manifestações culturais pertence a outros grupos étnicos, como é o caso da cultura tradicionalista gaúcha e dos grupos de dança alemão. A visibilidade da cultura afro-descendente ocorre essencialmente durante alguns momentos de festejo, como vimos no decorrer desta dissertação. Cientes das verdades que circulam em Venâncio Aires e da intensidade com que o discurso da comunidade interpela os sujeitos neste espaço, a Cia Afro-Cena assim se posiciona:

Nosso objetivo? Conquistar espaço. Nosso desafio? Conquistar respeito e reconhecimento. Só assim terá valido a pena! Somos venâncio-airesenses! Tomamos chimarrão. Saboreamos um suculento churrasco. Dançamos chula, vanera, mas não esquecemos das nossas tradições africanas, e por isso temos a ginga do samba de crioula, a malemolência do samba de raiz e a beleza da capoeira. Somos descendentes dos Lanceiros Negros que foram traídos e assassinados na Revolução Farroupilha, enquanto lutavam por um sonho e uma ideal, a liberdade. Liberdade essa que ficou entranhada na terra gaucha manchada com o sangue dos nossos Negros Farrapos. (Disponível em: <http://www.ciafrocena.com.br/>).

Ao elaborarem seus próprios produtos culturais, os primeiros anos de trabalho foram dedicados especialmente à temática das drogas e da violência, o que difere a Cia Afro-Cena de outros grupos negros brasileiros, que geralmente abordam diretamente o racismo e a desigualdade social entre negros e brancos. Esta “política de não enfrentamento” foi pensada com o objetivo de contornar a própria temática racial, evitando que seu grupo tivesse reconhecimento apenas nas datas exigidas pela Legislação, como o Dia da Consciência Negra. O agitador cultural e idealizador do projeto, Sérgio Rosa, afirmou em uma entrevista que “se tivéssemos começado nosso trabalho abordando o preconceito étnico-racial, não teríamos tido esta visibilidade”. Somente depois de três anos de trabalho, a Cia Afro-Cena começou a tratar da conscientização negra, o que possibilitou que se estabelecessem em Venâncio Aires outros momentos que valorizam o sujeito negro e sua cultura, como a Semana Afro-Cena, realizada no mês de fevereiro. Durante este período, uma intensa programação cultural é oferecida aos venâncio-airesenses, que embora algumas atividades tenham pouca participação do público, adquire bastante visibilidade da mídia, especialmente do Jornal Folha do Mate<sup>26</sup>. A imagem a seguir apresenta a fotografia de divulgação da Semana Afro-Cena 2012:

---

<sup>26</sup> A programação da Semana Afro-Cena 2012 pode ser conferida na página do Jornal Folha do Mate, disponível em: <http://www.folhadomate.com.br/index.php/conteudo/show/id/18712/cat/91>. Acesso em: 5 fev. 2012.



Imagem 22 – Cia Afro-Cena

Fonte: Divulgação.

Esta estratégia de trabalho da Cia, torna-se interessante para pensar o regime de práticas presente em um lugar marcado pelo discurso que valoriza alguns grupos étnicos e mantém em silêncio alguns outros. Não seria este trabalho desenvolvido pela Cia Afro-Cena uma forma de dar visibilidade às ações locais de um grupo que lutou e fez possível a produção de sua história étnico-racial em um tempo que essa ação por si só já é uma conquista? Este trabalho da Companhia pode funcionar como movimento de contraconduta para alguns sujeitos negros, mas não há como garantir que todos sejam envolvidos e vivam os princípios deste grupo na sua intensidade. É possível ver nessa organização, no entanto, um movimento que coloca em ação outras formas de governmentação, mesmo que muitas vezes possam envolver-se nas tramas do poder/saber/governo que estão em ação nos processos de governamentalidade atuantes no município, Estado e país. Esse grupo não necessariamente rompe com a lógica de governmentação dos sujeitos negros venâncio-airesenses, mas produz uma espécie de resistência que estabelece novas formas de condução destes sujeitos. Como nos esclarece Veiga-Neto (2006, p. 22), “sempre é possível exercer uma resistência, nesse caso entendida como uma (re)ação ou, se quisermos, como uma ação de contrapoder. Resistir a uma ação de poder significa problematizar tal ação, valendo-se, para isso, também do poder”.

A contraconduta, enquanto movimento que procura escapar das formas de condução propostas pelo regime de verdade que circula em Venâncio Aires, caracteriza-se por formas de resistência que ocorrem no campo político das identidades do sujeito negro. O trabalho da Cia Afro-Cena permite que o afro-descendente seja visibilizado em outras posições, favorecendo pequenas rupturas e constituindo novas formas de ser negro neste município. A contraconduta, assim, comprova que o poder não é unidimensional, ele se estabelece de muitos modos, como fios que se entrelaçam e formam uma trama de relações, que vão sempre produzindo novas possibilidades de tecido social. Segundo Foucault (2008, p. 259),

O fato de essas lutas serem específicas, de essas resistências de conduta serem específicas não quer dizer que permaneceram separadas ou isoladas umas das outras, com seus próprios parceiros, com suas próprias formas, com sua própria dramaturgia e seu objetivo bem distinto. Na verdade, estão sempre ligadas, quase sempre em todo caso, ligadas a outros conflitos ou a outros problemas.

Ao finalizar este capítulo, gostaria de dizer que entendo os movimentos de contraconduta como uma possibilidade de resistir à maneira como o sujeito negro é governado no município de Venâncio Aires. Embora os discursos que circulam neste local continuem operando de modo a conduzir suas condutas, o exemplo da Cia Afro-Cena mostra que existem estratégias capazes de fazer com que o afro-descendente seja conduzido de outras formas. Neste caso, a contraconduta se produz mediante a articulação política de um grupo de atores negros que aos poucos vai ganhando espaço no cenário cultural do município. A Semana Afro-cena, realizada no mês de fevereiro, pode ser um exemplo deste movimento: levar a todos os moradores dos bairros da cidade, negros e brancos, atividades culturais que enfatizem a cultura afro-brasileira, assim como a reflexão sobre o racismo e a aplicabilidade da Lei 10.639 dentro das instituições de ensino, por meio de peças de teatro, bem como projeto de prevenção ao uso de drogas. Estes são alguns trabalhos desenvolvidos por este grupo de atores negros que operam em uma lógica diferente da maioria das ações propostas pelo Movimento Negro.

Por outro lado, ao criar personagens que são afro-descendentes, a Cia Afro-Cena corre o risco de carregar o ônus de sua própria representação, pois não podemos esquecer que sua produção será assistida também por não-negros<sup>27</sup>. Em outras palavras, não há como escolher e regular os sentidos que interpelarão os sujeitos. Como afirmam Stam e Shohat (1995, p. 72), “qualquer comportamento negativo por qualquer membro da comunidade é instantaneamente generalizado como típico, apontando para um perpétuo retorno na direção de uma essência presumidamente negativa”. De qualquer forma, enquanto houver movimentos como a contraconduta, haverá possibilidade de pensar de outras formas a produção do sujeito negro e as relações étnico-raciais, e em consequência disso, uma educação que busque por relações interculturais, entendendo-as em suas complexidades. Ao finalizar esse capítulo, é preciso reafirmar que, analisar os sujeitos negros da comunidade venâncio-airense é, foi e será sempre um desafio contingente e provisório.

---

<sup>27</sup> Esta constatação foi resultado de um trabalho realizado juntamente com a orientadora Eli Henn Fabris, quando tomamos como material de análise o média metragem chamado “360”, a primeira produção cinematográfica desenvolvida pela Cia Afro-Cena. O nome do trabalho é “A cultura afro-brasileira e sua produção cultural: Uma análise do filme “360”, e foi apresentado e publicado nos anais do 4º Seminário Brasileiro de Estudos Culturais e Educação - 4º SBECE/1º Seminário Internacional de Estudos Culturais e Educação – 1º SIECE, ocorrido na ULBRA, em maio de 2011.

## **7 ÚLTIMAS PÁGINAS: para pensar de outros modos o sujeito negro e a educação**

No ano de 2005, o vereador negro Nestor de Azeredo elaborou um projeto de lei que instituiu o Troféu Zumbi dos Palmares, com o objetivo de homenagear os cidadãos negros venâncio-aireses que trabalham em prol da cultura afro-brasileira. Desde essa data, anualmente a Câmara de Vereadores se reúne em sessão solene para marcar o Dia da Consciência Negra e entregar este troféu aos referenciados. No ano de 2011, uma das homenageadas foi a princesa da 11ª Festa Nacional do Chimarrão, Fernanda Cássia Landim. Em depoimento à Folha do Mate, Fernanda disse ter ficado muito feliz com o fato de ter sido escolhida para fazer parte da corte da FENACHIM, especialmente por ser a terceira negra a vencer o concurso, como pode ser visto na reportagem:

Foi um sonho realizado. Fui a terceira negra a fazer parte da corte, começando com Viviane Lopes na 1ª Fenachim como princesa e com Daniela Azeredo, rainha na nona edição da festa. [...] Somos capazes, podemos e temos o nosso espaço, sim! Me orgulho, também, porque não foi somente a minha beleza, mas principalmente o meu conhecimento e meu esforço intelectual que me fizeram alcançar a nota mais alta do concurso no ano em que concorri e que permanece sendo a nota mais alta. (Disponível em: <http://folhadomate.tempsite.ws/index.php/conteudo/show/id/17436/cat/4>).

Tanto o Troféu Zumbi dos Palmares, como o vereador negro e a presença de uma negra junto à corte das soberanas da festa mais importante do município podem ser exemplos de visibilidade do sujeito negro venâncio-airesense. Mesmo que esta visibilidade ocorra principalmente durante a passagem do Dia da Consciência Negra e do carnaval, é possível observar alguns sujeitos destacando-se em outras instâncias da sociedade, como é o caso da política. Embora Nestor de Azeredo tenha sido até o momento o único vereador negro do município, em duas eleições ele foi o mais votado, precisamente nos anos de 2000 e 2004. Sobre esse fato o historiador René Gertz, pesquisador da imigração alemã, fez a crítica de um

artigo publicado na Zero Hora, no ano de 2005. Em nota de rodapé, o autor afirma:

A atribuição de exotismo à “colônia alemã” pode – com alguma atenção – ser detectada em praticamente qualquer edição de jornal que tenha alguma notícia relacionada a ela. No jornal Zero Hora de 16 de outubro de 2004, a colunista Rosane de Oliveira escreveu, referindo-se às então recentes eleições municipais: “Em Venâncio Aires, “cidade de alemães”, um negro é bicampeão de votos (p. 10). É evidente que o aposto “cidade de alemães” deriva do preconceito da colunista de que numa comunidade de origem alemã um negro só pode receber pancadas, e não uma enxurrada de votos (GERTZ, 2007, p. 79).

A colocação enfática de Gertz (2007) sobre o texto da jornalista é decorrente de um conjunto infundável de comentários deste gênero. Certamente, ela não é a única a achar curioso o fato de um negro receber tantos votos em um município que é marcado pela colonização alemã, como Venâncio Aires. No entanto, Nestor de Azeredo não se destacou apenas na política: atuou por vários anos no Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias do Fumo, Alimentação e Afins de Venâncio Aires e é também responsável pelo programa “A Voz do Povo”, da Rádio Venâncio Aires – RVA, que trata de assuntos gerais do cotidiano, com entrevistas e músicas. As festas pela passagem do Dia do Trabalhador também eram sempre coordenadas por ele, como podemos ver na imagem abaixo:



Imagem 23 – Festa dos Trabalhadores

Fonte: Folha do Mate, 7 de maio de 1996.

Trago esta discussão para as considerações finais desta dissertação para mostrar algumas das questões que me instigaram a desenvolver um estudo sobre o sujeito negro no município de Venâncio Aires. A figura emblemática de Nestor de Azeredo e o reconhecimento de seu trabalho no município ultrapassam as fronteiras de sua própria cor, ele é considerado, acima de tudo, um homem do povo, que luta pela causa da população venâncio-airesense. Por outro lado, não podemos esquecer que esse senhor é negro e afirma sua identidade afro-descendente com convicção, o que muitas vezes não ocorre em espaços culturais que valorizam essencialmente a tradição europeia.

O jornal Folha do Mate, tomado como superfície investigativa, permitiu-me traçar uma análise de diversos temas que englobam a negritude brasileira, tudo isso pensado a partir de um município do interior, como é o caso de Venâncio Aires. Sendo a história o único *a priori* deste estudo, buscar as condições de possibilidade para a emergência dos acontecimentos e das visibilidades apresentadas no jornal, em especial do regime de verdades que se coloca sobre os sujeitos venâncio-airesenses, foram importantes para estabelecer as relações que colocam em jogo a produção do sujeito negro. Acredito que esta pesquisa evidencia o quanto as investigações

de cunho regional são relevantes para compreendermos como operam as relações de poder e quais as barreiras construídas pela sociedade para pensarmos a efetiva participação do negro na cultura brasileira, assim como na Educação, no trabalho, na política.

Este estudo procurou mostrar, também, que quanto maior a intensidade com que os discursos circulam em um determinado espaço, constituindo regimes de verdade, maiores serão os efeitos nos sujeitos sociais, o que pode ocorrer de forma positiva ou negativa, de acordo com sua posição neste discurso. No caso do sujeito negro, os efeitos destas verdades são perversos, uma vez que sua participação para o desenvolvimento da comunidade venâncio-airense se dá no âmbito da celebração ou da tolerância. A definição de três discursos que são colocados em circulação pelo jornal Folha do Mate, desta forma, foi importante para que eu pudesse responder como se constitui o sujeito negro no município de Venâncio Aires, questão central desta investigação.

Ao estabelecer os jeitos de ser e viver na comunidade venâncio-airense, o discurso da comunidade opera de forma a produzir determinadas normas que conduzem os indivíduos, definindo os que podem e os que não podem participar da vida comunitária do município. Este discurso pode ser pensado como uma tentativa de preservar algumas características da tradição germânica, como o associativismo e a religiosidade que, somado ao tradicionalismo gaúcho, constituem uma comunidade imaginada que exclui a maioria dos sujeitos negros. Esta exclusão, no entanto, pode ser evitada se o afro-descendente permitir ser conduzido pela cultura do outro, isto é, convivendo pacificamente nos espaços em que a cultura germânica e gaúcha é referenciada, assimilando a cultura do outro ou vivendo o processo de transculturação. Esta é a principal condição para ser tolerado nestes espaços que Pratt (1999) chamou de zonas de contato.

O discurso politicamente correto, por sua vez, se configura como uma tentativa de contornar a diferença e o preconceito existente em Venâncio Aires, se potencializando através do uso do termo “moreno” para referir-se aos afro-descendentes. Mesmo que este esforço linguístico tenha deixado de existir no final da década de 80, mais precisamente no ano de 1988, ainda

hoje muitas pessoas sentem receio de chamar alguém de cor preta como negra, o que mostra que esse cuidado permanece presente no cotidiano das pessoas. Sendo uma característica do multiculturalismo, o discurso politicamente correto se torna perverso na medida em que coloca em exercício a tolerância.

O deslocamento discursivo observado no material de pesquisa, no ano de 1988, permitiu-me identificar a emergência do discurso da diversidade étnico-racial. Característico dos nossos tempos, ele procura evidenciar a vivência pacífica das diferentes culturas no mesmo espaço, contornando qualquer sintoma de conflito que possa ocorrer por meio da diferença. Com o deslocamento da sociedade disciplinar para a sociedade de controle, outras tecnologias de condução dos indivíduos surgem, o que produz novas formas de olhar para o “outro”. Os invisíveis, então, não são mais aqueles que devem ser anulados, agora são os protegidos do Estado que, através de políticas de inclusão e de “reparação” históricas, precisam ser conhecidos para melhor ser governados.

Embora esta investigação não tenha tratado especificamente da educação escolar, entendo que as verdades colocadas em circulação pelo jornal também se constituem com um forte instrumento educativo, já que a mídia é um campo de produção de sentidos, especialmente quando alcança considerável parcela da população. Utilizado como instrumento da governamentalidade, o jornal educa os sujeitos venâncio-aireses a olhar para o negro e, ao mesmo tempo, educa o afro-descendente a olhar para ele mesmo. A Folha do Mate procura dar conta dos principais acontecimentos ocorridos em Venâncio Aires, e atualmente tem publicado muitas reportagens sobre alguns sujeitos negros, especialmente o trabalho desenvolvido pela Cia Afro-Cena. No entanto, isso não significa que estas visibilidades produzam fraturas no interior dos discursos, que historicamente foram construídos também pelo próprio jornal no município. Se estes discursos estruturam-se a partir de intensas relações de poder, e isto pode ser visibilizado no jornal, certamente o mesmo ocorre em outras instancias educativas, como a escola. Segundo Hall,

Mas o que é a educação senão o processo através do qual a sociedade incute normas, padrões e valores — em resumo, a “cultura” — na geração seguinte na esperança e expectativa de que, desta forma, guiará, canalizará, influenciará e moldará as ações e as crenças das gerações futuras conforme os valores e normas de seus pais e do sistema de valores predominante da sociedade? O que é isto senão regulação — governo da moral feito pela cultura? (1997, p. 41)

Pensar todas estas questões, no decorrer do curso de mestrado, possibilitam-me ampliar o olhar sobre a temática da cultura e da Educação. Algumas destas mudanças certamente puderam ser acompanhadas também no decorrer da leitura desta dissertação, embora ela seja um produto final de um longo processo de discussão, leituras e revisões. Esta espécie de alquimia, ocorrida com o pesquisador durante o movimento de produção da pesquisa, serve para mostrar o quanto a investigação se desenvolve no terreno da instabilidade, da contingência e da flexibilidade, como também o são as conclusões a que chegamos ao final do estudo. Enfim, sempre é possível pensar de outros modos o sujeito negro e a Educação.

Desta forma, na medida em que chegamos a determinados lugares no campo da pesquisa, outras possíveis investigações vão surgindo, este movimento é inerente à própria produção do conhecimento. Depois de desenvolver uma analítica das verdades que circulam no jornal Folha do Mate e que produzem o sujeito afro-descendente, o próximo passo seria desenvolver um estudo sobre as suas formas de subjetivação, inspirado nos últimos escritos publicados de Michel Foucault. O que não foi possível enxergar até o momento é como o sujeito afro-descendente se posiciona na lógica da governamentalidade, o que ele faz com o que é dito sobre ele e como isso o subjetiva. Em relação à instituição escolar, outras perguntas ainda poderiam ser feitas, pois como uma maquinaria produtora de subjetividades, ela jamais está alheia aos movimentos da sociedade.

## REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de. *História: A arte de inventar o passado*. Bauru, SP: Edusc, 2007.
- ANDERSON, Benedict. *Nação e Consciência Nacional*. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: Ática, 1989.
- BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. 4ª reimp. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.
- BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1998.
- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2001.
- BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- CANCLINI, Néstor García. *Culturas híbridas: Estratégias para entrar e sair da Modernidade*. Tradução de Ana Regina Ressa e Heloísa Pezza Cintrão. São Paulo: EDUSP, 1997.
- CANDAU, Vera Maria. Multiculturalismo e educação: desafios para a prática pedagógica. In: MOREIRA, Antônio Flávio; CANDAU, Vera Maria (orgs). *Multiculturalismo: Diferenças Culturais e Práticas Pedagógicas*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008, p. 13-37.
- CARVALHO, José Murilo de. Um país em preto e branco. In: ALDÉ, Lorenzo. Etnia, pra que te quero. *Revista de História da Biblioteca Nacional*, mar. 2007, p. 16-27.
- CASTRO, Edgardo *Vocabulário de Foucault- Um percurso pelos seus temas, conceitos e autores*. Tradução: Ingrid Müller Revisão técnica: Alfredo Veiga- Neto e Walter Omar Kohan Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.
- CIA AFRO-CENA. Disponível em: <http://www.ciafrocena.com.br/?pg=7122>. Acesso em: 3 abr. 2011.
- COM bênçãos afro. Entrevista com o bispo negro Gílio Felício. *Sem Fronteiras*, n. 259, abr./mai 1998.
- COSTA, Sérgio. *Dois Atlânticos: Teoria social, anti-racismo, cosmopolitismo*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2006.
- CRAIA, Eladio C. P. Deleuze e a ontologia: o Ser e a Diferença. In: ORLANDI, Luis B. L (org.) *A Diferença*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2005.
- DAMATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis: Para uma Sociologia do Dilema Brasileiro*. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar Ed, 1983.
- DAMATTA, Roberto. *A casa e a rua. Espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. 4. ed. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara Koogan S.A, 1991.
- DAMATTA, Roberto. *O que faz o brasil, Brasil?* Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 1997.

DELEUZE, Gilles. *Foucault*. 2. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1993.

DOMINGUES, Petrônio. *Movimento Negro Brasileiro: Alguns apontamentos históricos* (2007). Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/tem/v12n23/v12n23a07.pdf>. Acesso em: 10 mai. 2011.

DUSCHATZKY, Silvia; SKLIAR, Carlos. O nome dos outros. Narrando a alteridade na cultura e na Educação. In: LARROSA, Jorge, SKLIAR, Carlos. *Habitantes de Babel: políticas e poéticas da diferença*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001, p. 119-138.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. *Os estabelecidos e os Outsiders: Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2000.

EWALD, François. *Foucault, a norma e o direito*. 2. ed. Lisboa: Vega, 2000.

FABRIS, Eli Teresinha Henn. *Em cartaz: o cinema brasileiro produzindo sentidos sobre escola e trabalho docente*. 2005. 231 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2005.

FENTON, Steve. *Etnicidade*. Tradução de Joana Chaves. Lisboa: Insitituto Piaget, 2003.

FERNANDES, Luis. Futebol, Racismo e Identidade Nacional. Prefácio à 4ª ed. In: MARIO FILHO. *O negro no futebol brasileiro*. 4. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. O dispositivo pedagógico da mídia: Modos de educar na (e pela) TV. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v.28, n.1, p. 151-162, jan./jun. 2002.

FOLHA DO MATE, Jornal de Venâncio Aires. Disponível em: <http://www.folhadomate.com.br/>. Acesso em: 15 ago. 2010.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Organização, Introdução e Revisão Técnica de Roberto Machado. 27 reimp. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, Hubert L. *Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Tradução de Vera Porto Carrero. Rio de Janeiro: Florense Universitária, 1995.

FOUCAULT, Michel. *Os anormais: curso no Collège de France (1974-1975)*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

FOUCAULT, Michel. *Segurança, Território, População*. Curso dado no Collège de France (1977-1978). Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 19. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2009.

FOUCAULT, Michel. *Do governo dos vivos: Curso no Collège de France, 1979-1980: excertos*. Tradução, transcrição e notas de Nildo Avelino. São Paulo: Centro de Cultura Social; Rio de Janeiro: Achiamé, 2010.

GALLO, Sílvio. Uma apresentação: diferenças e educação; governamento e resistênça. In: LOPES, Maura Corcini; HATTGE, Morgana Domênica (Orgs.) *Inclusão Escolar: Conjunto de práticas que governam*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

GALLO, Sílvio. Entre Édipos e *O Anti-Édipo*: estratégias para uma vida não-fascista. In: RAGO, Margareth; VEIGA-NETO, Alfredo (orgs.) *Para uma vida não-fascista*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

GERTZ, René E. Imigração e história. In: GIRON, Loraine S; RADÜNZ, Roberto (orgs.) *Imigração e Cultura*. Caxias do Sul, RS: EDUCS, 2007, p. 73-88.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio A. *Preconceito racial: Modos, Temas e Tempos*. São Paulo: Cortez, 2008.

GHIRALDELLI JR, Paulo. *Virada Linguística - Um verbete* (2008). Disponível em: <http://ghiraldelli.files.wordpress.com/2008/07/virada.pdf>. Acesso em: 19 jan. 2012.

GOMES, Nilma Lino. Cultura negra e educação. *Revista Brasileira de Educação*, n. 23, mai./ago. 2003.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. *Educação & Realidade*, v. 22, n. 2, p. 17-46, jul./dez. 1997.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na Pós-modernidade*. 7. ed. Rio de Janeiro: Ed. DP&A, 2003.

HARVEY, David. *Condição pós-moderna: Uma Pesquisa sobre as Origens da Mudança Cultural*. São Paulo: Loyola, 1992.

HERMANN, Nadja. Racionalidade e tolerância no contexto pedagógico. In: FÁVERO, A. A; DALBOSCO, C. A; MARCON, T (orgs.). *Sobre filosofia e educação: racionalidade e tolerância*. Passo Fundo, RS: Ed. da Universidade de Passo Fundo, 2006, p. 123-142.

HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence (orgs.). *A invenção das tradições*. Tradução de Celina Cardim Cavalcante. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

IPEA. Relatório Anual das Desigualdades Raciais no Brasil (2009-2010). Disponível em: [http://www.laeser.ie.ufrj.br/PT/relatrios%20pdf/Relat%C3%B3rio\\_2009-2010.pdf](http://www.laeser.ie.ufrj.br/PT/relatrios%20pdf/Relat%C3%B3rio_2009-2010.pdf). Acesso em: 20 jan. 2012.

KELLNER, Douglas. *A Cultura da mídia - estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pos-moderno*. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

LOPES, Maura Corcini. Inclusão como prática política de governamentalidade. In: \_\_\_\_\_; HATTGE, Morgana Domênica (Orgs.) *Inclusão Escolar: Conjunto de práticas que governam*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009, p. 107-130.

- LOPES, Maura Corcini. Políticas de inclusão e governamentalidade – Prefácio. In: THOMA, Adriana da Silva; HILLESHEIM, Betina (orgs.). *Políticas de Inclusão: ferenciando riscos e governando as diferenças*. Santa Cruz do Sul, EDUNISC, 2011, p. 7-15.
- MARIO FILHO. *O negro no futebol brasileiro*. 4. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.
- MEYER, Dagmar E. E. *Identidades Traduzidas: Cultura e docência teuto-brasileiro- evangélica no Rio Grande do Sul*. Santa Cruz do Sul, RS: EDUNISC, 2000.
- MOREIRA, Antônio Flavio B. *Currículo na contemporaneidade: incertezas e desafios*. São Paulo: Cortez, 2003.
- MOREIRA, Antônio Flávio; CANDAU, Vera Maria (orgs.). *Multiculturalismo: Diferenças Culturais e Práticas Pedagógicas*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- NEUMAN, Marinês Teresinha. *Narrativas identitárias e associativismo de tradição germânica na região de Santa Cruz do Sul: o discurso da identidade regional (1850-1950)*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2006.
- OLIVEN, Ruben George. *A parte e o todo: a diversidade cultural no Brasil - Nação*. Petrópolis: Vozes, 1992.
- ORO, Ari. Religiões Afro-Brasileiras do Rio Grande do Sul: Passado e Presente. *Estudos Afro-Asiáticos*, ano 24, n. 2, 2002, p. 345-384.
- PEREIRA, Jair Luiz. A presença da população afrodescendente em Venâncio Aires. In: VOGT, Olgário Paulo (Org.) *Abrindo o Baú de Memórias: O Museu de Venâncio Aires conta a história do município*. Santa Cruz do Sul, RS: Edunisc, 2004.
- PEREIRA, Jair Luiz. *Identidade e desenvolvimento regional: o caso de uma comunidade afro-brasileira no Vale do Rio Pardo (RS)*. UNIVERSIDADE DE SANTA CRUZ DO SUL Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional. 2005.
- PIERRUCCI, Antônio Flávio. *Ciladas da Diferença*. São Paulo: USP, Curso de pós-graduação e Sociologia. Ed: 34, 1999.
- POPKEWITZ, Thomas S. Popkewitz; OLSSON, Ulf; PETERSSON, Kenneth. Sociedade da Aprendizagem, Cosmopolitismo, Saúde Pública e Prevenção à Criminalidade. *Educação & Realidade*, n. 34, v. 2, mai/ago 2009, p. 73-96.
- POSSENTI, Sírio. *Os limites do Discurso: ensaios sobre discurso e sujeito*. 2. ed. Curitiba: Criar edições, 2004.
- PRATT, Mary Louise. *Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação*. Tradução de Jézio Hernani Bonfin Gutierrez. Bauru, SP: EDUSC, 1999.
- PREFEITURA MUNICIPAL DE VENÂNCIO AIRES. Disponível em: <http://www.pmva.com.br/>. Acesso em: 10 mai. 2011.
- REIS, João José. Identidade e Diversidade Étnicas nas Irmandades Negras no Tempo da Escravidão. *Tempo*, Rio de Janeiro, n. 3, v. 2, 1996.

- ROOS, Ana Paula. Sobre a (in)governabilidade da diferença. In: LOPES, Maura Corcini; HATTGE, Morgana Domênica (Orgs.) *Inclusão Escolar: Conjunto de práticas que governam*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.
- RORTY, Richard. *Contingência, ironia e solidariedade*. Tradução de Vera Ribeiro. São Paulo: Martins, 2007.
- SANSONE, Livio. *Negritude sem Etnicidade*. O local e o global nas relações raciais e na produção cultural negra do Brasil. Salvador: Edufba; Pallas, 2003.
- SEMPRINI, Andrea. *Multiculturalismo*. Tradução de Laureano Pelegrin. Florianópolis: EDUSC, 1999.
- SENNETT, Richard. *A cultura do Novo Capitalismo*. Tradução de Clóvis Marques. Rio de Janeiro/São Paulo: Editora Record, 2006.
- SILVA, Juremir Machado da. *História regional da infâmia: o destino dos negros farrapos e outras iniquidades brasileiras (ou como se produzem os imaginários)*. Porto Alegre: L&PM, 2010.
- SILVA, Mozart Linhares da. *Educação, Etnicidade e Preconceito no Brasil*. Santa Cruz do Sul, RS: EDUNISC, 2007.
- SILVA, Mozart Linhares da. Ciência, raça e racismo: caminhos da eugenia. In: \_\_\_\_\_ (Org.) *Ciência, Raça e Racismo na Modernidade*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2009.
- SILVA, Mozart Linhares da; WESCHENFELDER, Viviane Inês. Sujeitos rasurados: uma análise da construção da identidade afrodescendente a partir dos espaços educativos no território do rio grande do sul. *Revista Mal-Estar e Subjetividade*, Fortaleza, v. 10, n.1, mar. 2010.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. O projeto educacional moderno: identidade terminal? In: VEIGA-NETO, Alfredo (Org.). *Crítica Pós-Estruturalista e Educação*. Porto Alegre: Sulina, 1995.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. *Documentos de Identidade: uma introdução às teorias do Currículo*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: \_\_\_\_\_ (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- SINSOM, Olga R. de Moraes von. Mulher e carnaval: Mito e realidade. *Revista de História*, São Paulo, n. 125 -126, ago-dez/ jan-jul 1992, p. 7-32.
- SKLIAR, Carlos. A educação e a pergunta pelos Outros: diferença, alteridade, diversidade e os outros "outros". *Ponto de Vista*, Florianópolis, n.05, p. 37-49, 2003.
- SKOLAUDE, Mateus. *Identidades rasuradas: O caso da comunidade afrodescendente de Santa Cruz do Sul (1970-2000)*. Santa Cruz do Sul, RS: EDUNISC, 2008.

STAM, Robert, SHOHAT, Ella. Estereótipo, Realismo e Representação Racial. *Imagens*, n.5, UNICAMP, São Paulo, ago./dez. 1995.

TRAMONTINI, Marcos Justo. *A escravidão na colônia alemã* (São Leopoldo – primeira metade do século XIX). Disponível em: <http://www.fee.tcche.br/sitefee/download/jornadas/1/s5a3.pdf>. Acesso em: 12 dez. 2011.

VEIGA-NETO, Alfredo. Michel Foucault e Educação: há algo de novo sob o sol? In: \_\_\_\_\_ (Org.). *Crítica Pós-Estruturalista e Educação*. Porto Alegre: Sulina, 1995.

VEIGA-NETO, Alfredo. Incluir para excluir. In: LARROSA, Jorge, SKLIAR, Carlos. *Habitantes de Babel: políticas e poéticas da diferença*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

VEIGA-NETO, Alfredo. Coisas do Governo... In: RAGO, M; ORLANDI, L. B. L; VEIGA-NETO, A. *Imagens de Foucault e Deleuze: ressonâncias nietzschianas*. Rio de Janeiro, DP & A Ed, 2002.

VEIGA-NETO, Alfredo. Cultura, culturas e educação. *Revista Brasileira de Educação*, n. 23, Mai/Ago. 2003.

VEIGA-NETO. Dominação, violência, poder e educação escolar em tempos de Império. In: RAGO, Margareth; VEIGA-NETO, Alfredo (orgs.). *Figuras de Foucault*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006, p. 13-38.

VEIGA-NETO, Alfredo. *Foucault e a Educação*. Coleção Pensadores & Educação. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

VEIGA-NETO, Alfredo; LOPES, Maura Corcini. Identidade, cultura e semelhanças de família: as contribuições da virada lingüística. In: BIZARRO, Rosa (org.) *Eu e o Outro*. Estudos Multidisciplinares sobre Identidade(s), Diversidade(s) e Práticas Interculturais, Porto: Areal Editores, 2007.

VEIGA-NETO, Alfredo. Crise da Modernidade e inovações curriculares: da disciplina para o controle. In: PERES, Eliane etal (orgs). *Trajetórias e processos de ensinar e aprender: sujeitos, currículos e culturas*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

VEYNE, Paul. *Como se escreve a história*. 3. ed. Brasília: Ed. Da UNB, 1995.

VOGT, Olgário Paulo; ECKERT, José Paulo. Erva-mate e Chimarrão. In: VOGT, Olgário Paulo (Org.) *Abrindo o Baú de Memórias: O Museu de Venâncio Aires conta a história do município*. Santa Cruz do Sul, RS: Edunisc, 2004.

VOGT, Olgário Paulo (Org.) *Abrindo o Baú de Memórias: O Museu de Venâncio Aires conta a história do município*. Santa Cruz do Sul, RS: Edunisc, 2004.

YÚDICE, George. *A conveniência da cultura: usos da cultura na era global*. Tradução de Marie-Anne Kremer. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

